

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**  
**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**

**BEATRIZ VIRGÍNIA GOMES BELMIRO**

**ENTRE MEDALHAS, BÚZIOS E CONTAS: A INFÂNCIA POBRE NA CASA  
DOS EXPOSTOS DO RIO DE JANEIRO E SALVADOR (1870-1900)**

**Rio de Janeiro**

**2023**

**BEATRIZ VIRGÍNIA GOMES BELMIRO**

**ENTRE MEDALHAS, BÚZIOS E CONTAS: A INFÂNCIA POBRE NA CASA  
DOS EXPOSTOS DO RIO DE JANEIRO E SALVADOR (1870-1900)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gisele Sanglard

Co-orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Daiane Silveira Rossi

Rio de Janeiro

2023

## **BEATRIZ VIRGÍNIA GOMES BELMIRO**

### **ENTRE MEDALHAS, BÚZIOS E CONTAS: A INFÂNCIA POBRE NA CASA DOS EXPOSTOS DO RIO DE JANEIRO E SALVADOR (1870-1900)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gisele Sanglard (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Daiane Silveira Rossi (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Co-orientadora

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Renilda Nery Barreto (Programa de Pós-Graduação Relações Étnicos-Raciais, CEFET-Rio/SME-Santo Antonio de Jesus-BA)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Tania S. Pimenta (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

#### **Suplentes**

---

Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> Luiz Otávio Ferreira (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Caroline Amorim Gil (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Rio de Janeiro  
2023

B451e Belmiro, Beatriz Virgínia Gomes.

Entre medalhas, búzios e contas : a infância pobre na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro e Salvador (1870-1900) / Beatriz Virgínia Gomes Belmiro. – Rio de Janeiro, 2023.  
117 f. : il. color.

Orientadora: Gisele Sanglard.  
Dissertação (Mestrado Acadêmico em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz.

Bibliografia: f. 112-117.

1. Saúde da Criança Institucionalizada. 2. Criança Abandonada. 3. História do Século XIX. 4. Brasil.

CDD 362.1

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Rede de Bibliotecas da Fiocruz com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Responsável pela Ficha Catalográfica: Marise Terra - CRB-6-351

Para minha mãe, Joelma Gomes e meu irmão Arthur Rangel.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a todos aqueles que vieram antes de mim e abriram espaço para que hoje uma jovem do Complexo da Maré pudesse se tornar mestra, mesmo que antes eu nem soubesse que isso fosse possível. Esse agradecimento também é sobre oportunidades, a gente só consegue sonhar com aquilo que conhece e esse ano faz dez anos que a Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz me recebeu com todo carinho do mundo, junto a equipe do Programa de Vocação Científica/PROVOC em parceria com o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré/CEASM. Sou muito grata por ter tido essa oportunidade e me dediquei durante todos esses anos para fazê-la valer a pena. Agradeço também à Capes pelo financiamento dessa pesquisa.

Para falar desses dez anos de Fiocruz, eu preciso agradecer a pessoa que me ensinou a fazer o meu primeiro fichamento, me deu um livro do Marc Bloch para ler e a partir de então nunca soltou minha mão, mesmo que eu não seja nada fácil as vezes. Gisele Sanglard tem sido minha orientadora desde o início dessa jornada e me faltam palavras para agradecer toda paciência e dedicação comigo em todos esses anos, toda minha paixão pela profissão foi admirando o seu trabalho.

Também gostaria de agradecer a minha co-orientadora nesse processo de mestrado, Daiane Rossi, que chegou junto nessa correria e mesmo assim deu conselhos e fez comentários que sem dúvidas vou levar para a vida. Foi muito importante ter você também nesse caminho com suas ideias e seu amor pela profissão, sou muito grata.

Agradeço a banca examinadora, as pesquisadoras Maria Renilda Barreto e Tânia Pimenta por aceitarem o convite e pelo cuidado que tiveram durante a qualificação. Também agradeço aos suplentes por aceitarem o convite, os pesquisadores Luiz Otávio Ferreira e Caroline Amorim Gil, a maioria de vocês conhecem meu trabalho desde o início e todos possuem minha admiração, ter vocês nesse momento é muito significativo.

Gostaria de agradecer também a minha companheira de vida, Thay Silva, nós superamos uma monografia no meio de uma pandemia e uma dissertação em seguida, você foi a pessoa mais próxima de mim em todo esse processo, e quem nunca me deixou desistir. Obrigada por tudo, te amo.

Agradeço a minha mãe, por ter sempre acreditado nos meus sonhos, mesmo os mais impossíveis, você nunca nem me deixou dizer essa palavra em casa, sempre esteve presente e

toda minha insistência vem de você. Quando contei do mestrado me disse que não sonhava com tanto, pois é, aqui estamos e ninguém vai nos parar, essa vitória é nossa. Também agradeço ao Erick por dividir essa história com a gente.

Agradeço também ao meu irmão, Arthur Rangel, por ser meu alicerce, por me dar oportunidade de dividir uma vida com você. Dois jovens de favela, vivos e seguindo os seus sonhos, eu sempre acreditei e me orgulho de você.

Também gostaria de agradecer ao meu pai, você nunca entendeu muito bem tudo isso, mas sempre se orgulhou e que bom que hoje temos a oportunidade de comemorar juntos, que esses momentos se multipliquem em nossas vidas. Agradeço também a sua companheira Miriam por sempre chegar junto em tudo.

Agradeço o carinho dos colegas da turma de mestrado de 2021 da Casa de Oswaldo Cruz, nossa conexão foi rápida mesmo que distante nesse processo e foi muito importante. Em especial, à minha amiga Renata Carneiro que desde 2015 vem sendo resistência comigo pelos espaços acadêmicos, a irmã mais velha que eu não tive, te amo.

Também agradeço a todos os meus amigos pela paciência e carinho comigo nesse processo, seria muita gente para lembrar nessas linhas. Mas agradeço em especial minha amiga Adrielly Ribas por ter sido quem me incentivou desde o início a cursar História e desde então se tornou meu abrigo nos momentos mais felizes e nos mais difíceis, “eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor”.

Agradeço a Uerj por ter me acolhido e fazer parte da minha história, por tantos amigos que carregou comigo e aos professores. Especialmente à Renata Moraes e ao Eduardo Chacon, pelas aulas prazerosas, as conversas e pelo incentivo, espero ser um pouco de vocês um dia.

Preciso agradecer ao Complexo de Favelas da Maré, por todos os amigos, vizinhos, pelo incentivo na luta diária e por desde criança ouvir de cada um de vocês que eu iria muito longe um dia, enquanto o mundo nos nega, a gente se aquilomba, se ajuda, espero ir ainda mais longe e ver cada vez mais de vocês comigo e além.

Por fim, mas de extrema importância na minha vida, agradeço a todo coletivo da Frente de Mobilizações da Maré e todo trabalho feito no combate ao coronavírus na nossa favela. Foram dois anos sendo linha de frente, de noites mal dormidas, de sobe e desce de cestas básicas, perdendo pessoas queridas, mas sem tempo para chorar, a fome tem pressa. As pessoas nos agradecendo como heróis e por dentro quem cuidava da gente? Só nós sabemos as difíceis situações que enfrentamos juntos, vencemos? Eu não sei, mas que resistimos, isso eu tenho certeza e continuamos, nada nunca é fácil, mas que bom que eu tenho vocês.

*Tem que acreditar.  
Desde cedo a mãe da gente fala assim:  
filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes  
melhor.  
Aí passado alguns anos eu pensei:  
Como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo  
menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela  
história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas  
psicoses... por tudo que aconteceu? Duas vezes  
melhor como?  
Ou melhora ou ser o melhor ou o pior de uma vez.  
E sempre foi assim.  
Racionais MC's – A vida é desafio (DVD 1000 trutas  
1000 tretas 2006)*



## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estudar o perfil da infância sob os cuidados da Casa dos Expostos das cidades do Rio de Janeiro e de Salvador na segunda metade do século XIX. Assim como objetiva traçar o perfil das famílias que buscavam auxílio da instituição, através da leitura dos bilhetinhos e da cultura material, os chamados “sinais” que acompanhavam as crianças que eram submetidas à instituição, geralmente elementos que trazem informações sobre as famílias, como as medalhas, os búzios, as contas, as figas, os corais, entre outros. Com o intuito de conhecer o perfil da pobreza que a elas recorria em ambas as cidades, buscamos uma abordagem interseccional analisando os motivos que levavam as famílias a colocarem seus filhos na Roda, ou que nela acabavam, seja por questões de doença, raça, classe e gênero. O período estudado é marcado pela chegada significativa de imigrantes no Brasil e pelo processo de Abolição da escravatura até culminar na abolição de fato em 1888. Interessa perceber como as mudanças no perfil da infância assistida refletem nas modificações do caráter da própria instituição da Casa dos Expostos, que aos poucos passa a receber cada vez menos crianças abandonadas e cada vez mais crianças temporárias e desamparadas.

## **ABSTRACT**

This work has its goal in comprehend how occurred the assistance to the youth in the Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia in the cities of Rio de Janeiro and Salvador since the second half of the 19th century, using as an object of study the profile of children as well as seeking to identify the profile of poor population being assisted by the institution. Hence, analyze who were the poor in the cities of Rio de Janeiro and Salvador in the second half of the 19th century. For that purpose, I will study the profile of the youth being assisted and, as far as possible, characterize the families - through reading little notes and also material culture, the called "signs" that followed the children who were submitted to the institution, often elements bringing informations about the profile of those families, such as medals, cowrie shells, beads, figs, corals, and so on. The proposal of this work is to analyze the public being assisted in an intersectional way, therefore, the research will be based on the notions of illness, race, class and gender, in order to comprehend the local hierarchies which reflected in the institution Casa dos Expostos. Since the period studied is marked by the significant arrival of immigrants at Brazil and by the process of Abolition of slavery until it culminated in the actual Abolishment in 1888. Is interesting to notice how the changes in the profile of the youth being assisted reflects in the changes of character of the institution of the Casa dos Expostos, which slowly starts to receive less abandoned children and more homeless and temporary children.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1:</b> Arabesco da Irmandade de Nossa Senhora das Neves em Santa Teresa .....	38
<b>Imagem 2:</b> Bilhete em francês de Guillaume em 1875.....	53
<b>Imagem 3:</b> Selo fiscal de 200 réis do Império do Brasil.....	82
<b>Imagem 4:</b> Bilhete escrito em espanhol de 1880 .....	85
<b>Imagem 5:</b> Ofício da Subdelegacia do 1º dist. Da Freguesia de Sant'Anna. 3 de junho de 1875 .....	87

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Cor das crianças entradas na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro em 1875.....	31
<b>Gráfico 2:</b> Cor das crianças entradas na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro em 1890.....	32
<b>Gráfico 3:</b> Cor das crianças da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (1870, 1875, 1880, 1885, 1890, 1895, 1900) .....	33
<b>Gráfico 4:</b> Condições de saúde da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (1870-1900) .....	41
<b>Gráfico 5:</b> Condições de saúde de crianças entradas na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro de 1875.....	42
<b>Gráfico 6:</b> Condições de saúde de crianças entradas na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro de 1900.....	45
<b>Gráfico 7:</b> Número de registros da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (1870-1900) .....	47
<b>Gráfico 8:</b> Número de crianças remetidas do Hospital Geral para a Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (1870-1900) .....	48
<b>Gráfico 9:</b> Cor das crianças da Casa dos Expostos de Salvador (1870-1879).....	62
<b>Gráfico 10:</b> Condições de saúde das crianças da Casa dos Expostos de Salvador (1870-1879) .....	68
<b>Gráfico 11:</b> Relação de crianças entradas na instituição com o total de crianças que faleceram entre 1870-1879 .....	69
<b>Gráfico 12:</b> Causa mortis das crianças da Casa dos Expostos de Salvador (1870-1879).....	71
<b>Gráfico 13:</b> Número de registros da Casa dos Expostos de Salvador (1870-1879).....	75
<b>Gráfico 14:</b> Faixa etária das crianças entradas na Casa dos Expostos de Salvador (1870-1879) .....	77
<b>Gráfico 15:</b> Características dos bilhetes da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (1870-1900) .....	89
<b>Gráfico 16:</b> Características dos bilhetes da Casa dos Expostos de Salvador (1870-1879).....	94

## LISTA DE ANEXOS

<b>Anexo 1:</b> Rodas originais da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro no Acervo Educandário Romão Duarte .....	109
<b>Anexo 2:</b> O abandono nas Rodas.....	110
<b>Anexo 3:</b> Registros da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro .....	111

## **LISTA DE SIGLAS**

**SCMRJ** - Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

**SCMBA** - Santa Casa de Misericórdia da Bahia.

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística .

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
CAPÍTULO 1 .....	23
Entre medalhas: perfil das crianças abandonadas no Rio de Janeiro.....	23
1.1. A relação entre os sinais e a cor das crianças .....	29
1.2. Condições de Saúde das crianças da Roda do Rio de Janeiro .....	40
1.3. Expostas, desamparadas e temporárias: a mudança de perfil da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro .....	46
CAPÍTULO 2.....	55
Entre búzios: perfil das crianças abandonadas em Salvador .....	55
2.1. Pardas, crioulas, brancas, cabras e caboclas: o perfil das crianças de Salvador .....	60
2.2. Condições de Saúde das crianças da Roda de Salvador .....	67
2.3. De recém-nascidos a crianças de seis anos: a mudança de perfil da Casa dos Expostos de Salvador.....	73
CAPÍTULO 3.....	80
A pobreza assistida: o perfil das famílias através dos bilhetes .....	80
3. 1. O perfil das famílias do Rio de Janeiro através dos bilhetes .....	84
3. 2. O perfil das famílias de Salvador através dos bilhetes .....	92
3.3. O recorte de gênero no perfil das famílias .....	98
3.4. Mulheres negras e a dupla resistência.....	101
CONCLUSÃO .....	106
ANEXOS .....	109
REFERÊNCIAS.....	112

## INTRODUÇÃO

“Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”, ou como o rapper Emicida diz, “é tudo pra ontem”, é um provérbio Yorubá que representa as diferentes formas que o tempo pode funcionar e a capacidade de Exu de subverter o tempo. E neste trabalho, essa frase reverberou em meu pensamento diversas vezes, representando as diferentes formas que já me acompanharam em construções pessoais. Esta pesquisa é fruto de transcrições e investigações a respeito do perfil da infância assistida na Casa dos Expostos, como também, da pobreza urbana que acessava a instituição. Uma construção ainda na graduação quando me foi apresentado o arquivo pela minha orientadora Gisele Sanglard, em 2016, e que se transformou no que vocês vão ler. Hoje uma pedra foi lançada para as respostas do ontem.

Antes de começar a descrever como esse processo aconteceu, é necessário falar que todo o trabalho de pesquisa foi feito durante a pandemia da covid-19, um período difícil para todos nós, que nos atravessou de diferentes formas, mas de qualquer modo, nos atravessou. Parte do trabalho inclusive foi feito nas salas da Frente de Mobilizações da Maré contra o coronavírus, “quem tem fome, tem pressa”. Por esse motivo, as visitas planejadas ao arquivo Romão Duarte para rever alguns dados não puderem ser feitas, mas não anula o rigor com que os dados aqui expostos foram analisados, o trabalho seguiu o fluxo das suas perguntas e com o apoio da Casa de Oswaldo Cruz se tornou uma grande realização pessoal.

Desse modo, este trabalho começou a ser desenvolvido com o estudo apenas da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, a partir do Programa de Iniciação Científica/PIBIC pela Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, como foi dito anteriormente, iniciado em 2016 e orientado pela pesquisadora Gisele Sanglard. Inicialmente o estudo se concentrou em investigar o perfil da infância assistida a partir da Lei do Ventre Livre de 1871, em uma tentativa de perceber se a lei abolicionista causou um impacto na mudança do perfil das crianças na instituição. O arquivo utilizado está localizado no orfanato Romão de Mattos



Duarte no bairro do Flamengo no Rio de Janeiro. Durante os quatro anos de pesquisa na graduação a dedicação foi voltada para a transcrição do material paleográfico, o total de registros transcritos foi de 2165, contemplando os anos de 1870-1900 com um intervalo de cinco anos entre eles, neste momento nos deparamos com a gama de informações e possibilidades de pesquisa através dos registros analisados das crianças entradas na instituição.

A partir de então, conhecer o perfil das crianças entradas na instituição também permeava explorar o perfil dessa pobreza urbana assistida, compreendendo que os motivos de entrada das crianças eram múltiplos mesmo que a pobreza se colocasse como a principal questão. Percebemos ao longo do trabalho que a classificação racial das crianças modifica ao longo do processo de abolição no Rio de Janeiro, mas não tão somente posterior a Lei de 28 de setembro, como também o perfil das crianças é impactado pelo processo de imigração da segunda metade do século XIX, que será discutido no capítulo um deste trabalho.

Assim, aos poucos percebemos que além da classificação racial se modificar, o número de crianças encaminhadas do Hospital da SCMRJ também aumentou conforme a diminuição do número de registros da instituição, sendo o perfil das crianças também impactado pelo perfil das mulheres atendidas no hospital. Portanto, foi necessário também uma discussão de gênero já que além das crianças encaminhadas do hospital, as crianças consideradas expostas também entravam na instituição com bilhetes assinados em parte por mulheres, fazendo com que o perfil dessa pobreza fosse cada vez mais feminino.

A discussão de Salvador chega no período do mestrado através de uma caixa de um material transcrito do Arquivo da SCMBA, que foram cedidos para a pesquisadora Gisele Sanglard e analisados sob orientação da mesma em conjunto com a pesquisadora Daiane Rossi. Explorando o material, percebemos que continha apenas os registros de entradas de crianças da década de 1870, um período curto se comparado ao que foi utilizado na discussão do Rio de Janeiro, mesmo assim consideramos relevante continuar investigando, já que, a partir do texto de Jocélio Teles (2005), havíamos percebido que o público assistido de Salvador se mostrava distinto do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. A proposta agora então era analisar a partir da segunda metade do XIX e fazer um estudo comparado entre as duas cidades.

Mesmo com um material menor de investigação para a cidade de Salvador, os dados apresentados não poderiam ser ignorados, já que as diferenças são marcantes no que concerne não apenas o perfil das crianças, mas o perfil da pobreza assistida, além das

próprias categorias utilizadas na instituição. Delimitando, dessa forma, que a mesma instituição possui características diferentes em relação ao tempo e ao espaço, respondendo às pressões sociais e locais de demanda da pobreza urbana assistida.

Por esses motivos apresentados anteriormente, este trabalho tem por objetivo, estudar o perfil da infância que ficava sob os cuidados da Casa dos Expostos das cidades do Rio de Janeiro e de Salvador na segunda metade do século XIX. Como também, traçar o perfil das famílias que acessavam a instituição, com o intuito de conhecer parte do perfil da pobreza da região, a partir de uma abordagem interseccional compreendendo que os motivos que levavam as famílias a colocarem seus filhos na Roda perpassam por questões de doença, raça, classe e gênero. Não obstante, de acordo com Sanglard, sobre a questão da pobreza urbana, destaca a importância do trabalho para a definição do pobre e o entendimento da pobreza não apenas pela questão monetária, mas por um conjunto de situações (SANGLARD, 2020:32). Afirma que uma das questões que mais levava o pobre à miséria era a doença, que o impedia de trabalhar (SANGLARD, 2020:33). O que faz com que essa pobreza assistida seja mais complexa e carregue particularidades também a partir dos seus territórios.

Sobre o estudo da Casa dos Expostos da Santa de Misericórdia, cabe destacar que compreender as instituições que compõem o cenário das cidades coloniais, é conhecer parte do imaginário do território, a circulação de pessoas e seus costumes. As Santas Casas de Misericórdia do Rio de Janeiro e de Salvador foram criadas no início da colonização, no século XVI, o que faz com que através dessas instituições se consiga acompanhar o crescimento e as demandas das cidades (GANDELMAN, 2017:60), em territórios que foram capitais do império, centros da colonização portuguesa. Como afirma Luciana Gandelman, a instituição era uma marca da colonização portuguesa, como um campo de observação das políticas de uma determinada elite com relação à cidade e aos pobres (GANDELMAN, 2017:60). De acordo com Renato Franco, por quase três séculos, a irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro foi protagonista na assistência aos pobres da cidade (FRANCO, 2011:114).

A primeira Irmandade da Misericórdia, fundada em 1498 em Portugal, inicialmente era uma confraria de elite constituída por irmãos nobres e oficiais (ARAÚJO, 2006:156), na qual, após o Concílio de Trento, assumiu o monopólio da assistência (ABREU, 2000:395). Desta forma, rapidamente se espalhou por toda a metrópole, como também posteriormente pelas suas colônias. Para Renato Franco, a criação de novas instituições pela Santa Casa e a evolução no quadro assistencial foi “fruto de um crescente

cosmopolitismo, marcado pela maior capacidade financeira das elites e pela importância social que a cidade ia ganhando” (FRANCO, 2011:114).

Entende-se como “confraria” as associações leigas (BRAGA, 2014:2) que tem como objetivo a ajuda aos pobres e o acompanhamento dos mortos. Com isso, ao longo dos séculos, as Misericórdias vão adaptando suas áreas de atuação de acordo com as demandas locais. As Misericórdias também se configuram como um espaço de sociabilidade na Idade Moderna, como afirma Maria Marta Lobo de Araújo (2006) para as instituições de Portugal, sendo coordenadas “pelas elites da terra”, eram uma confraria de poder naquele território

Com isso, as Misericórdias eram responsáveis pelo hospital para os enfermos, no cuidado da cura dos corpos e das almas, além dos cuidados com os órfãos. Porém, após o inchaço da cidade no século XVIII, foi necessário ampliar a rede de assistência da Misericórdia para essa população em desenvolvimento, assim, grupo de irmãos que lideravam, se colocaram para financiar obras e alguns empreendimentos caritativos, que é o caso do Romão Duarte (GANDELMAN, 2017:54), um dos responsáveis pela doação da quantia que possibilitou a abertura da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro.

A Casa dos Expostos ou Roda dos Expostos, possui esse nome justamente pela forma em que o abandono era realizado, em uma espécie de janela giratória, geralmente “esse dispositivo era fixado no muro ou na janela da instituição” (MARCÍLIO, 2019:70) no qual a criança abandonada entrava para instituição sem que o responsável pelo ato fosse identificado. Não se sabia sua identidade e nem as motivações para o ato, apenas se a pessoa colocasse bilhetes ou sinais - medalhas, pedaços de lenços, contas, búzios, toalhas bordadas, figas, entre outros - junto a criança exposta. Como por exemplo o caso da criança Mathildes, uma menina preta de 18 dias, chegou na Roda do Rio de Janeiro em dezoito de março de 1870, “trouxe ao pescoço quatro medalhas de metal de N. S. da Conceição enfiada numa fita de seda escocesa” (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 33722/249 - março/1870). Como também, o menino José, branco, de um ano de idade, chegou em vinte de fevereiro de 1885 e “trouxe por sinal uma medalha de São Bento amarrada no pescoço” (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 40605/113 - fevereiro/1885).

De acordo com Russel Wood em seu trabalho sobre a Santa Casa de Misericórdia da Bahia, afirma sobre a Roda que,

Normalmente, existia um pequeno sino do lado de fora da parede, junto à Roda, para ser tocado pela mãe; havia também as rodas mais sofisticadas, em que o peso do bebê fazia soar automaticamente um sino dentro do hospital (WOOD, 1981:233).

Para Isabel dos Guimarães Sá a justificativa para a criação da Casa da Roda era a necessidade de amenizar o abandono nas ruas. A exposição de cadáveres de crianças que era corrente pela cidade, em lixeiras e nos rios (SÁ, 2011:92).

Sobre o ato de abandonar, é relevante destacar, como Sheila de Castro Faria afirma “o sentimento de abandonar crianças, era, então, muito diferente do que o de hoje” - onde a sensibilidade da época não condenava o abandono como se faz na atualidade (FARIA, 2010:84). Principalmente se formos pensar que estamos falando de um período em que a ideia de criança ainda não é individualizada, portanto, as motivações do abandono eram múltiplas de acordo também com as demandas da pobreza urbana, além dos casos apenas de ilegitimidade envolvendo famílias mais abastadas. Para Franco, o fenômeno do abandono é característico na idade moderna, “sobretudo das sociedades católicas” (FRANCO, 2011:128), onde o aborto e o infanticídio são condenados. A exposição era, assim, a solução para o aborto e o infanticídio – estas sim ações moralmente (e dogmaticamente) condenáveis. O mecanismo da roda mantinha o anonimato da mãe, preservando a moral das mulheres.

Entretanto, ao desenrolar desta pesquisa, como já foi dito anteriormente, identificamos que nem todas as crianças que estão na Casa dos Expostos de ambas as cidades são crianças abandonadas. Percebendo, portanto, que a instituição vai se transformando conforme as demandas da pobreza urbana assistida em cada território, além das mudanças que a segunda metade do século XIX trazem, como o processo de abolição da escravidão e a instauração da República.

Desta forma, vamos identificando que cada vez mais temos crianças que não são expostas fazendo parte desse universo. Se não são expostas, fazem parte de outras categorias, identificadas como temporárias, desamparadas e para o caso de Salvador, as crianças “em educação”. Crianças que são encaminhadas do hospital da Santa Casa, das Delegacias de Polícia ou de outras instituições para a Casa dos Expostos, ou crianças que os próprios responsáveis se identificam ao deixar na instituição, não sendo, portanto, enquadradas como enjeitadas.

Essas categorias enriquecem a discussão proposta neste trabalho sobre a mudança de perfil da instituição, pois, evidenciam as diferentes demandas da pobreza urbana assistida e como essas demandas impulsionaram também as mudanças internas na Casa dos Expostos. Conforme pude perceber no PIBIC e na monografia de graduação, sobre o movimento da Roda do Rio de Janeiro, o ano que a Casa dos Expostos mais recebeu crianças encaminhadas do Hospital da Santa Casa do Rio de Janeiro foi o ano de 1895, totalizando 105 recebidas por outros meios que não a roda (BELMIRO, 2021). Com estes dados, reforço que nem todas as crianças cuidadas pela instituição são expostas e que aos poucos cada vez menos temos a entrada de crianças através da roda e, por conseguinte, do anonimato, neste caso, são consideradas crianças temporárias por terem suas mães identificadas e cuidadas pelo hospital ou desamparadas após o falecimento delas. As crianças temporárias não se resumem apenas às crianças encaminhadas do hospital, são também encaminhadas pela Polícia – em ambos os casos temos a identificação das mães.

Ainda devemos ressaltar que cada vez mais encontramos casos em que as famílias se identificam nos bilhetes e até mesmo prometem pagar mensalmente as despesas da criança, mantendo ali uma relação diferente da proposta inicialmente pelas rodas com o anonimato. Gradativamente o anonimato vai deixando de existir.

Para o caso da instituição baiana, uma outra categoria nos saltou aos olhos: as chamadas crianças “em educação”. Essas crianças geralmente são de uma idade mais avançada, entre dois e seis anos, idade inclusive em que a entrada pelo mecanismo da roda não seria tão eficaz pelo tamanho da criança, além disso seus pais geralmente são identificados pelos bilhetes e algumas são buscadas dentro de alguns anos e outras são alocadas para serviços. Vemos, por outro lado, menos crianças “temporárias” e “desamparadas”. Ao longo dos capítulos essas categorias serão mais bem analisadas de acordo com cada cidade.

O título deste trabalho faz referência a cultura material que acompanha as crianças entradas na instituição, os “sinais”, que aos poucos durante o período do mestrado, foram fazendo sentido dentro da pesquisa sobre o perfil do público assistido. Percebemos que algumas medalhas hipoteticamente poderiam fazer referência a uma família imigrante por exemplo, assim como os búzios e os corais também poderiam estar relacionados com a cultura africana de cunho Yorubá. Sendo assim, os primeiros capítulos deste trabalho foram divididos de acordo com os “sinais” de que melhor traduzem as cidades, de acordo com o perfil das famílias que foi identificado e com as demandas de aparições.

Iniciamos então com o capítulo intitulado “Entre medalhas: perfil das crianças abandonadas no Rio de Janeiro”. Como o próprio título sugere, será analisado o perfil das crianças da cidade do Rio de Janeiro através do estudo da cultura material que as acompanhavam, sendo analisado os anos entre 1870-1900, de acordo com a relação entre os sinais e a cor das crianças, as condições de saúde, gênero e, por fim, a análise das diferentes categorias da instituição do Rio de Janeiro, identificando a mudança de perfil do público assistido na instituição. Um trabalho feito através da investigação da cultura material em conjunto com os registros e os bilhetes que acompanhavam as crianças

O segundo capítulo chamado “Entre búzios: perfil das crianças abandonadas em Salvador”, é um estudo realizado apenas com a década de 1870 como já foi dito anteriormente, mas que está baseado em tópicos diferentes do Rio de Janeiro, até porque as classificações raciais são distintas, impactando no perfil da infância assistida, já que para esse capítulo teremos crianças classificadas como “forra” e acompanhadas de sua carta de alforria, trazendo para a discussão novos questionamentos que serão discutidos ao longo do capítulo. Para o caso de Salvador, por ser um acervo menor, a cultura material se apresenta um pouco defasada em números, mas conseguimos destacar uma discrepância na relação entre sinais católicos e os símbolos da cultura africana, o que já nos traz informações interessantes sobre o perfil das famílias. Neste capítulo também discutimos o perfil racial das crianças, suas condições de saúde, gênero e sua mudança de perfil na infância assistida a partir da entrada de crianças maiores de um ano de idade.

Esses dois primeiros capítulos trazem diferenças entre as duas instituições, mesmo que ambas estejam passando por transformações no seu público assistido, mas cada uma a partir das necessidades da pobreza urbana local. E que pobreza é essa e como ela se classifica? Quem são essas mulheres nesse recorte? Essas questões são analisadas a partir do terceiro capítulo.

O último capítulo deste trabalho, intitulado “A pobreza assistida: o perfil das famílias através dos bilhetes”, como o título sugere, o perfil das famílias será analisado a partir de cada cidade através da leitura dos bilhetes, uma forma de analisarmos como se classificavam e suas estratégias. Assim, os bilhetes foram divididos em temas por cidade, o que possibilitou visualizar os principais motivos que levavam as crianças a serem colocadas na instituição a partir do recorte dos bilhetes, já que nem todas as crianças chegavam acompanhadas desse material. Em seguida, adentramos na discussão de gênero deste trabalho, analisando a partir da historiografia como era a condição de vida dessas mulheres na cidade e como elas se colocam nos bilhetes, assim como a relação da saúde

como fator para colocar uma criança na Roda estar relacionado não só com a saúde da criança mas também, com a saúde da mãe. Por fim, ao fazermos um recorte de gênero nesta discussão, também se faz necessário o recorte entre essas mulheres, que possuem perfis distintos entre as cidades, por isso, iremos discutir também a relação entre mulheres negras, que mesmo tendo as justificativas de pobreza também no acesso da instituição, em um período de escravidão certamente suas vivências e resistências perpassavam questões outras que não podem ser ignoradas e que se mostram evidentes através do trabalho de classificação dos temas dos bilhetes.

Diante disso, através deste trabalho podemos conhecer melhor o público assistido da instituição da Casa dos Expostos a partir da segunda metade do século XIX, e reforçar a discussão de que a instituição vai se modificando aos poucos, mesmo que seu fechamento esteja datado apenas na primeira metade do século XX. Como também, veremos que com as modificações da instituição temos a mudança do público assistido, falar de Casa dos Expostos no período estudado se mostra que nem sempre é falar de criança “abandonada”, cada vez mais precisamos entender as demandas sociais que a pobreza urbana estava enfrentando para entender os motivos das crianças serem colocadas ou encaminhadas para a instituição, já que são essas demandas que modificam o caráter do anonimato das Rodas.

## CAPÍTULO 1

### **Entre medalhas: perfil das crianças abandonadas no Rio de Janeiro**

*Este menino nasceu no dia 17 deste mês ainda estou por batizar, a mãe quer que o batize e lhe ponha o nome Christóvão porque pretende-se ir tirá-lo mais breve que o possa, os sinais que leva são em um braço uma fita verde com uma medalha de o coração de Maria e a roupa é uma baeta branca e outra encarnada e um xale de fustão (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36262/108 - maio/1875).*

Este capítulo tem por objetivo analisar o perfil da criança assistida pela Casa dos Expostos da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, trabalhando na interseccionalidade entre cor, gênero, classe e saúde. O título deste capítulo chama atenção para uma característica muito presente nos bilhetes que acompanham as crianças: a presença de medalhas e outros símbolos da religião católica que nos ajudará a analisar as questões étnico-raciais aqui propostas, como o bilhete que serve de epígrafe a este capítulo evidencia. Afinal, o menino Christóvão foi acompanhado com uma medalha do Sagrado Coração de Maria, presa a uma fita verde. Forma de ajudar a uma possível identificação posterior da criança, a presença destes símbolos ligados ao culto fala muito da mãe e do perfil da criança exposta na cidade do Rio de Janeiro do período aqui estudado.



Nos interessa também perceber a partir dessa análise dos vestígios da cultura material que acompanham essas crianças, a relação entre a mudança de perfil dos expostos no recorte racial com a presença de símbolos da cultura de religião de matriz africana. Neste caso, a presença de búzios e contas, que nos possibilitam cada vez mais conhecer a origem familiar, como também, perceber o impacto do processo de abolição no perfil da infância assistida na instituição.

A Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, datada de 1738, inicialmente foi localizada no edifício junto ao Hospital Velho da Misericórdia até 1810 (MARCÍLIO, 2019), com diversos endereços ao longo do século XIX. Em 1910 mudou-se para o prédio adquirido para abrigá-lo até o encerramento das atividades do Educandário Romão de Mattos Duarte na rua Paulo VI no bairro do Flamengo – o Educandário substituiu a Casa dos Expostos após o fim da Roda dos Expostos em 1938. Com dois séculos de atividade até 1938, marcada pelas mudanças sociais e estruturais que a cidade estava sendo atravessada, o que caracterizou a assistência à infância pela instituição. Levando como ponto de partida a frase da pesquisadora Gisele Sanglard, na qual, afirma que “a casa dos expostos representa um microcosmo da sociedade na qual está inserida” (SANGLARD, 2019:109), iremos perceber mudanças significativas no perfil da infância assistida a partir da análise dos dados aqui apresentados, precisamente da segunda metade do século XIX (1870-1900).

O arquivo da Casa dos Expostos da SCMRJ localizado no Educandário Romão de Mattos Duarte, reúne os livros separados por ano até 1930 dos registros de crianças entradas na instituição dos expostos. Os registros trazem informações sobre o momento de chegada da criança até sua saída para a criação externa. Além das informações feitas por quem as recebia, também reúnem ao final dos livros os bilhetes, geralmente feitos pelas mães ou por terceiros a pedido e os ofícios, documentos feitos por algum órgão que encaminhava a criança.

A partir dos bilhetes analisados, podemos reunir informações sobre a infância assistida na Casa dos Expostos, ainda que nem todas as crianças chegassem acompanhadas de bilhetes ou ofícios. Esses documentos constituem um material que possibilita conhecer parte do público assistido da instituição, pois neles constam não só as justificativas para o ato, mas também, suas estratégias de sobrevivência frente à pobreza urbana, a más condições de saúde, a uma gravidez indesejada, entre outras questões. Pois, é importante para nós identificar como essa pobreza se auto classifica nos

bilhetes, já que estamos falando de um período no qual parte da população é iletrada, veremos que alguns bilhetes seguem uma padronização em sua escrita, destacando os motivos para o merecimento da assistência pela instituição. Daiane Rossi em seu trabalho sobre a assistência à saúde e a pobreza no interior do Rio Grande do Sul na Primeira República, afirma sobre o estudo da pobreza que para “entender a pobreza, é necessário analisar como ela se relaciona com posição social, redes e estratégias. Isso faz dela algo bem mais multifacetado do que uma simples definição baseada em uma economia de recursos” (ROSSI, 2019:113).

A autora ainda destaca a importância de entender essa população enquanto sujeitos ativos e pensar como funcionavam essas redes de proteção e solidariedade, já que são elementos importantes no universo da pobreza (ROSSI, 2019:118), veremos esta discussão mais à frente no terceiro capítulo.

Os bilhetes também nos permitem perceber as mudanças de perfil dos assistidos através do aumento de documentos encaminhados junto à criança exposta, evidenciando que aos poucos temos a entrada de cada vez menos crianças expostas, aquelas cujo o abandono acontece de maneira anônima através do mecanismo da Roda, e cada vez mais crianças encaminhadas de instituições onde suas mães são identificadas na maioria dos casos, como aquelas vindas do Hospital Geral da SCMRJ, do Hospício N. Senhora da Saúde ou das Delegacias de Polícia. E as crianças temporárias, aquelas cujos responsáveis são identificados e prometem buscar em momento oportuno, até mesmo prometendo o pagamento das despesas, sendo necessário destacar que essas crianças estão no mesmo documento de registro analisado, mas não podem ser confundidas com as crianças expostas, já que essas possuem família, como veremos nas páginas a seguir.

Em relação ao perfil das crianças, cabe destacar que a questão de gênero a princípio não se mostra como uma prioridade de preferência entre o enfeitamento de meninas e meninos, pois os números analisados entre 1870 e 1900, mostram uma pequena diferença que faz o enfeitamento de meninas ser superior ao número de meninos. Nós temos então 1100 meninas entradas e 1065 meninos, uma diferença de poucas dezenas entre eles.

Mesmo sem muita disparidade entre os números, ao nos depararmos com os dados da primeira metade do século XIX, estudados por Venâncio, percebemos que o percentual de abandono para os meninos era superior que o número de meninas, de 1768 até 1845,

período por ele analisado. Um ponto destacado para essa mudança, é que “essa evolução ocorreu paralelamente às transformações por que estava passando o sistema escravista” (VENÂNCIO, 1999:47), podendo assim de fato simbolizar alguma preferência entre evitar o enjeitamento de meninos, mesmo que em números menores, comparando com a mudança de perfil dos enjeitados para a segunda metade do século XIX, sendo majoritariamente crianças pretas e pardas.

Entretanto, a discussão de gênero nesta pesquisa será mais bem aprofundada no que concerne o papel das mulheres, mães das crianças na discussão do perfil da pobreza urbana assistida pela Casa dos Expostos. Pois, são mulheres que se colocam como a principal intermediária entre a Casa dos Expostos e a criança, já que parte dessas crianças chegam na instituição acompanhada de bilhetes no qual essas mulheres se identificam como suas mães, além das que estão no Hospital Geral da SCMRJ e seus filhos são encaminhados para serem cuidados na instituição da Roda como dito anteriormente, entre outras situações, mas esse assunto será melhor discutido no terceiro capítulo.

Portanto, em relação às motivações principais para o abandono na Roda dos Expostos, Maria Luiza Marcílio em 1998 destaca a pobreza como a principal causa do abandono em todas as épocas, mas não descarta em classificar a Roda como a garantia de preservação da moral familiar, pelo fato do abandono ser feito de maneira anônima (MARCÍLIO, 2019:74). Porém, destaca que criança abandonada não significa ilegítima, e critica historiadores que seguem essa afirmação, mostrando que no século XVIII, em diversos países da Europa, uma parcela significativa de expostos, provinham de filhos legítimos (MARCÍLIO, 2019:79). Como é o caso do bilhete que acompanha o menino Virgínio, dois dias de nascido, branco, chegou em seis de janeiro de 1875, pequeno, com fraqueza congênita<sup>1</sup> e icterícia, que diz:

As nove horas e cinquenta minutos da noite de 4 de janeiro de 1875 dei à luz esse inocente por infelicidade e circunstância é que o separo de mim, não é por ser uma mãe desnaturada, não é porque não sinto meu coração estalar de dor arrancando assim um filho do seio de ser mãe. É porque me acho sem forças e sem meios para o poder criar mais espero em depois confiar no altíssimo que breve tempo o irei buscar pagando todas as despesas e sendo-me desta apresentada para confrontar com outra igual que fica em meu poder, ainda não está batizada, porém eu desejo que tome o nome de Virgínio no mais só o que pernejaria bastante

---

<sup>1</sup> Segundo o pediatra carioca Antônio Fernandes Figueira no *Livro das Mães*, fraqueza congênita é o equivalente a prematuridade (Sanglard, 2016).

que a Senhora tomasse algum interesse com criação deste menino. Rio de Janeiro 6 de janeiro de 1875 (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36039/273 - janeiro/1875)

O bilhete de Virginio demonstra a tentativa da mãe em justificar o abandono, não por ser uma mãe “desnaturada”, mas pelas circunstâncias econômicas e possivelmente de saúde desta mulher, destacada no trecho “sem forças e sem meios” uma forma comumente usada nos bilhetes para destacar o merecimento da assistência, evidenciando a relação entre trabalho e doença como potencializador da pobreza em que essa mãe se encontra, impedida de criar seu filho. Interessante perceber que a mãe se compromete em pagar as despesas da criação e buscá-lo apresentando uma carta igual como sinal, por fim, pede que a regente da Casa tenha interesse na criação da criança, um pedido de apadrinhamento, uma estratégia também frequentemente utilizada nos bilhetes.

Fazendo referência a Carlo A. Corsini, em relação à assistência caritativa na Europa, Marcílio afirma que o abandono de filhos legítimos também funcionava como um controle do tamanho da família (MARCÍLIO, 2019:79). Como exemplo de um caso que pode estar relacionado a esta questão também, temos o bilhetinho que acompanhou a criança de nome Adroaldo, recém-nascido, menino, branco, chegou com fraqueza em dois de agosto de 1875, que diz o seguinte:

Está batizado chama-se Adroaldo, por motivo injurioso não posso criar o sétimo filho, peço a administração deste estabelecimento o tratamento pois espero em Deus poder retirá-lo em tempo. Rio 2 de agosto 1875. M. S (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36375/235 - agosto/1875).

O que teria levado uma mulher de uma família de seis filhos não conseguir criar o sétimo? O motivo exato não saberemos, mas podemos especular a partir da informação colocada no bilhete e do registro de chegada da criança. Mesmo que o “motivo injurioso” não esteja detalhado, conseguimos saber que se trata de uma família grande de seis filhos, como também sabemos que Adroaldo está com problemas de saúde identificado como “fraqueza”, um conjunto de fatores que pode ter gerado a chegada da criança na Roda.

Renato Pinto Venâncio um ano depois do trabalho de Marcílio, em 1999, relaciona o percentual de crianças expostas com o nível de pobreza das cidades do Rio de Janeiro

e Salvador para a primeira metade do século XIX. Ele considera também o aumento dos alimentos e a análise dos bilhetes, no qual, diz ser impossível saber o motivo mais frequente do abandono e questiona o percentual de abandono se bem abaixo nas duas cidades dos níveis de reprodução das famílias pobres existentes na sociedade. Concluiu em sua análise que o abandono de crianças estava relacionado aos pobres, mas não a todos indiscriminadamente, afirma que “a maioria das famílias humildes resistia a enviar o filho à roda. Contudo, por ocasião da morte dos parentes próximos, essa decisão não podia ser protelada” (VENÂNCIO, 1999:94), evidenciando que a questão da pobreza não justifica o abandono somente, mas também a falta de laços de solidariedade horizontal. Como é o caso da menina Luiza, que “parece ter dois meses”, branca, doente de bronquite, que chegou em vinte e três de junho de 1875 acompanhada do seguinte bilhete:

A caridade da Santa Casa dos Expostos da Corte do Rio de Janeiro em 23 de junho de 1875 = São João Batista.

A inocente filha de N. e órfão de pai a 15 dias, deve-se chamar Laura não está batizada, sua mãe é pobre e sem recursos, recorre a caridade dos Expostos até que um dia mais feliz a possa retirá-la. Deus abençoará a todos os favores e cuidados para essa pobrezinha e sua mãe bendirá a todos. F. A. P. V.

Escrivão a pedido. Deus a acompanhe (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36307/157 - agosto/1875).

Este bilhete evidencia a morte do pai da menina como uma das causas para o abandono, além da mãe não ter recursos por ser pobre, portanto, a falta de uma rede de apoio era uma das causas que também levavam às mulheres a recorrerem à Casa dos Expostos.

Por conseguinte, neste capítulo iremos analisar o perfil da infância assistida pela instituição do Rio de Janeiro, levando em consideração os dados fornecidos pelo arquivo do atual Educandário Romão de Mattos Duarte, que foram transcritos e organizados para os anos de 1870 a 1900, com intervalos de cinco anos entre as décadas. Um total de 2165 registros, divididos entre data de nascimento, dados de cor, condições de saúde, gênero, indumentária, sinais, dados a criar, data de falecimento e os bilhetes.

Um recorte temporal amplo atravessado por mudanças significativas na sociedade como, por exemplo, o processo de abolição no Brasil e a instauração da República. Além disso, a emergência de debates higienistas, frequente em periódicos cariocas e a abertura de novas instituições de saúde que conseqüentemente impactou no perfil do público assistido pela instituição, como também, modificou aos poucos o caráter anônimo das Rodas e o seu formato de assistência à infância.

### **1.1. A relação entre os sinais e a cor das crianças**

Inicialmente, esta pesquisa se propôs a estudar o recorte temporal pós 1870 a fim de perceber o impacto da Lei 2040 de 28 de setembro de 1871, conhecida como Lei do Ventre Livre, que simbolizou a centralidade do ventre e da mulher escravizada como primordial para a entrada no mundo pós-abolição (MACHADO, et al., 2021:15). Portanto, a pergunta inicial foi buscar compreender se a lei causou um impacto efetivo ou não no perfil das crianças assistidas pela Casa dos Expostos do Rio de Janeiro.

Foi pensando dessa maneira que nos debruçamos na análise das fontes. Compreendendo que, pensar a Roda dos Expostos como um espaço de fuga para bebês escravizados não parece ter sido um caminho muito utilizado ou um caminho que teve êxito, já que nos dados analisados predominam as crianças brancas para o período anterior ao processo de abolição ou dito de outra forma, no período entre a promulgação da Lei (1871) do Ventre Livre e a Abolição (1888). Por outro lado, como veremos, este período coincide com a ampliação da presença das crianças encaminhadas de outros hospitais e maternidades da cidade (SANGLARD, 2016) – tema que será melhor trabalhado mais adiante neste capítulo.

No que tange ao abandono, segundo a tradição jurídica Romana, uma vez enjeitadas, as crianças eram consideradas livres, já que seu grau de ascendência era zerado, afirma Renato Franco (2016) em seu trabalho sobre as cidades de Mariana, Vila Rica e Recife. A partir desta afirmação, Franco questiona como se deu efetivamente a assistência aos enjeitados dentro da América Portuguesa a partir de um sistema escravocrata no qual a cor designava estratificação social. De acordo com Renato Franco, para os casos de Vila Rica, Mariana e Recife, as autoridades frente a população miscigenada da América Portuguesa, resolveram restringir o público de auxiliados a partir

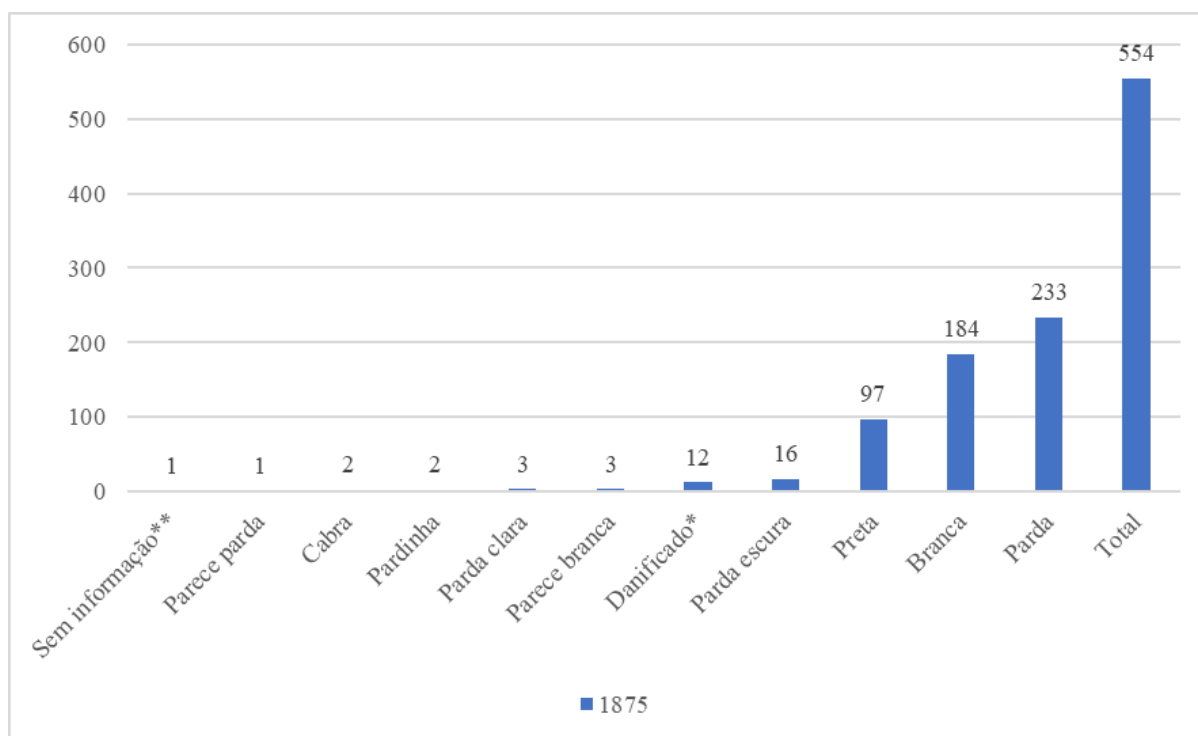
dos critérios étnicos, expondo desta forma, novas fronteiras das noções de “caridade, pobreza e assistência” (FRANCO, 2016:437).

A caridade institucionalizada das Misericórdias nos séculos XVII e XVIII, como chama atenção Renato Franco, evidencia que, mesmo a pobreza que fosse receber a assistência, fosse uma pobreza selecionada na Metrópole, não obstante, na América portuguesa, onde, de mestiços e escravizados significava de 50% a 80% da população, ficava demarcado a instituição priorizar os brancos (FRANCO, 2011:343).

Pensar a assistência nesse recorte espacial e temporal remete a questionamentos que cabem também dentro da hipótese sobre as noções de liberdade que Hebe Mattos problematiza em seu livro *Das cores do silêncio*. Para Mattos (2013), o processo de abolição é marcante nas relações estruturais de poder na América escravocrata. Nessa perspectiva, a assistência à infância abandonada pode ser vista como um privilégio de parte da população, neste caso, a população livre. Como afirma Franco, “em suma, era preciso que o abandono de recém-nascidos fosse um privilégio de livres e tudo indica que efetivamente o foi.” (FRANCO, 2016:447).

As classificações de cor através dos registros também podem ser confusas por muitas vezes serem imprecisas. Comparando com as classificações de Rodas de outras localidades como Salvador que veremos no segundo capítulo, percebemos que não existia um padrão de classificação, ficando a depender das classificações locais utilizadas e do momento do olhar na percepção de quem está fazendo o registro da criança. Um exemplo são as crianças classificadas como pardas, que na maioria das vezes aparecem como: pardo claro, pardo escuro, pardinha, parece pardo, entre outros. Essas variações nas classificações também mudam de acordo com os anos, mostrando o impacto do processo de abolição na hierarquia social através da cor. Como podemos ver nos gráficos abaixo:

**Gráfico 1: Cor das crianças entradas na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro em 1875**



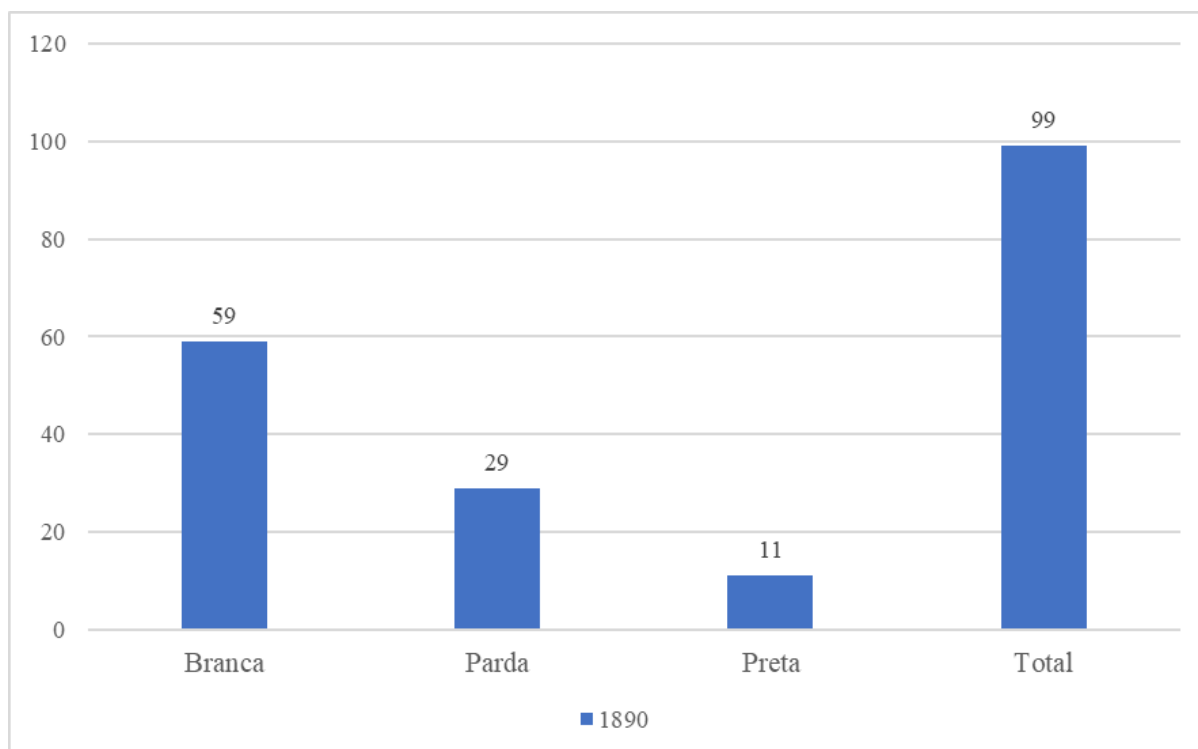
\*Registro danificado impossibilitando a identificação da classificação;

\*\*Sem classificação de cor no registro.

**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ. Acervo Educandário Romão Duarte.



**Gráfico 2: Cor das crianças entradas na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro em 1890**

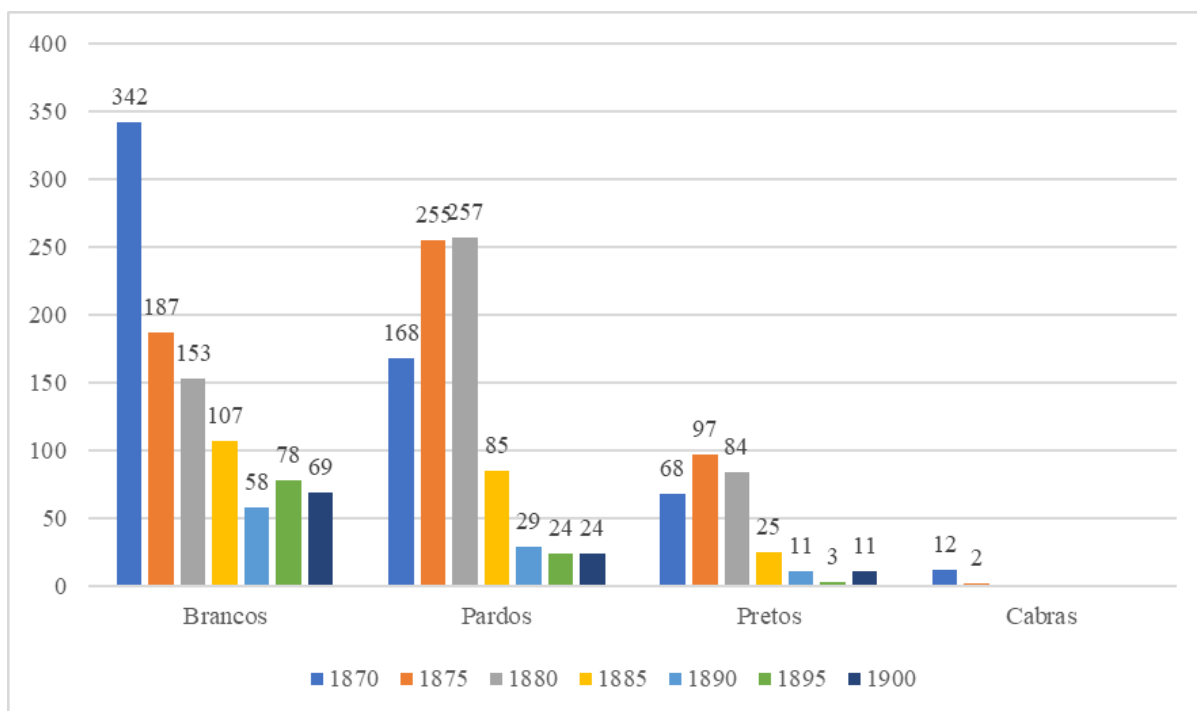


**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ. Acervo Educandário Romão Duarte.

Com esses gráficos, destacamos dois pontos interessantes, primeiro as variações que existem entre brancos e pretos, o pardo fica como um intermediário entre essas duas classificações. Porém, pontuamos que, com quinze anos de diferença entre os dados dos gráficos (1 e 2), além da diminuição acentuada do número de crianças na instituição, as variações de cor se resumem entre brancas, pardas e pretas, corroborando com as discussões que serão levantadas aqui sobre as mudanças no período do processo de abolição para o perfil da infância assistida, já que aos poucos as crianças brancas deixam de ser majoritárias e as crianças pardas sobressaem. Podendo também significar uma mudança nas compreensões de cor para aquela sociedade em transformação, já que cor simbolizava uma hierarquia social dentro de uma sociedade escravizada. No pós-abolição emergem outras formas de demarcar o lugar social dessa população, agora egressa do cativeiro, como, por exemplo, as ditas “classes perigosas” (CHALHOUB, 1996:24).

Organizando os dados por ano, respectivamente 1870, 1875, 1880, 1885, 1890, 1895 e 1900 percebemos uma oscilação na predominância de crianças brancas na instituição, mas quando olhamos para esses dados juntos em apenas um gráfico, conseguimos visualizar que as crianças não-brancas se tornam predominantes após 1875, como observamos no gráfico 3.

**Gráfico 3: Cor das crianças da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (1870, 1875, 1880, 1885, 1890, 1895, 1900)**



**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ. Acervo Educandário Romão Duarte.

No gráfico 3 foi feita a separação entre brancos, pardos, pretos e cabras, sem as variações entre uma cor e outra, mas observamos, por exemplo, que a cor cabra desaparece a partir de 1880 e a cor pardo sobressai como já foi dito anteriormente. Porém, de maneira geral, crianças não brancas (pardas e pretas) se tornam predominantes na instituição até 1895, quando as crianças brancas retornam a serem majoritárias. Como também percebemos que para o caso do Rio de Janeiro crianças indígenas não aparecem nas classificações, sendo a nomenclatura de cor cabra, de acordo com Sheila de Castro

Faria fazendo referência a Jean-Baptiste Debret, “cabra era uma crioula, filha de mulato e negra, cor mais escura do que o mulato” (FARIA, 2010:90).

Então, voltando à motivação inicial desta pesquisa, observamos através dos dados apresentados que não bastou apenas o impacto da Lei do Ventre Livre isoladamente para mudar o perfil da infância assistida pela Casa dos Expostos do Rio de Janeiro. Mas percebemos o impacto do processo de abolição na mudança de perfil das crianças entradas na instituição. Não obstante, em 1895 as crianças brancas retornam a serem majoritárias, período em que o número de entradas pelo mecanismo da Roda diminui e aumenta o número de crianças encaminhadas do Hospital da Santa Casa de Misericórdia.

Outra questão que deve ser levada em consideração a essa mudança do perfil das crianças da Roda do Rio de Janeiro, é o aumento da imigração e o número de alforrias obtidas a partir das décadas de 1850/60 que vão impactar na caracterização da população do Rio de Janeiro (CHALHOUB, 1996), de acordo com o censo do Brasil de 1872, o Rio de Janeiro possuía uma população total de 226.033 habitantes, sendo 48.939 de pessoas escravizadas, aproximadamente 21% da população (Recenseamento do Brasil em 1872, Biblioteca do IBGE/ liv25477\_v1).

Maihara Vitória em seu trabalho sobre a Casa dos Expostos de Salvador entre 1870 e 1890 levantou a seguinte questão, “como classificar indivíduos dos quais não se sabe a origem social?”. Se estamos falando de uma sociedade em que cor também demarca hierarquia, saber a origem social do indivíduo também se faz necessário para a classificação, que não é o caso dos expostos, já que sua finalidade é o abandono de maneira anônima. Maihara também percebe que as nomenclaturas de cor utilizadas para os expostos pela Santa Casa, difere das utilizadas para outros fins pela mesma instituição (VITÓRIA, 2015:19), demonstrando que não parecia haver um acordo entre quais classificações utilizar.

Roberto Guedes em seu trabalho sobre escravidão e cor nos censos de Porto Feliz do estado de São Paulo no século XIX, analisando as listas nominativas e os mapas de habitantes percebe uma oscilação nas classificações raciais. Segundo sua análise, certas famílias podem aparecer com cores diferentes a depender dos documentos, demonstrando a questão da classificação também de acordo com o status das famílias e as negociações com os diferentes grupos sociais. Assim, fazendo referência a Hebe Mattos, afirma que a

palavra pardo distanciava do passado escravo (GUEDES, 2007:495) e que teorias classificatórias de cor devem ser analisadas no seu tempo e espaço (GUEDES, 2007:503).

Não obstante, ao nos depararmos com os dados das crianças de Salvador como veremos no próximo capítulo, percebemos uma diferença com os dados do Rio de Janeiro até mesmo nas nomenclaturas de cor utilizadas, também correspondendo às dinâmicas de cada cidade. Para o caso do Rio de Janeiro existe, ainda que pequeno, a aparição de crianças com origem estrangeiras com bilhete em francês e outras línguas; sem contar alguns sinais que remetem a uma família que seja fruto da imigração de predominância branca que chega na segunda metade do século XIX na cidade do Rio de Janeiro. Como é o caso do menino Joseph, branco, com um mês e sete dias, chegou no dia treze de maio de 1875 com inflamação e acompanhado de um bilhete que diz: “Este menino nasceu no dia 7 de abril [...] é filho de uma mulher de nação Suíça e de nome Maria. Rio, 13 de maio de 1875” (Livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36248/96 - maio/1875).

Sendo assim, uma forma utilizada nesta pesquisa de tentar caracterizar essa infância assistida e como tentativa de traçar o perfil das famílias, foi justamente a análise dos sinais que acompanhavam essas crianças, como já foi dito anteriormente. Conforme o título deste trabalho sugere, *Entre medalhas, búzios e contas*, a presença de símbolos do catolicismo e da religiosidade africana, neste caso, a de origem Yorubá que muito influenciou o Candomblé e, posteriormente, a Umbanda, e o sincretismo entre elas, como veremos mais à frente na relação das contas e dos búzios, também constroem a identidade de parte da população do Rio de Janeiro, mais especificamente neste trabalho, a parcela que utilizou da Casa dos Expostos como espaço de assistência. Além disso, reforçam o argumento sobre o aumento de crianças pardas e pretas na instituição, a partir do aumento de simbologias de religiosidade africana para os anos destacados a partir de 1880 como veremos a seguir.

Os chamados “sinais” que acompanhavam as crianças, além dos já citados aqui, também estão inclusas as fitas amarradas no braço, figas, imagens que geralmente eram de santos, colares, os próprios bilhetes, entre outros. Fazia parte de uma estratégia das famílias identificarem seus filhos caso voltassem para buscá-los, mas também, nos mostra que algumas vezes buscava funcionar como um amuleto para proteção da criança, que na maioria dos casos, entrava doente na instituição. Porém, optamos por destacar os que

aparecem com maior frequência para os anos aqui trabalhados, as medalhas, os búzios e as contas.

A partir da amostragem utilizada neste trabalho (1870-1900), foi separada a quantidade de crianças que chegaram acompanhadas por medalhas na instituição do Rio de Janeiro, sendo um total de 45. Dessas 45 crianças, 23 são brancas (51,11%), 15 (33,33%) são pardas, seis pretas (13,33%) e uma cabra (2,22%), portanto, mesmo com uma diferença pequena (51,11% de brancas para 48,9% para as não brancas), se destaca o número de crianças brancas. Dentre essas, dezessete estavam doentes. Mas por que essas informações são importantes para nós? Bem, ao separar a partir de cada ano estudado a quantidade de crianças que chegaram com medalhas, percebemos que o ano que teve o maior número foi 1870, com um total de 17, a partir deste ano os números só decaem<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo que a entrada pela Roda diminui, aumenta a presença das crianças encaminhadas – estas com as mães identificadas. Podemos levar em consideração a diminuição do número de registros de entrada de crianças na Roda com a diminuição das medalhas, mas também é interessante relacionar essa decaída com o debate aqui realizado sobre a mudança étnico-racial na instituição. Porém, nos interessa perceber também além desses números, quais são as representatividades religiosas que acompanham essas crianças, a fim de destacar a origem familiar.

Sendo assim, ao separar os santos católicos que são representados nessas medalhas em maior quantidade, temos em primeiro lugar a figura de Nossa Senhora, com onze crianças, muito relacionada à figura materna de proteção. Em segundo lugar temos a medalha de Nossa Senhora da Conceição, com oito crianças, uma santa padroeira de Portugal e no Brasil, que, claro, pode ter influência neste território pelo efeito da colonização, mas também pode nos revelar a presença de famílias estrangeiras na instituição, auxiliando na sua caracterização. Como outras medalhas, por exemplo a de Nossa Senhora das Neves, que veio junto ao menino Galdino, branco, recém-nascido em primeiro de janeiro de 1875, que além da medalha trouxe um bilhete que diz o seguinte:

Pretende-se que este menino seja batizado com o nome de Galdino nasceu a 2 de janeiro do corrente ano de 1875 às 7 horas e meia da manhã, para sinal leva uma medalha de prata de Nossa Senhora das Neves de Paula Mattos e uma moedinha de 50 res

---

<sup>2</sup> Respectivamente os anos e os números de medalhas: 11 em 1875; 10 em 1880; 2 em 1885; 3 em 1895; 1 em 1900.

em prata dá [hena] de 1866 de Vitorio Manoel Segundo. Agora Beça a Vossa Excelentíssima lançar suas vistas solene a este menino para nesta ocasião a necessidade assim permitir que muito cedo será procurado (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36035/268- janeiro/1875).

Como foi destacada no bilhete, a medalha de “Nossa Senhora das Neves de Paula Mattos”, faz referência a localização em que a igreja foi criada no Morro de Paula Mattos, que atualmente compreende o bairro de Santa Teresa no Largo das Neves, mas sua fundação pode estar relacionada com a presença de imigrantes italianos, já que a santa é cultuada na Itália. Não obstante, a criança acompanha uma moeda em prata que faz referência ao reinado de Vítor Emanuel II na Itália. Depois dos detalhes dados pede-se que a criança seja bem cuidada pela casa que logo mais será procurada, mostrando que ao que tudo indica, a pessoa que escreveu o bilhete fazia questão em destacar sua identidade através desses detalhes.

### **Imagem 1: Arabesco da Irmandade de Nossa Senhora das Neves em Santa Teresa**



**Fonte:** Arquivo Pessoal, fevereiro de 2023.

Temos também a representação de São Bento, que é celebrado no Brasil, mas também na Europa, e teve sua medalha acompanhada por um bilhete em francês em maio de 1875, junto a criança Martha Couthier, uma menina branca, com três meses de idade, que chegou com gastroenterite (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36241/87- maio/1875). Sendo assim, revelando uma presença estrangeira, provavelmente fruto do aumento da imigração na cidade do Rio de Janeiro, que também caracterizou a infância assistida.

Se as medalhas estavam mais relacionadas com a presença de crianças brancas e uma parcela estrangeira, os búzios e as contas revelam um outro quadro dessa população. Temos um número de doze crianças que chegaram acompanhadas por búzios, dentre elas uma branca, nove pardas e duas pretas; das doze crianças, sete chegaram doentes. Mesmo

que o número de crianças com búzios seja menor, conseguimos perceber que era uma simbologia mais utilizada acompanhada das crianças pretas e pardas. Separando por ano em que os búzios aparecem, temos em 1870 duas vezes, em 1875 três vezes e em 1880 sete vezes, após esse ano e a partir da nossa base de dados os búzios não aparecem mais. Ainda assim, é significativo o ano de maior presença desses símbolos ser 1880, período em que o número de crianças não-brancas aumenta na instituição.

Interessante perceber que algumas crianças que chegavam com búzios também traziam outros amuletos, como é o caso da menina Luiza que parece ter um ano de idade, preta, que chegou em vinte e dois de outubro de 1870 e “trouxe na orelha esquerda forrado uma brinca de ouro e no pescoço um colar de contas azul, 4 medalhas diversas, 3 búzios e 1 figa” (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 34102/227-outubro/1875). Esses detalhes evidenciados nos sinais encaminhados com Luiza nos possibilitam traçar uma hipótese sobre a cultura religiosa em que sua família está inserida, relacionada com símbolos do candomblé e da cultura preta no geral que circulava o Rio de Janeiro naquele momento e que passa a acessar a Casa dos Expostos.

Por fim, vamos analisar as contas. O fio de contas<sup>3</sup> é muito utilizado na cultura de terreiros, simbolizando proteção e uma ligação com os Orixás e as entidades que os acompanham. Entretanto, nem todas as crianças que chegavam com contas podem estar relacionadas com esse significado, destacamos a análise desse símbolo por perceber uma padronização nas cores que se repetiam, o que não pode ser ignorado por trazer significados importantes na cultura africana e nos permitir identificar mais um rastro do perfil das famílias das crianças.

Um total de 36 crianças chegaram acompanhadas pelas contas, sendo doze brancas, vinte pardas e quatro pretas, destas, vinte se encontravam doentes. Com a análise por ano, temos em 1870 um total de 16 crianças, em 1875 seis, 1880 nove, 1885 uma e em 1900 três. Mesmo que o ano em que tenha o máximo de aparição seja em 1870, em 1880 também temos um número significativo dentro desse recorte.

---

<sup>3</sup>De acordo com o Núcleo de Pesquisa do Museu Afro Brasil, “o fio de contas é um poderoso emblema social e religioso. Ele apresenta o compromisso ético e cultural de seu portador com o núcleo no qual pertence. Assim como as jóias crioulas, sua presença é marcante na indumentária utilizada durante o período colonial e seu uso se estende aos dias atuais por meio dos mais diversos materiais, desde o ouro e prata ao plástico e materiais artificiais e industriais. Por meio destes colares é possível identificar a atuação deste indivíduo no interior do âmbito socioreligioso, o tipo de nação, o santo de devoção e outros códigos compartilhados pela religiosidade afrobrasileira” (GUALBERTO, 2015).



A partir desses números, vamos analisar as contas agora partindo das cores, dentre as trinta e seis crianças que chegaram com contas, dez eram brancas, cinco eram azuis e brancas e duas azuis. Dentro da cultura do candomblé essas cores não são aleatórias, geralmente o branco associado a Oxalá e o azul com Yemanjá, figuras importantes entre os orixás, relacionada com a maternidade e Oxalá como sendo o orixá mais velho, o pai de todos<sup>4</sup>. Sendo assim, símbolos de proteção, evidenciando que o abandono era algo mais complexo do que parece e que as famílias buscavam manter vínculos não apenas religiosos, mas também culturais com essas crianças.

Em suma, conseguimos perceber que a mudança de perfil da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, se deu a partir do processo de abolição da escravidão, com a chegada significativa de crianças classificadas como pardas. Como também, podemos falar sobre a caracterização do perfil das famílias, bem como, do perfil da pobreza urbana que acessava a instituição, a partir dos vestígios da cultura material que acompanhavam as crianças. Outra questão relevante que foi destacada nessa análise das “medalhas, búzios e contas”, é o número de crianças doentes relacionado com essas simbologias, que corrobora com o debate aqui proposto sobre a mudança de perfil da instituição no final do século XIX, pois, a quantidade de crianças entradas doentes também está relacionada com o lugar que a Casa dos Expostos ocupava naquela sociedade, pensando também nesses símbolos atrelados às diferentes práticas de cura que eram exercidas e que conseqüentemente refletem parte da população pobre do rio de janeiro, como veremos adiante.

## **1.2. Condições de Saúde das crianças da Roda do Rio de Janeiro**

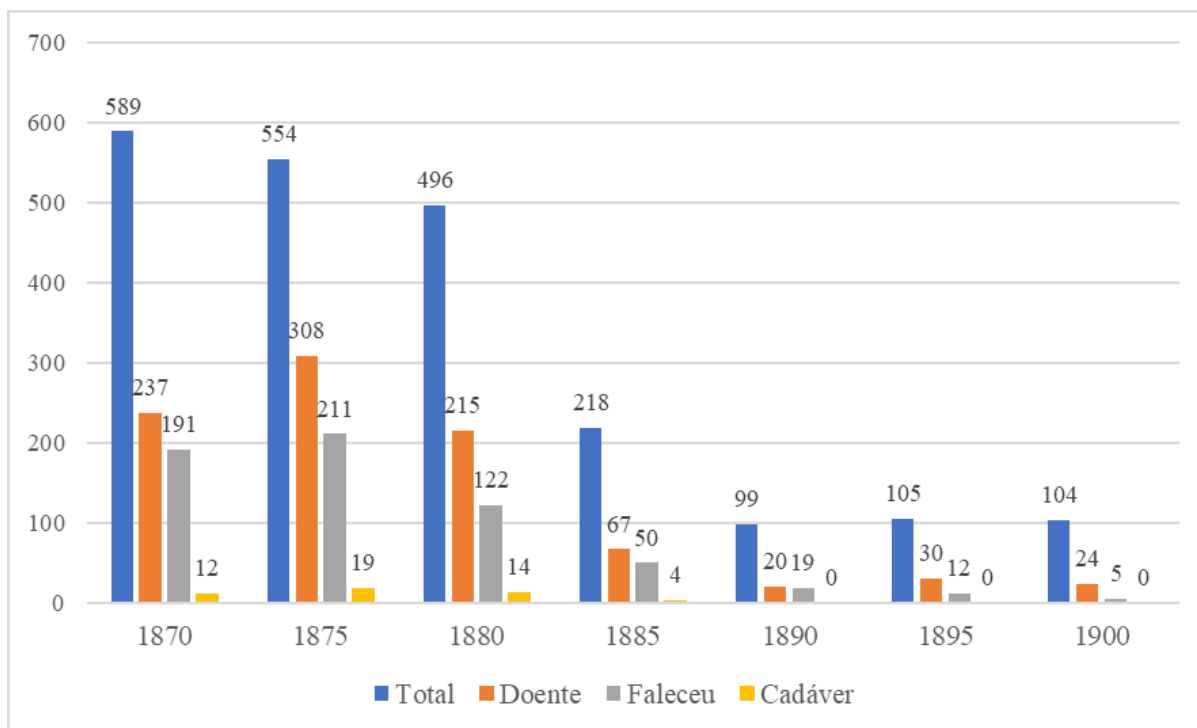
Partindo do pressuposto da saúde como um fator para as causas do abandono, assim como a pobreza também como marcador de saúde. É evidente, a partir dos registros analisados, que a saúde das crianças cuidadas pela Casa dos Expostos se mostra debilitada a partir da sua entrada na instituição, a maioria das crianças já chegavam em más condições de saúde e em sua maioria faleceram após a entrada, inclusive, mesmo em

---

<sup>4</sup>Ver mais em: CABRAL, Carolina. Da polícia ao museu: a formação da coleção africana do Museu Nacional na última década da escravidão / Carolina Cabral Ribeiro de Almeida. – 2017. 205 f.

quantidades menores, mas algumas já chegavam mortas, classificadas como cadáveres, como podemos observar no gráfico abaixo:

**Gráfico 4: Condições de saúde da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (1870-1900)**



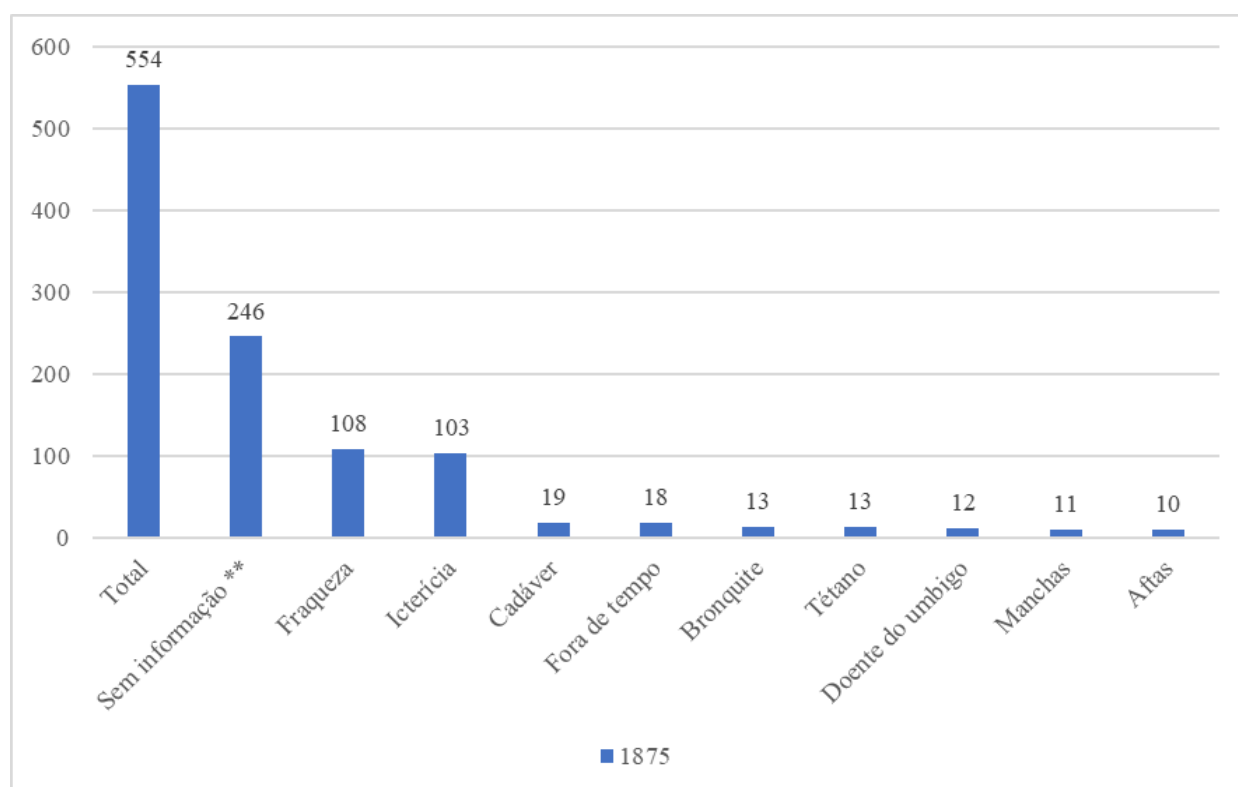
**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ. Acervo Educandário Romão Duarte.

Percebemos com o gráfico 4 que comparando entre o número de crianças que já entravam doentes, boa parte delas faleceram na instituição e em sua grande maioria, em menos de um mês. Não obstante, algumas crianças precisavam ser batizadas às pressas e chegavam a falecer dias depois, como é o caso da Valeria, dois dias de nascida, uma menina preta que chegou "esvaída" no dia quatorze de novembro de 1875, foi “batizada em perigo de vida” e faleceu no mesmo mês no dia dezessete (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36527/396 - novembro/1875). Ou o caso de Marcario, um menino pardo, “nascido fora de tempo”, que chegou “moribundo” no dia oito de janeiro de 1880 e faleceu no dia seguinte (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 38809/71- janeiro/1880).

Renato Venâncio, sobre o quadro de mortalidade infantil na cidade, afirma que a taxa elevada na virada do século XVIII para o século XIX, revelava um “regulador do número de indigentes na sociedade”, considerando que o enjeitamento atingia 20% das crianças no meio urbano (VENÂNCIO, 2002:139), sendo assim, mesmo se tratando de períodos distintos vemos semelhanças com os dados aqui apresentados para a segunda metade do século XIX.

A fim de compreender melhor o quadro de saúde das crianças enjeitadas, foi separado em gráficos por anos os sintomas ou as anomalias com as quais as crianças chegavam na instituição. Interessante perceber o que Tânia Pimenta chama atenção em seu trabalho sobre a vida da população escravizada e suas doenças no século XIX, que muitas vezes o sintoma aparece como doença, no caso de febre por exemplo (PIMENTA, 2022:28) e que “os médicos da época identificavam problemas de dentição como uma causa importante de morte entre crianças” (PIMENTA, 2022:38), como podemos observar no gráfico abaixo:

**Gráfico 5: Condições de saúde de crianças entradas na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro de 1875**



\*\*Sem classificação de condições de saúde no registro.

**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ. Acervo Educandário Romão Duarte.

Se faz necessário duas observações sobre a organização do gráfico 5, primeiro é que foi dividido entre as doenças que tiveram maior frequência na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro para o ano de 1875<sup>5</sup>. Outra questão é que às vezes a mesma criança aparece registrada com mais de uma doença ou sintoma de doenças diferentes no momento de sua entrada na instituição, assim, optamos por separar os dados por doenças e não por número de crianças doentes. Desta forma, a mesma criança que chegou com icterícia e inflamação no corpo foi contabilizada duas vezes dentro dessa lógica, só para conseguir analisar com maior clareza a quantidade de vezes que determinadas doenças ou anomalias aparecem. Como é o caso do menino chamado João, pardo com dois dias de nascido que chegou no dia dois de abril de 1880, moribundo e com hemorragia umbilical, falecendo no dia três do mesmo mês às 3:00 da manhã (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 38940 - abril/1880). De modo geral, fraqueza e icterícia<sup>6</sup> lideram como as principais doenças que acometiam as crianças na instituição no ano de 1875.

Identificamos no Gráfico 5 que as classificações parecem subjetivas, muitas crianças classificadas com “fraqueza”, algumas como “fora de tempo”, outras com “manchas” que poderiam ser no rosto, corpo, mãos e peito, ou apenas “doente do umbigo” algumas vezes especificados como sendo tétano, hérnia ou ferida. Classificações que não trazem a precisão de um diagnóstico da doença e que abre margem para diversas interpretações a fim de compreender o motivo de tantas crianças chegarem fracas na instituição. Algumas mães em bilhetes descrevem a falta de leite como uma causa para o abandono, o que pode também ocasionar a fraqueza para algumas crianças, como é o caso

---

<sup>5</sup>Outras condições de saúde que não foram citadas no gráfico pois aparecem em menor frequência, são elas: oftalmia purulenta (9), feridas (8), muito pequena (7), úlceras (5), marasmo (5), esvaído (5), diarreia (4), gastroenterite (3), inflamação (3), convulsões (3), corpo inchado (3), cara machucada (2), cabeça machucada (2), coriza (2), anemia (2), imperfuração do ânus (2), febre (2), cianose (2), antrazes gangrenosas no rosto e no corpo (1), gangrenosa na esquerda (1), área de conformação (1), brotoejas (1), cabelos cortados atrás da orelha (1), colete interino (1), dartos (1), contusões e quebrado o braço esquerdo (1), enteromesentérico (1), aleijado dos membros (1), força de sangue na cabeça (1), gelado de frio (1), apastema no braço direito (1), hidrocefalia (1), catarro sufocante (1), cheia de botões (1), bola de sangue no ventre (1) (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, 1875).

<sup>6</sup>De acordo com o segundo volume do dicionário de Chernoviz, a icterícia é uma “moléstia caracterizada pela cor amarela da pele, produzida pela passagem no sangue das matérias corantes da bÍlis. A icterícia pôde sobrevir na eólica hepática, na inflamação do fígado, nas afecções dos órgãos vizinhos do fígado (pulmões, pleura, peritônio), na febre amarela, na mordedura dos animais venenosos etc. Todavia, em muitos casos a icterícia constitui por si só toda a moléstia, e não está ligada a alteração nem dos sólidos, nem dos líquidos” (CHERNOVIZ, 1878:177).

da menina Rosa, branca, de vinte dias, chegou no dia dois de setembro de 1875 com aftas na boca e acompanhada do seguinte bilhete:

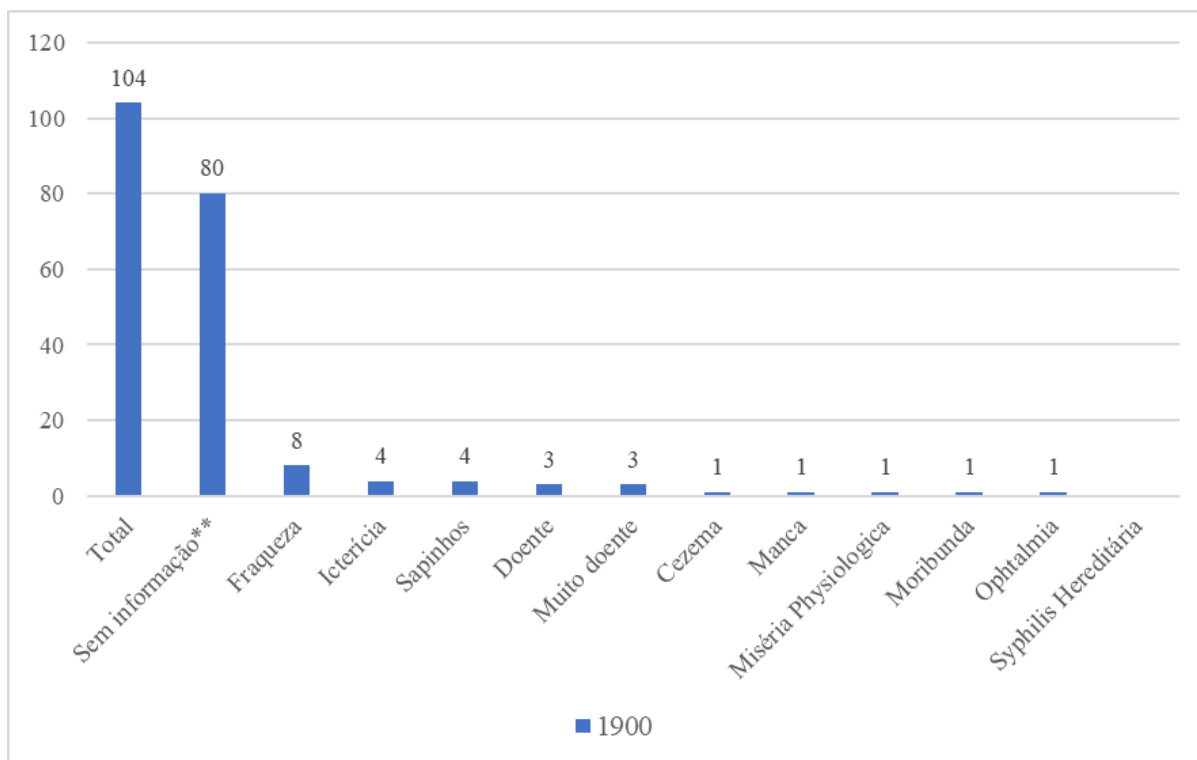
14 de agosto de 1875.

As duas horas da madrugada foi o nascimento desta criança que se retirou de sua mãe por falta de leite por causa do grande perigo em que se acha. A criança ainda não foi batizada (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36437/303 - setembro/1875).

Percebemos neste bilhete que, ao que tudo indica, se trata de uma criança temporária, provavelmente um bilhete encaminhado do Hospital da SCMRJ, já que foi afastada de sua mãe por motivos de saúde dela, acarretando o destino da criança. Rosa foi batizada no dia quatro de setembro e faleceu no mesmo mês.

Com a construção desses gráficos sobre doenças, outra coisa que podemos destacar é a mudança no diagnóstico da doença nas diferentes décadas analisadas, demonstrando o impacto do avanço das especialidades médicas de atenção à infância na Casa dos Expostos, como também, a diminuição do número de entradas de crianças pode estar relacionada com a abertura de novas instituições de saúde para os cuidados com a infância. Vejamos o gráfico abaixo:

**Gráfico 6: Condições de saúde de crianças entradas na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro de 1900**



\*\*Sem classificação de condições de saúde no registro.

**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ. Acervo Educandário Romão Duarte.

Ainda que algumas classificações como “moribunda” e apenas “doente” apareçam, temos no Gráfico 6 nomes mais técnicos de diagnóstico da doença para as crianças que estavam sendo cuidadas na instituição do Rio de Janeiro.

Com essa discussão levantada, podemos também buscar entender a doença enquanto uma construção social, pois, Gilberto Hochman e Diego Armus em seu trabalho sobre saúde na América Latina e no Caribe, nos chamam atenção para a compreensão de que a doença existe e coexiste através do biosocial. Desta forma, afirmam que a doença precisa ser analisada através de uma moldura social que a circunscreve e é por ela estruturada, para se compreender a relação que se estabelece entre a transformação de uma doença ou evento biológico em um problema de saúde pública (HOCHMAN; ARMUS, 2004:18).

Com isso, podemos utilizar o quadro de saúde das crianças aqui exposto e pensar qual é a moldura social em que essas crianças estão inseridas. O fato de muitas crianças chegarem com fraqueza na instituição e alguns bilhetes relacionarem com a falta de leite das mães também nos diz sobre a saúde dessa mulher que reflete na criança. Podemos relacionar essa fraqueza com a desnutrição que é um reflexo da pobreza. Assim como, algumas doenças relacionadas com a falta de salubridade do local em que essas crianças estavam, que é o caso das feridas, úlceras, brotoejas, entre outras. Alguns desses machucados, como por exemplo os da boca, também podem estar relacionados com problemas no aparelho digestivo, com a ingestão de água imprópria para consumo, uma alimentação inadequada, entre outros fatores que também está relacionado com a pobreza.

Por conseguinte, outro diálogo importante é com Andrew Cunningham, que afirma que a dimensão da causa da doença, em diferentes tempos e sociedades, identifica o modo que pensam que o mundo funciona, então, de acordo com Cunningham, devemos nos concentrar no diagnóstico da doença, elemento pelo qual a identidade da doença é dada ou estabelecida (CUNNINGHAM, 2002:14).

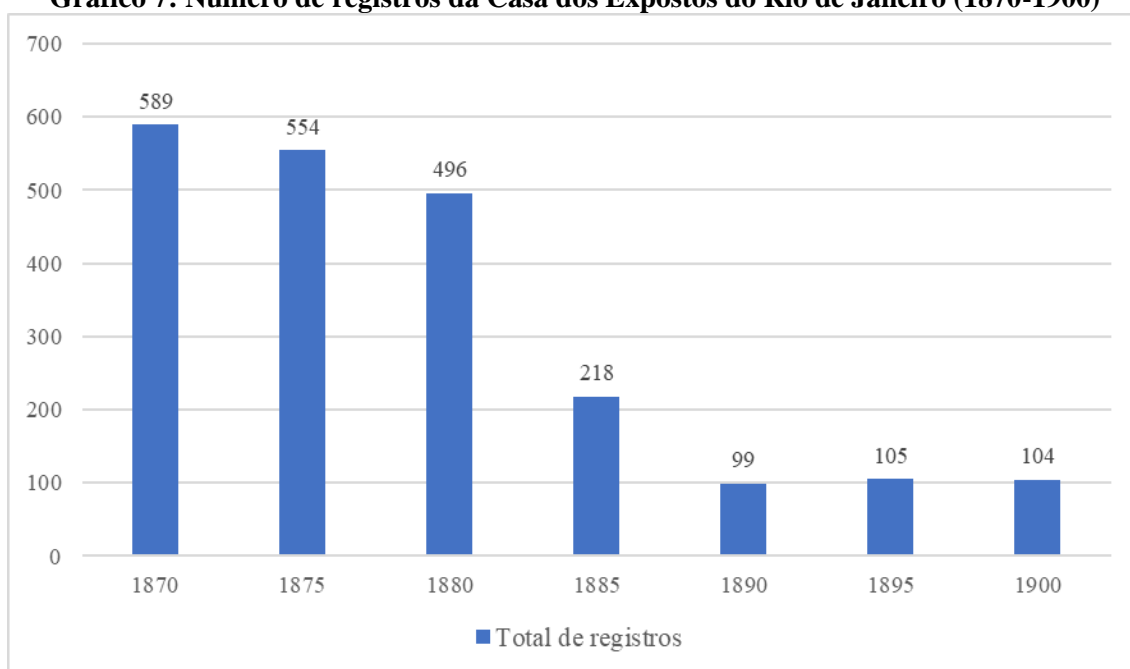
Aos poucos a infância assistida na Casa dos Expostos vai se tornando alvo de preocupações de médicos e higienistas, refletindo no seu funcionamento no sistema de amas e no perfil da infância assistida, cada vez mais crianças temporárias e desamparadas do que expostas de maneira anônima, o que reflete no número de crianças entradas na instituição. Portanto, a saúde nesse momento também é um fator importante ao falarmos sobre as hipóteses em torno do abandono, como também, na identificação da pobreza assistida nesse período.

### **1.3. Expostas, desamparadas e temporárias: a mudança de perfil da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro**

Conforme já vimos anunciando neste capítulo, a Casa dos Expostos do Rio de Janeiro teve um número significativo de entradas na segunda metade do século XIX, porém, na virada do século, visualizamos uma decaída marcante nesses números. Provavelmente, a queda do número de entradas de crianças pode estar relacionada também às mudanças na própria SCMRJ, pois, de acordo com Letícia Cosati “desde a segunda metade do século XIX, a irmandade vive um processo de ampliação e remodelação de seus estabelecimentos” (COSATI, 2019:55), no qual, a instituição da Roda deixa de ser o único espaço voltado para a assistência à infância. Uma remodelação

que não foi isolada apenas à instituição da SCMRJ, mas, de acordo com Gisele Sanglard e Luiz Otávio Ferreira o “processo de controle da esfera pública sobre a infância se intensificou na segunda metade do século XIX, com o surgimento das especificidades médicas e jurídicas voltadas para a infância” (FERREIRA; SANGLARD, 2014:72). Verificamos no recorte temporal analisado que no início da segunda metade do século XIX, o ano de 1870 teve a entrada de 590 crianças na instituição, já 1875 tem uma queda para 554. A partir disso, os próximos anos apresentam cada vez menos registros de crianças, sendo que, o ano que menos recebeu crianças, foi justamente depois da Proclamação da República, 1890, com 98 registros, como podemos analisar no gráfico abaixo:

**Gráfico 7: Número de registros da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (1870-1900)**



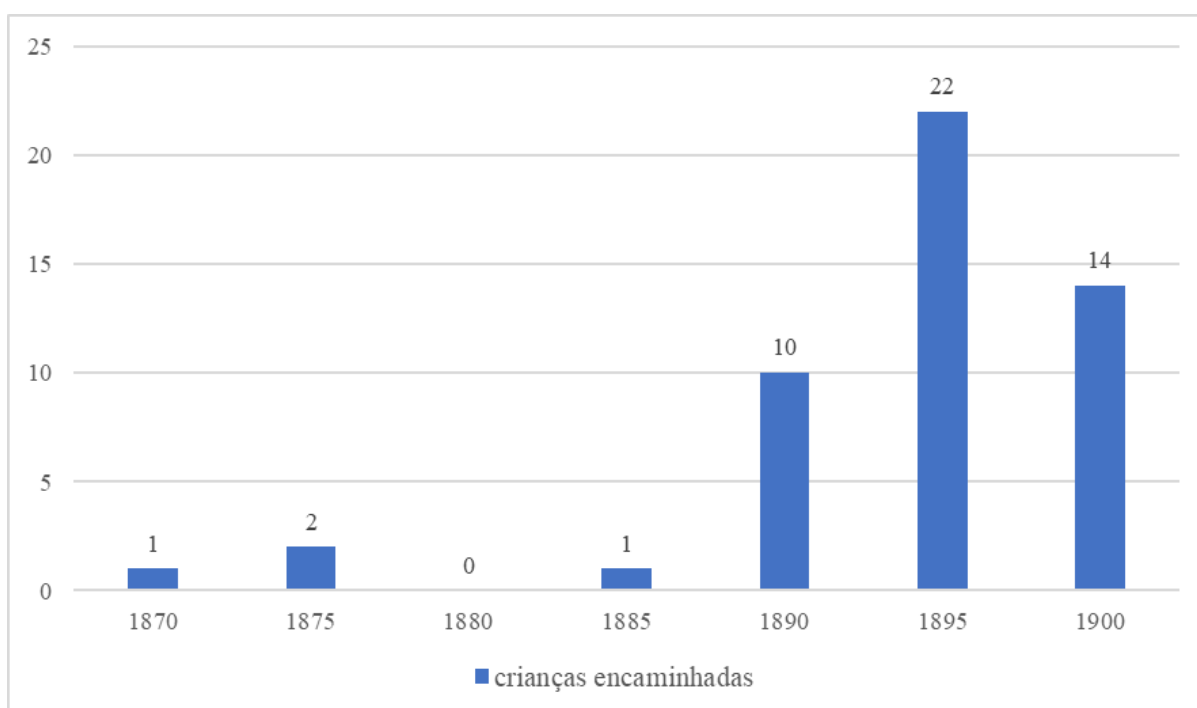
**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ. Acervo Educandário Romão Duarte.

Desde 1870, algumas crianças são encaminhadas através de ofícios, documentos oficiais anexados com a criança, seja das delegacias de polícia, do Hospital Geral da SCMRJ, hospício etc. Entretanto, percebemos que cada vez mais o número de crianças encaminhadas estava aumentando, o que transforma o caráter do anonimato das Rodas, já que cada vez menos chegam crianças na categoria exposta e aumentam os números de crianças temporárias, aquelas cujos responsáveis são identificados e as desamparadas,



aquelas encaminhadas do Hospital Geral da SCMRJ cujas suas mães faleceram e as encaminhadas da Delegacia de Polícia. De acordo com Sanglard, a partir de 1910 essas crianças cujas mães faleceram no Hospital Geral, passam a serem matriculadas na seção “desamparadas” da Casa dos Expostos, com um número distinto para distingui-las (SANGLARD, 2016:347), o que revela que de fato existia uma demanda em atender essas crianças. Para a autora, o trânsito da Casa dos Expostos neste período de virada de século, era além do mecanismo da Roda e o abandono se mostrou cada vez mais como consequência não do abandono, mas da internação de mulheres no Hospital Geral (SANGLARD, 2016:344).

**Gráfico 8: Número de crianças remetidas do Hospital Geral para a Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (1870-1900)**



**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ. Acervo Educandário Romão Duarte.

Com o gráfico 8 percebemos o aumento do número de crianças encaminhadas do Hospital Geral, principalmente no ano de 1895, mas o ano de virada seria em 1890. Neste caso, se compararmos o gráfico do número de registros da instituição por ano com o

número de crianças encaminhadas, fica nítido que de fato cada vez mais se conhecia a origem familiar da criança, já que o número de registros decaiu em 1890 e concomitante, o número de crianças encaminhadas aumentam.

Com a análise dos bilhetes a partir de 1890, percebe-se que após este ano, com a inserção dos registros civis na sociedade brasileira, a Roda dos Expostos passa a receber as certidões de batismo e nascimento e anexá-las junto aos registros, na qual, está detalhada o nome da criança, dos pais ou apenas da mãe e dos padrinhos, algumas até apresentam o endereço da mãe. Porém, sem distinção de cor. Sendo assim, nos faz concluir que os bilhetes reforçam o argumento sobre as transformações na Casa dos expostos, Sanglard afirma que mantida até 1938, a roda dos expostos passa por transformações no funcionamento, que se afasta do seu objetivo inicial (SANGLARD, 2019:108), “o que dá continuidade é o nome, a vinculação com a Misericórdia e o simbolismo” (SANGLARD, 2019:109).

Logo, como exemplo de documentos oficiais que eram anexados às crianças após o advento dos registros civis, vemos a certidão de batismo de Gabriel, um menino branco com dezenove meses de idade, que chegou no dia vinte e oito de março de 1900, batizado na Santa Casa de Misericórdia, que diz:

Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro - Serviço Religioso.

Certifico que no livro 4 bap. a fls 153 encontrei o seguinte:

Gabriel aos dias de setembro de mil oitocentos e noventa e oito, em vinte de fevereiro por faculdades concedidas pelo ex. arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro aos capelães do Hospital da Santa Casa de Misericórdia batizei solenemente a Gabriel filho legítimo de Manoel Rodrigues e de Adelaide da Conceição nascida aos dezessete do corrente mês e ano, sendo madrinha Maria Christina do Rosario. E para constar fiz este lançamento. O capelão Padre Benjamim Frechet da missão foi o que mostrei no livro e fls acima mencionadas a que me reporto.

Rio de Janeiro 28 de março de 1900. O capelão Padre António Martins Falci de Cong. a Missão (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 42592 - março/1900).

Podemos ver que na certidão de Gabriel tem identificado o nome de seus pais, o nome de sua madrinha e que ele foi batizado na própria Santa Casa. Gabriel, dias depois, foi dado a criar em Itaboraí e tem como destaque em seu registro, a observação de que “foi mandado considerar como exposto”, o que significava na maioria dos casos que provavelmente sua mãe teria falecido no Hospital Geral, o que de fato aconteceu. Em sua descrição, o menino já estava na Casa dos Expostos desde 18 de fevereiro, mas apenas foi considerado exposto em março,

Sendo Cosma Maria da Conceição que por ele fazia às vezes de mãe em tratamento na mesma S. Casa, tendo ela falecido, o dito menor foi matriculado com o n° 42592 que corresponde ao dia 28 de março, data em que foi incluído no n° dos expostos (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 42592 - março/1900).

Neste caso, quem faleceu foi uma mulher que Gabriel tinha como mãe, mesmo assim, parece ter sido o único laço familiar que o menino tinha, já que foi considerado exposto após sua morte e os documentos não registram a volta de seus pais ou outro responsável para retirá-lo da Roda.

Outro documento de batismo que podemos usar como exemplo, é a certidão de Maria, batizada na Matriz de S. José, uma menina branca de trinta e sete dias que em dezessete de fevereiro de 1900 entra na instituição, que diz:

O monsenhor Victorino José da Costa e Silva. Vigário Encomendado da Freguesia de S. José do Arcebispado do Rio de Janeiro. Certifico que no livro 25 dos assuntos de Baptismo d'esta Freguezia a folhas 10, existe o seguinte assunto: Aos vinte e cinco dias do mez de janeiro de mil novecentos, está, o Reverendo Padre Francisco Ceante, batizou solenemente Maria, nascida desde o corrente mês filha natural de Luiza da Silva, viúva. Foram padrinhos José Neves Madruga, casado, e Dona Maria Joaquina da Costa, casada. E para constar mandei coisar este assunto que assino. Vigario Encomendado Monsenhor Victorino José da Costa e Silva. Matriz de S. José desta capital federal. 26 de janeiro de 1900. Pg desta 5\$000 (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 42575/284 - fevereiro/1900).

O caso de Maria é um pouco diferente de Gabriel pois sua certidão é de outro lugar, mesmo assim carrega informações importantes sobre a origem familiar da criança. Mas também podemos ver que apenas o nome da mãe e dos padrinhos são identificados, sendo a ausência paterna, por seu falecimento, também uma das hipóteses para a criança ter tido como destino a Casa dos Expostos.

Para além das certidões de batismo, como as citadas acima, algumas crianças eram encaminhadas com ofícios como já foi dito, os documentos oficiais de algumas instituições vinculadas ou não a SCMRJ. Assim, podemos analisar que no ano de 1890, dos 98 registros analisados, 10 crianças são encaminhadas diretamente do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, em função da internação da mãe ou de seu falecimento. Mas também, outras seis crianças foram encaminhadas através de ofícios, como é o caso do ofício remetido da Delegacia de Polícia da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro em 14 de abril de 1890, o qual vem escrito:

Ao cidadão escrivão da Casa dos Expostos. Faço vos apresentar o menor Luiz de 4 anos de idade, filho da preta Rufina Alexandrina Ferreira de lemos, que por sofrer das faculdades mentais, foi recebida ao Hospital Nacional dos Alienados, em 8 do corrente, e rogo vos que o mandei admitir nesse estabelecimento à disposição do Juiz de Órfãos da 1º vara. Saúde e Fraternidade. (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 41450, 1890)

Podemos perceber que Luiz já tem quatro anos de idade, acima da idade das crianças geralmente recebidas pela instituição, como também, sua mãe é identificada e sua cor destacada como uma mulher preta, Luiz é registrado como pardo pela instituição. Outra questão é que a condição de saúde mental da mãe também é destacada como um motivo para a criança ser colocada na Casa dos Expostos, evidenciando a falta de uma rede de estrutura familiar para essa mãe e essa criança, já que ela precisou ser colocada na instituição. Portanto, corroborando com o que já foi discutido acima sobre a questão da saúde da criança como um dos motivos para serem colocadas na Casa dos Expostos, mas também a questão da saúde de sua mãe, já que a maioria dos casos apresentados, demonstram uma falta de uma rede de apoio familiar para essas mulheres, como aponta Letícia Cosati para as mães internadas no Hospital Geral da SCMRJ, no qual, afirma que a lotação de mulheres internadas nas dependências da Misericórdia revela um quadro de

ausência de estrutura familiar ou laços de solidariedade horizontal que se estende para seus filhos (COSATI, 2019:59).

Outra questão que merece destaque são os casos das crianças temporárias, crianças que não são órfãos, seus pais são identificados através dos bilhetes ou ofícios e geralmente demonstram o interesse em buscá-las em momento oportuno como já foi dito anteriormente. Temos como exemplo o caso do menino Ismael, com dezessete dias de nascido, preto, chegou em oito de setembro de 1875 com o seguinte bilhete:

Esta criança nasceu no dia 23 de agosto ainda não está batizada e deve ser com o nome de Ismael sua mãe chama-se Rosa Rangel pede-se para terem se nota de tudo pois deve se tirar buscar. Entra para esta casa as 9 horas da noite do dia 8 de setembro de 1875 (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36446/310, setembro/1875)

O bilhete de Ismael destaca o nome de sua mãe e o pedido para terem nota de seus gastos, pois ela irá retirá-lo. No livro de registro utilizado para essa pesquisa, não temos a informação da retirada da criança, apenas que ela foi dada a criar em Itaboraí, mas uma característica dos livros de registro do Rio de Janeiro é que as informações descritas geralmente se referem aos acontecimentos recentes da criança, datados do mesmo mês de sua chegada. Sendo assim, possivelmente existiam outros livros em que continham essas informações. Porém, o que gostaríamos de destacar com esse bilhete, além da questão de a mãe ter retirado ou não, é a questão do próprio formato que difere dos bilhetes que são geralmente encaminhados à Roda, já que nesse caso sua mãe é identificada e promete retirá-lo.

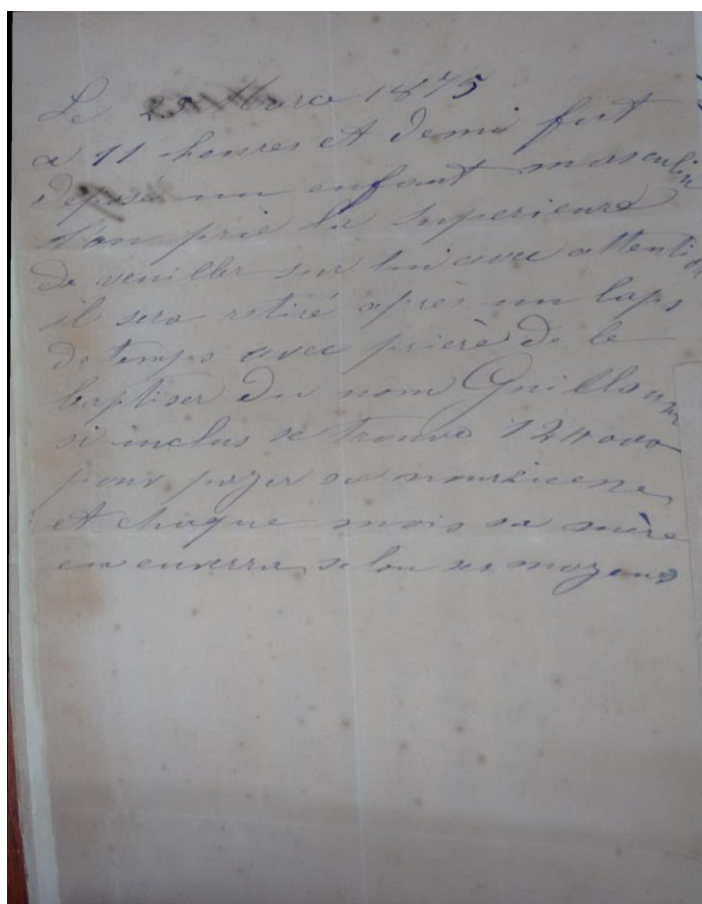
Continuando sobre as crianças temporárias, outro bilhete que difere do padrão de bilhetes encaminhados com as crianças expostas, é o que vem acompanhado do menino Guillaume, menino, branco que chegou com icterícia em vinte e cinco de março de 1875, junto a um bilhete em francês que diz:

Às onze horas e meia, foi depositado um menino. Rogamos à superiora de cuidar dele com toda atenção pois ele será retirado depois de um lapso de tempo. Rogamos que ele seja batizado com o nome de Guillaume, inclui a quantia de 1200 para pagar suas vacinas e a cada mês sua mãe enviará segundo suas

possibilidades (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36163/3, tradução livre - março/1875).

Este bilhete, difere do que estava junto de Ismael, por não ter o nome da mãe de Guillaume destacado. Porém, sua mãe envia uma quantia para a instituição para pagar as vacinas da criança e promete, “segundo suas possibilidades”, encaminhar uma quantia por mês, o que difere da dinâmica das Rodas em relação ao anonimato, já que essa mulher se propõe a manter uma relação com a instituição em prol dos cuidados com seu filho.

### Imagem 2: Bilhete em francês de Guillaume em 1875



**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ, número 36163/3 - março/1875. Acervo Educandário Romão Duarte.

Mediante o exposto, se faz necessário compreender as diversas camadas da pobreza que refletem no público assistido da Casa dos Expostos. Como também, perceber

as mudanças no perfil das crianças assistidas, pois, de acordo com Gisele Sanglard, a instituição aos poucos vai se tornando um abrigo médico-hospitalar para essas crianças (SANGLARD, 2016) se opondo à afirmação de Maria Luiza Marcílio de que o novo funcionamento da Casa dos Expostos passou a ser de uma creche.

## CAPÍTULO 2

### **Entre búzios: perfil das crianças abandonadas em Salvador**

*Bahia, 5 de abril de 1871. Esta criança é forra, não tem pai, ainda não está batizada, a mãe é tão pobre que não tem o que comer, e nem leite para criar, e por isso é que se vale da caridade desta grande casa de tantas gentes boas. Pede-se o favor de guardar-se esta carta para o tempo que aparecer quem de todos os sinais que dou aqui ou apresentar uma carta irmã desta, para esta criança ser entregue, pois ela tem um parente do pai da criança que hoje mesmo embarcou para ir receber uma grande herança, e por ser homem solteiro e muitos outros motivos a respeito da mãe que não os pode declarar, não a toma já, mas pretende logo que puder, tomá-la e dar um agradecimento não só a casa como também a quem a criar. A criança há de se chamar Joanna espera pra que tem de esperar (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 563/116 - abril/1871).*

Este capítulo tem por objetivo estudar o perfil da infância assistida na Casa dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia da cidade de Salvador. Assim como no capítulo um, aspectos como saúde, gênero e cor das crianças serão evidenciados, a fim de conhecer o público assistido da instituição, como também, o perfil da pobreza urbana da cidade. Conforme o título do capítulo sugere, a presença de búzios foi destacada como um aspecto da cultura material que acompanha as crianças, mesmo que em quantidade menor da apresentada para o Rio de Janeiro, a ausência de símbolos do catolicismo junto às crianças também nos revela aspectos importantes sobre o perfil das famílias nesta cidade.

O bilhete que inicia este capítulo é sobre a criança Cecília de Mattos e foi escolhido justamente para mostrar a importância da discussão de Salvador dentro deste



trabalho, pois, os detalhes que acompanham este bilhete diferem do padrão de bilhetes que acabamos de ver no capítulo anterior sobre o Rio de Janeiro. Além do mais, essa criança chegou meses antes da promulgação da Lei do Ventre Livre em 28 de setembro de 1871, portanto, quem escreveu achou necessário evidenciar que se trata de uma criança liberta, já que ela não era branca, classificada como crioula pela instituição. Assim, para a discussão de Salvador também temos uma nova categoria de análise, o caso das crianças forras<sup>7</sup>, algumas acompanhadas de suas cartas de alforria.

A discussão da instituição de Salvador neste trabalho enriquece o debate sobre as diferentes camadas da pobreza, como também, sobre as mudanças no caráter da própria instituição dos expostos, destacando cada vez mais a presença de crianças temporárias e encaminhadas para a segunda metade do século XIX, como discutimos no capítulo anterior. Entretanto, para Salvador aparecem outros aspectos que reforçam esses argumentos, como por exemplo o aumento da presença de crianças maiores de um ano na instituição e o caso das crianças classificadas como “em educação no asilo”, crianças que geralmente não vão para a criação externa e são, portanto, diferenciadas das crianças expostas.

O material<sup>8</sup> utilizado nesta pesquisa da SCMBA reúne os registros das crianças entradas na instituição de 1870 até 1879, portanto, apenas uma década, um total de 521 registros analisados. Aspectos gerais da criança são destacados no documento, como idade, nome, estado de saúde, data de falecimento, os sinais que acompanham, entre outros. Um diferencial desta documentação é que reúne informações para além da vida da criança na instituição dos expostos, o que dá a entender que era um livro constantemente revisitado, já que anotam também dados sobre casamento e saída para o arsenal da marinha, por exemplo. Como é o caso da menina Theresa de Mattos que chegou em dezessete de outubro de 1879, parda, recém-nascida e doente e que acompanha a seguinte descrição: “casou-se no dia 29 de outubro de 1904 com o senhor José Cosme da Paixão”. Outra questão é que os nomes das crianças dificilmente são mantidos como pedem os bilhetes, todas as crianças possuem o mesmo sobrenome “de Mattos” e os seus nomes são modificados, mesmo para aquelas que já haviam sido batizadas, podendo ser

---

<sup>7</sup>Adjetivo empregado para pessoas negras libertas no período da escravidão no Brasil.

<sup>8</sup>Os dados transcritos do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Bahia foram anteriormente usados nas pesquisas de Maria Luiza Marcílio que os entregou a Renato Franco que os cedeu para a pesquisadora Gisele Sanglard.

uma estratégia da instituição para evitar possíveis fraudes de amas, por exemplo, e manter o controle sobre as crianças entradas na instituição.

Em relação ao perfil das crianças, a divisão de gênero de Salvador entre 1870-1879, evidenciam que os números são bem próximos, não demonstrando que havia uma preferência entre um e outro. Temos então um total de 231 meninos e 290 meninas de um total de 521 crianças.

Quando analisamos os anos separadamente, percebemos que as meninas continuam liderando o número de crianças assistidas pela instituição entre os anos, exceto em 1871 e 1879. Assim como no Rio de Janeiro, nos dados apresentados por Venâncio para final do XVIII e a primeira metade do XIX, o índice de abandono por gênero no Rio de Janeiro até 1845 é masculino, mesmo que sem muitas diferenças com o índice feminino. Porém, Salvador permanece com o abandono masculino e a partir da segunda metade do século XIX se torna feminino. Venâncio afirma que o índice de masculinidade caiu 30%.

Não conseguimos saber ao certo o que esses números significam, mas com esse quadro parecido para as duas cidades convém indagar por que as meninas passam a ser preferências nos dados de abandono? Será que está relacionado com os meninos representarem uma força de trabalho? O que podemos concluir é que a mudança de perfil racial muda nas duas cidades paralelo às mudanças de gênero a partir do período do processo de abolição da escravidão. Ademais, reforçamos que a discussão de gênero neste trabalho está relacionada com o fato de serem mulheres o perfil da pobreza urbana em ambas as cidades através dos estudos das crianças da Casa dos Expostos, para o caso de Salvador, particularmente mulheres negras, portanto, essa discussão será aprofundada no próximo capítulo.

O debate sobre a questão racial no que tange a classificação das crianças se faz necessário também ao percebermos que em Salvador diferentes nomenclaturas de cor são utilizadas<sup>9</sup>, como um reflexo da própria sociedade. Pois, diferente do Rio de Janeiro que a mudança de perfil das crianças se dá no processo de abolição da escravatura, onde percebemos um aumento de crianças pardas e pretas na instituição, para Salvador já em 1870 veremos um percentual grande de crianças negras na instituição, classificadas como:

---

<sup>9</sup> Ver mais sobre o assunto em: Jocélio Teles dos Santos, “De pardos disfarçados a brancos pouco claros: classificações raciais no Brasil dos séculos XVIII-XIX”. *Afro-Ásia*, 32 (2005), 115-137.

crioula, parda, cabra e cabocla. Portanto, novos questionamentos aparecem ao tentarmos entender o que essas diferentes nomenclaturas significam para aquela instituição e como traduzem o perfil das famílias.

Sobre as características da pobreza urbana no século XVIII na Bahia, Russel Wood afirma que parte considerável da população vivia em níveis de subsistência, brancos, alguns optavam por viver na pobreza do que fazer trabalhos manuais “que consideravam digno apenas dos escravos”, outrora pessoas pretas conseguiam trabalhos, porém com salários baixos (WOOD, 1981:243). Walter Fraga Filho afirma que a cidade de Salvador era uma das maiores do Império no período, com um fluxo intenso no seu porto que levava e trazia mercadorias, porém, afirma que essa riqueza era mantida em bases frágeis e que “era uma riqueza construída ao custo do empobrecimento da grande maioria da população (FILHO, 1995:22). Dessa forma, “a conquista da alforria significava luta redobrada para reconstruírem a vida em liberdade”, sendo assim, os africanos constituíam mais de um terço “da população indigente que mendigava pelas ruas das cidades da Bahia” (FILHO, 1995:24). Com isso, afirma que a maioria dos pobres eram recém libertos ou descendentes de africanos, já que a economia da Bahia não necessariamente incorporou a mão de obra dos libertos no mercado de trabalho.

Esse quadro da pobreza urbana da cidade, marcado por desigualdades, conseqüentemente refletiu na infância assistida pela Casa dos Expostos, que chegavam doentes e nuas com a pele esticada sobre os ossos (WOOD, 1981:243). Mas também na mudança de perfil da infância assistida, já que até a primeira metade do XIX o abandono ainda era majoritariamente de crianças brancas (VENÂNCIO, 1999), mudando apenas em 1870, como veremos nas páginas a seguir.

Walter Filho ao falar sobre o quadro da pobreza urbana de Salvador, destaca também o abandono de crianças, para quem os sinais da pobreza naquela cidade

Seriam as dezenas de recém-nascidos diariamente abandonados nas portas das igrejas e dos conventos por pais empobrecidos e sem condições de sustentá-los. As autoridades frequentemente recolhiam cadáveres de crianças e velhos depositados nos adros das igrejas por pessoas sem recursos para promoverem ao menos um funeral minimamente digno aos seus mortos (FILHO, 1995:28).

A Casa dos Expostos de Salvador foi a primeira a ser instituída no Brasil em 1726, funcionando nas instalações do Hospital da Misericórdia na Freguesia da Sé até 1840, quando foi criada uma sala à entrada do Recolhimento do Santo Nome de Jesus, prédio anexo à Santa Casa. Porém, apenas em 1862 foi para um prédio na freguesia de Sant'Anna, nas imediações do Campo da Pólvora (VITÓRIA, 2015:50) até seu fechamento em 1950.

Mesmo após a instituição da Roda ter um prédio próprio, médicos, jornalistas e a população denunciaram de forma intensa as condições sanitárias do local (VITÓRIA, 2015:51). Contestavam que a Casa dos Expostos fazia fronteira com localidades afetadas por problemas de saneamento básico.

Russel expõe que mesmo a Roda da Bahia ganhando notoriedade em Lisboa, esta não recebeu os privilégios e nem o dinheiro para financiar a assistência aos expostos, em inúmeras tentativas vê-se a Mesa administrativa da instituição tentando esses financiamentos e até mesmo com os salários das amas atrasados (WOOD, 1981:250).

No ano de 1879 um relatório médico referente à Casa dos Expostos do período de 1878-1879 foi publicado na *Gazeta Médica da Bahia* pelo Dr. Silva Araújo, médico interino da instituição no período. O relatório em geral se propõe a falar sobre as condições sanitárias da instituição e a grande preocupação do médico em questão é em relação à localidade da Casa dos Expostos. Para o médico os miasmas era um perigo constante para os enjeitados e pede para as autoridades que:

Para melhorar ainda mais o seu estado sanitário, é indispensável e urgente que a Provedoria da Santa Casa consiga da Câmara Municipal ou do Governo da Província mandar calçar as lamosas ruas do Tororó e canalizar as águas servidas e as das chuva, que, não tendo por onde sejam levadas ao encanamento geral, ali se estagnam, formando charcos e pântanos que infeccionam não só aquele, e outros lugares que, com o Asilo dos expostos são vizinhos (Relatório Médico do Asilo dos Expostos no ano Compromissal de 1878-1879, *Gazeta Médica da Bahia*, 4º Volume – Terceira Série, 1879, p.368).

Esse é o quadro no qual iremos nos debruçar nas páginas seguintes deste capítulo. O estudo sobre a instituição de Salvador nos permite questionar outras camadas da

infância assistida, com as diferentes formas que ela se mostra na instituição, evidenciando que mesmo que a pobreza esteja aparecendo como a principal causa do abandono, de qual pobreza estamos falando e como ela se classifica e utiliza de estratégias frente aos problemas sociais enfrentados? A partir desses questionamentos, iremos traçar o perfil da infância assistida na instituição a fim de conhecer o perfil das famílias.

## **2.1. Pardas, crioulas, brancas, cabras e caboclas: o perfil das crianças de Salvador**

As classificações raciais através da Santa Casa de Misericórdia não parecem terem seguido um padrão de quais nomenclaturas utilizar, significando que era privilegiado as classificações locais, através da organização da sociedade em que a instituição estava inserida. Os dados aqui utilizados são referentes à década de 1870 (1870 a 1879), período que faz parte do processo de abolição da escravidão, assim, se faz necessário buscar entender o que essas categorias simbolizam para a infância assistida na instituição.

Uma das coisas que primeiramente chamou atenção foi o fato de a cor “preta” não ter aparecido nenhuma vez nos registros, tanto se referindo às crianças quanto às amas externas. Inicialmente podemos questionar como era feita essa classificação, o trabalho de Maihara Vitória sobre Casa dos Expostos de Salvador entre 1870-1890 se propõe a esses questionamentos e uma das hipóteses utilizadas era que a indumentária fazia parte da construção dessa “imaginação” da origem da criança e fazendo referência a Renato Venâncio, afirma que “o elevado número de mestiços é a prova de que os escravos titubeavam na hora de registrar a cor da criança abandonada” (VITÓRIA, 2015:17).

Entretanto, além desta hipótese levantada por Maihara, podemos trazer outros fatos para compor esse cenário, além de crianças recém-nascidas serem de difícil classificação por poderem mudar de cor ao longo do crescimento e para o caso das crianças expostas, do abandono ser feito de maneira anônima sem se conhecer a origem familiar. Após a leitura de trabalhos que tem a cor como categoria de análise, percebemos que a cor “preta” é associada diversas vezes ao escravizado vindo de África (REIS, 2007; GUEDES, 2007) e que é uma cor utilizada em outros registros da SCMB (BARRETO; BARRETO, 2020). Portanto, podemos sugerir que não é uma classificação utilizada para o caso dos expostos já que são nascidos no Brasil e por isso se opta pelo uso da palavra “crioulo”. Vitória, em relação a essa classificação, afirma que

Seria contraditório classificar como crioulos indivíduos que por lei seriam considerados livres, porém tal denominação foi bastante comum pelos membros da Mesa da Santa Casa, sobretudo na segunda metade do século XIX, o que nos leva a pensar que a instituição dava significados próprios às categorias de cor (VITÓRIA, 2015:31)

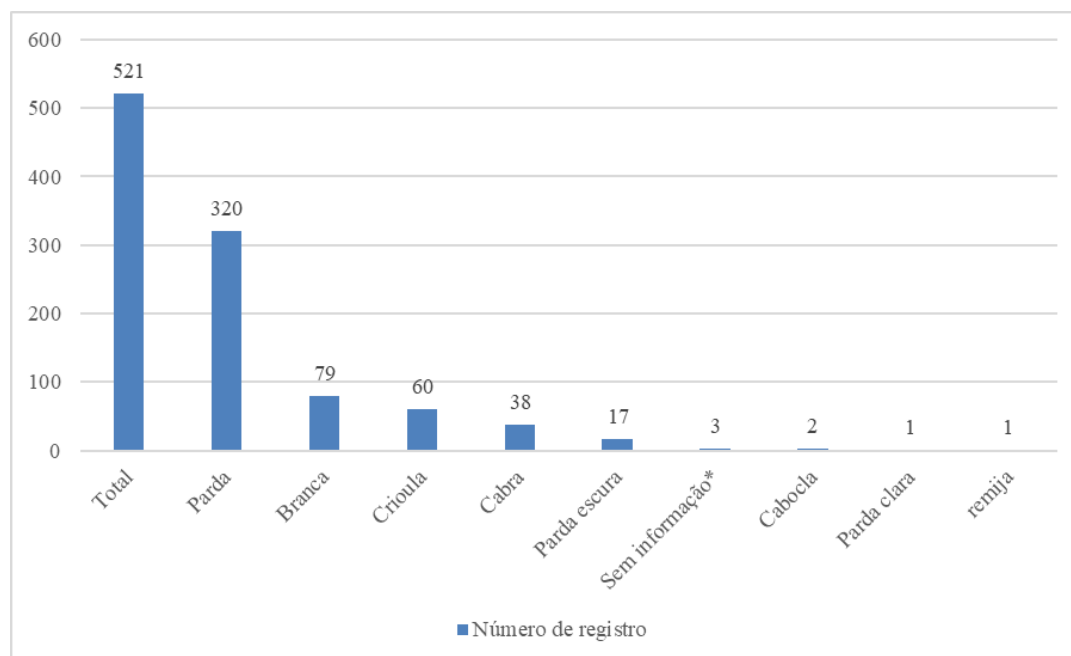
Possivelmente significados utilizados com frequência naquela cidade e que carregavam hierarquias sociais de um cotidiano marcado pela escravidão. Outra questão que veremos adiante é que o número de registros da instituição de Salvador é bem menor se comparado ao Rio de Janeiro por exemplo e, além disso, o número de recém-nascidos passa a diminuir, tendo a entrada cada vez mais de crianças maiores de um ano e encaminhadas pela Polícia, o que podemos supor que deixa de ser apenas uma “imaginação” de quem recebia a criança e fazia a classificação, já que cada vez mais se conhecia a origem familiar. Como podemos ver no bilhete que acompanha o menino Guilherme de Mattos, pardo de um ano que chegou doente em 1871 e diz:

Bahia e Subdelegacia do 1º distrito da Freguesia de Brotas, 26 de junho de 1871. Segue deste distrito para o recolhimento da Santa Casa da Misericórdia o menor de um ano de nome Antonio, livre e órfão por ter falecido sua mãe Maria da Conceição cabocla e solteira. O subdelegado. José Teixeira Bahia (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 581/134 - junho/1871).

Neste ofício temos a condição da criança dada como livre e órfão por ter sua mãe falecido, além da cor e o estado civil identificado, informações que ajudam na identificação da origem social da criança. Mesmo sua mãe sendo identificada como cabocla, Guilherme foi classificado como pardo, além de ter seu nome trocado, como também podemos destacar que já tinha um ano de idade quando chegou à instituição, fora do padrão de recém-nascidos que geralmente adentravam. Mas vale ressaltar que nesse caso por ser órfão e encaminhada pela polícia decorrente da morte de sua mãe, se trata então de uma criança desamparada. Assim, cada vez mais essas novas categorias fazem parte do cotidiano da instituição inicialmente dedicada a crianças expostas.

Dessa forma, temos em relação a Roda da Bahia, um total de 521 registros, divididos entre: pardas, crioulas, brancas, cabras e caboclas, sendo as crianças pardas de maior número na instituição e diferente do que vimos no capítulo anterior, as crianças não-brancas são majoritárias na instituição mesmo antes da Lei do Ventre Livre. Como podemos ver no gráfico a seguir:

**Gráfico 9: Cor das crianças da Casa dos Expostos de Salvador (1870-1879)**



\*Sem classificação de cor no registro.

**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMBA.

Através do gráfico 9 calculamos que as crianças pardas simbolizam 64,6%, enquanto as brancas representam 15,1% e, se juntarmos o número de crianças não brancas incluindo as crioulas, cabras<sup>10</sup> e caboclas, nós temos um total de 84,2%. De acordo com os dados apresentados por Venâncio (1999) sobre a Roda de Salvador da primeira metade do século XIX, os dados apontam um número majoritário de crianças brancas, sendo o ano de virada 1870. Podemos questionar o que aconteceu para que o perfil das crianças se modificasse nesse período, mas o que fica explícito para nós nesse momento é que se

<sup>10</sup> De acordo com Ana Sara R. P. Cortez Irffi referenciando Mary Karasch, “o termo cabra designava os cativos de raça mista, provenientes de outras misturas. Nesse caso, o cativo pertencente a essa categoria apresentava uma tez tipicamente mais escura que os outros, pois era mestiço de mulato e negro” (IRFFI, 2016:38). De acordo com Sheila de Castro Faria fazendo referência a Jean-Baptiste Debret, “cabra era uma crioula, filha de mulato e negra, cor mais escura do que o mulato” (FARIA, 2010:90).

para o Rio de Janeiro a pobreza não tem cor definida (SANGLARD, 2016), em Salvador ao contrário, através do que os dados nos trazem, a pobreza que se apresenta tem cor demarcada.

Maria Renilda Barreto e David Ricardo Barreto ao analisarem a relação entre pobreza, gênero e cor em Salvador da primeira metade do século XIX (1823-1851), através do Hospital S. Cristóvão da SCMBA, perceberam que a população não branca era mais acometida pelas mortes nas enfermarias, decorrente das condições de vida na cidade dentro de uma sociedade escravocrata e do próprio tratamento do hospital com essa parcela da população. Entretanto, as mulheres negras representavam o público local atendido no hospital, já que boa parte dos homens eram estrangeiros, sejam africanos ou europeus, portanto, eram as mulheres negras daquele território que morriam em massa nas enfermarias do hospital, resultado também da falta de estrutura familiar e das redes de solidariedade. Sendo assim, para os autores, “a mulher negra, livre ou liberta, representou a pobreza urbana em Salvador, no século XIX, em decorrência da estrutura segregacionista e racista edificada pela escravidão” (BARRETO & BARRETO, 2020:65).

Corroborando com os dados apresentados por Maria Renilda Barreto e David Ricardo Barreto para a primeira metade do XIX, podemos supor através dos dados do gráfico apresentado (9) que o perfil da pobreza de Salvador não se mostra muito diferente para o início da segunda metade do século XIX, já que em sua maioria, são mulheres que vão recorrer ao auxílio da instituição em prol de seus filhos. Como podemos ver no bilhete que acompanha Tito de Mattos, um menino pardo de vinte e seis dias que chegou em bom estado de saúde e que diz

Este menino é natural de Passagem, nasceu em 20 de janeiro de 1872, embora não esteja batizado, chama-se Fabião, sua mãe sendo pobre, e não tendo leite, e por isso não podendo cria-lo, pede para o socorro da Misericórdia, e que este bilhete seja escrito no livro da entrada dos expostos. Bahia, 15 de fevereiro de 1872. Este menino é mulato, e a roupa que ela leva, é uma camisinha de madraço serrada de renda, por cima desta, uma outra de chita azul ligada de vermelho, touca de lã branca e azul já desbotado. Este bilhete vai amarrado com uma fita verde da largura de um dedo, no pescoço (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 618/21 – fevereiro/1872).



O menino Tito ou Fabião, como diz o bilhete, já que seu nome foi alterado na instituição, é mais um caso de criança exposta decorrente da pobreza e que também segue por justificativa a falta de leite da mãe, que pode estar relacionada com as condições de saúde e alimentação dessa mulher, sendo esta uma das formas frequentes nos bilhetes em que as mulheres se classificavam como pobres. Além do nome não ser seguido como se pede, sendo que uma das formas utilizadas como sinal nos bilhetes para recuperar as crianças também era a escolha do nome, a cor da criança no bilhete também não é a mesma demarcada no registro. Já que no registro aparece como “parda” e no bilhete como “mulato”, que seria uma criança mestiça fruto de um relacionamento entre uma pessoa preta e outra branca. Então, por mais que seguissem as classificações locais, eles também pareciam ter os seus próprios critérios de classificação racial.

A classificação “cabocla” só aparece duas vezes, mesmo assim é interessante destacar já que na instituição do Rio de Janeiro não aparece nenhuma vez. De acordo com Stolze Lima em relação às classificações do censo de 1872 “os índios foram transformados em caboclos, termos que poderiam ser utilizados como sinônimos, ainda que o segundo pudesse ter um sentido mais abrangente” (LIMA, 2003:120).

A cultura material que acompanha as crianças também faz parte do imaginário do perfil das famílias, para o caso de Salvador temos a ausência de sinais que simbolizam famílias estrangeiras ou que reforçam a cultura do catolicismo como dominante. Apenas uma criança chega acompanhada de medalha como sinal, que é o menino Antonio de Mattos, pardo, recém-nascido que chegou em bom estado de saúde e acompanha a seguinte descrição “Este menino trouxe um bilhete e uma medalha de São Francisco Xavier no pescoço” (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 579/132 - junho/1872).

Além de Antonio, outras crianças chegaram acompanhadas de sinais, poucas, mas que reforçam qual o perfil dominante das famílias das crianças entradas na Roda de Salvador. Como é o caso da menina Catharina de Mattos, de quinze dias em bom estado de saúde e “trouxe no pescoço um cordão preto com 2 figas, 3 búzios da costa, uma das figas encastada de prata” (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 507/60 - abril/1870). Também o caso das crianças que chegaram acompanhada de colar

e pulseira de corais<sup>11</sup> que na cultura popular também simboliza proteção, já que também é utilizado na confecção dos colares sagrados do candomblé<sup>12</sup>, que é o caso da menina Maria Bonfim de Mattos de dois anos, parda, em bom estado de saúde e “tinha corais nos braços com pade [sic] nome de ouro e um rosário de contas tinha também cadeados nas orelhas” (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 542/95 - dezembro/1870). Além da menina Joanna de Mattos, parda de cinco anos, em bom estado de saúde que chegou acompanhada do seguinte bilhete,

Bahia, 16 de novembro de 1877. Declara-se que visto as circunstâncias pecuniárias de seus pais, levamos a praticar este ato, ciente do bom acolhimento e tratamento que costumam dar neste pio estabelecimento. Declara-se também que é batizada e crismada, chama-se Joanna, desejando que pela bondade das mui dignas irmãs concedam em todo tempo que for necessário permissão para irmos visitá-la. Idade é de três anos levando por sinal para em todo tempo ser reconhecida corais no pescoço e em ambos os braços. Desejando mais quando as circunstâncias permitirem poderem retirá-las seu pai ou sua madrinha. N'esta (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 903/20 - novembro/1877).

Os casos de Joanna e Maria do Bonfim são interessantes porque ambas são maiores de um ano e ambas continuaram com a permanência dos seus nomes após a entrada. Particularmente falando de Joanna, podemos perceber também em seu bilhete que por mais que justifiquem uma questão financeira para o ato de deixarem a criança na Casa dos Expostos, seus pais pedem para que a Casa conceda permissão para visitá-la. Em seu registro acompanha a descrição de que “está em educação no asilo”, o que essa descrição pode nos significar? Que se trata de uma criança que foi aprender algum ofício? Não sabemos ao certo, mas podemos perceber que se pretendia manter o contato com a criança que foi para ser criada na instituição, então, o que podemos afirmar é que são

---

<sup>11</sup>De acordo com Luciano Lima de Souza em relação aos corais na cultura africana de matriz Yorubá, “o coral, coral vermelho, como é genericamente conhecido, é material nobre e conceitualmente de valor hierárquico – coral africano, material africano, em síntese um pedaço da África simbolizada e retida no fio-de-contas” (SOUZA, 2019:147).

<sup>12</sup>“O material de fabricação e formato das diferentes contas dos colares são bastante variados. Vários elementos podem compor a formação dos ilequês, e não somente as miçangas ou contas. Estes colares podem conter: penas de aves, sementes, palhas, caroços de frutas, dentes, conchas, sementes, pedaços de chifres, corais, pedras, miçangas de pasta de vidro ou porcelana, búzios, metais, marfim, madeira e outros elementos” (SOUZA, 2019:132).

diferenciadas das expostas, portanto, uma outra categoria utilizada na instituição de Salvador.

Continuando sobre a questão da classificação racial e a compreensão dessas hierarquias raciais na cidade de Salvador, uma categoria que apareceu nos bilhetes foi o caso das crianças “forras” ou “livre de cor” que mesmo após a Lei do Ventre Livre ainda aparecem. Se toda criança enjeitada era dada como livre podemos questionar a necessidade de cartas de alforrias acompanharem crianças negras na instituição. Como já foi debatido no capítulo um, novas fronteiras foram traçadas ao trazerem essas instituições para a América portuguesa e precisamos falar sobre elas. De acordo com Renato Venâncio, os administradores da Roda devolviam crianças escravizadas de imediato e a determinação de que todo enjeitado é livre, funcionava para que crianças livres não fossem escravizadas (VENÂNCIO, 1999:82).

Outra questão que nos intriga é a necessidade de afirmar a liberdade da criança mesmo após a lei de 28 de setembro de 1871, o que reforça que na prática a liberdade deveria ser constantemente reforçada para essas pessoas. Um exemplo do que estamos falando é a criança Felicidade de Mattos, cor cabra, recém-nascida e em bom estado de saúde, chegou em seis de março de 1879 e acompanhada do bilhete “Maria da Paixão nasceu às 10 horas da noite no dia 5 de março de 1879, livre, de cor parda escura, filha de Rosa de Lima. C. S.” (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 982/99 - março/1879), nesse caso esse bilhete parece se tratar de uma criança temporária referente a uma mãe que está internada no hospital.

Na tabela de dados apresentada por Venâncio em seu trabalho sobre Salvador em relação aos principais temas dos bilhetes da Casa dos Expostos, o tema “ser forra” não aparece nenhuma vez entre 1758-1789. Entretanto, entre 1820-1829 aparece três vezes e 1860-1869 aparece quatro vezes (VENÂNCIO, 1999:06), através dos dados aqui analisados entre 1870-1879 aparecem seis vezes, mesmo sendo o período em que o processo de abolição está acontecendo. Duas crianças no período aqui analisado acompanham ainda suas cartas de alforria, que é o caso das meninas Florencia de Mattos e Flaviana de Mattos, ambas pardas, com três meses e um mês respectivamente, acompanhadas da carta assinada pelo José da Costa Soares Guimarães e suas mães não são identificadas. Florencia faleceu com convulsões, Flaviana foi para criação externa permanecendo até os três anos e depois se casou em 1893.

Sendo assim, percebemos que o perfil das crianças da Casa dos Expostos de Salvador em relação a classificação racial entre 1870-1879, nos mostra que crianças não brancas eram predominantes na instituição, corroborando com o perfil da pobreza urbana da cidade para o período como já foi exposto aqui (WOOD, 1981; FILHO, 1995; BARRETO; BARRETO, 2020). De acordo com Walter Filho “desigualdades sociais profundas dividiam os baianos entre senhores e escravos, brancos e negros, ricos e pobres” (FILHO, 1995:22), fazendo com que a maioria dos pobres fossem descendentes de ex-escravizados ou africanos. Ainda que de acordo com o censo de 1872 a população escravizada de Salvador simbolizasse 13,8% da população (Recenseamento do Brasil em 1872, Biblioteca do IBGE/ liv25477\_v1), o lugar social das pessoas pretas enquanto parte predominante da pobreza urbana revela a maneira que aquela sociedade funcionava priorizando uns em detrimento de outros.

## **2.2. Condições de Saúde das crianças da Roda de Salvador**

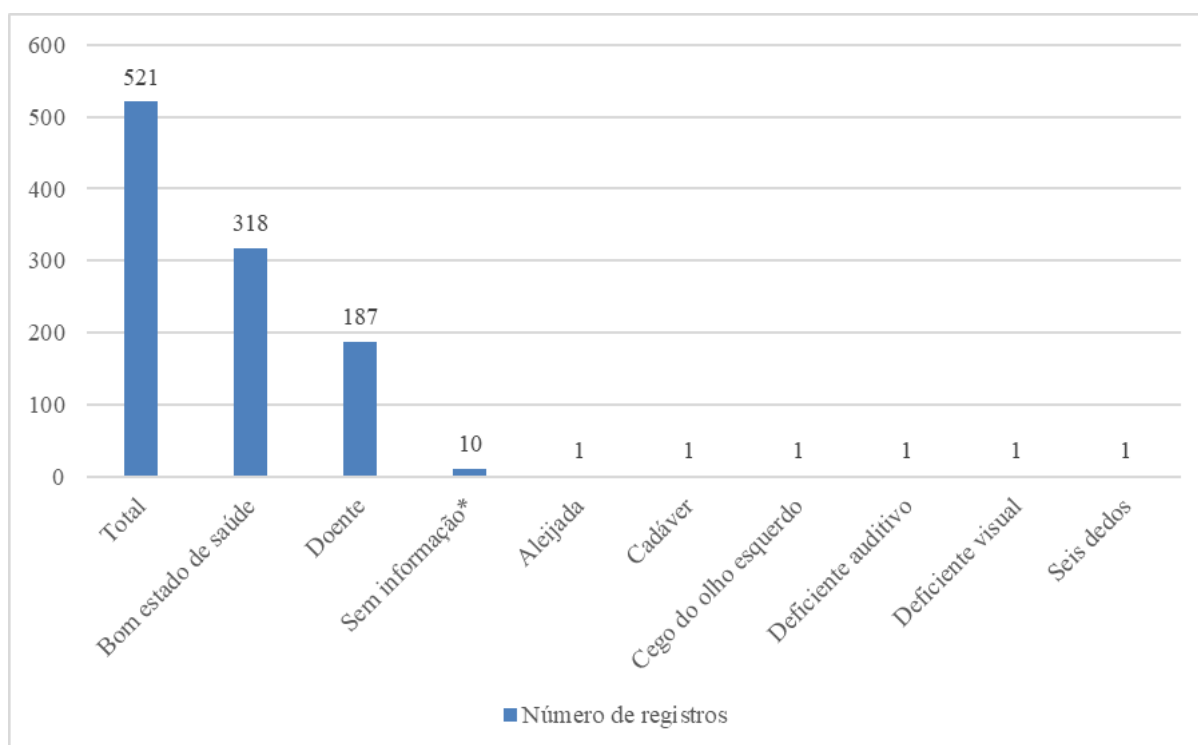
As condições de saúde das crianças da Casa dos Expostos de Salvador era motivo de denúncias como já foi dito anteriormente, por parte de médicos e da população local (VITÓRIA, 2015). O fato é que parte considerável das crianças já chegavam em más condições de saúde, evidenciando mais uma vez a saúde também como uma das motivações para que crianças fossem abandonadas ou colocadas para serem criadas na instituição, não só a saúde das crianças influenciava, mas também a saúde de suas mães, como é o caso do menino Thimoteo de Mattos, branco, com 15 dias, chegou em vinte e três de janeiro de 1870, em “bom estado de saúde” acompanhado do bilhete:

Este menino trouxe o seguinte bilhete que veio um pedaço tirado no canto: Excelentíssimo Senhor Provedor e Mesários. Remetelhe este pequeno por nome João Adelino Maria nascido no dia dez de janeiro do corrente, filho de Maria do Espírito Santo Maio, por causa de sua mãe estar alienada, e não haver parentes na Bahia que possa cria-lo o qual tem de ser procurado logo que sua mãe se restabeleça ou seus parentes tenham ciência do facto. Leva por sinal cor branca, cueiro roxo debruado com fita branca acetinada nº 3, sinto roxo com ramos de flor. Ainda não está batizado (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 499/52 – janeiro/1870).

O caso do menino Thimoteo, que também teve seu nome alterado após a entrada na instituição, tem relação com as crianças encaminhadas, neste caso as mães são identificadas e a criança permanece até que se restabeleça ou algum parente retire ou se torna desamparada após o falecimento da mesma. No caso de Thimoteo a criança faleceu por “moléstia de peito” no mesmo ano. Podemos observar que mesmo sendo um caso de criança encaminhada, o seu nome também foi modificado e a falta de redes familiares também influenciou o destino da criança.

Os registros das crianças da Roda de Salvador, utilizam a classificação “em bom estado de saúde” ou “doente” a partir da entrada da criança, sem muitos detalhes, apenas quando adentram portadoras de alguma deficiência. Os detalhes dos sintomas ou doenças das crianças só aparecem detalhados para as crianças que não sobreviveram na instituição. Assim, em relação aos 521 registros analisados (1870-1879), podemos calcular que aproximadamente 35,8% das crianças chegavam doentes, como podemos observar no gráfico abaixo:

**Gráfico 10: Condições de saúde das crianças da Casa dos Expostos de Salvador (1870-1879)**

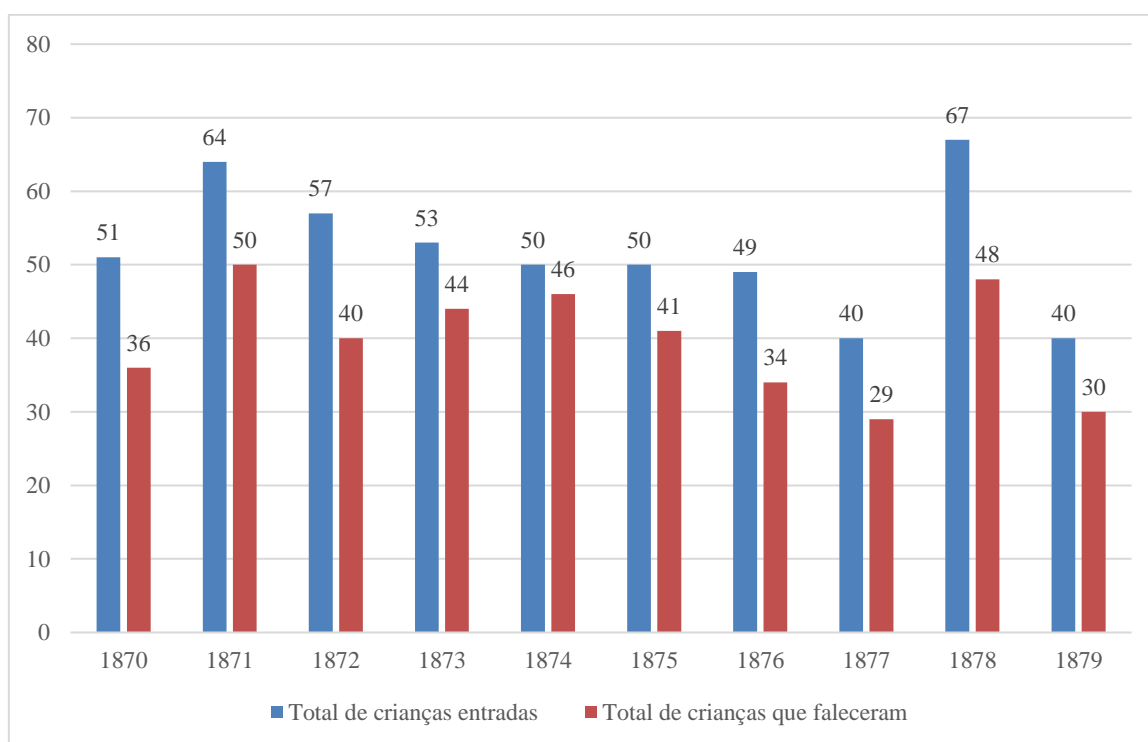


\*Sem classificação de estado de saúde no registro.

**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMBA.

Entretanto, quando analisamos os dados das crianças que faleceram na instituição no período, esse número salta em 76,3% do total de registros analisados. Ao dividirmos esses dados por ano, observamos que mais de 50% das crianças não sobreviviam após a entrada na instituição, mesmo que o número de assistidos pela Casa dos Expostos de Salvador seja menor se comparado ao Rio de Janeiro, por exemplo. Ainda se faz necessário entender o que esses números significam nessa instituição e nessa sociedade

**Gráfico 11: Relação de crianças entradas na instituição com o total de crianças que faleceram entre 1870-1879**



**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMBA.

Algumas das crianças faleceram no mesmo ano e outras morriam no período da criação externa, ou também ficavam até os três anos na criação externa com as amas e faleciam após voltarem para a instituição, mas no geral, a maioria morria meses depois de sua entrada. Podemos visualizar no gráfico 11 que no ano de 1874 por exemplo, apenas quatro crianças sobreviveram, o que significa que 92% das crianças faleceram. Dentre as causas mortis deste ano, as que mais afetaram as crianças são: febres (11), fraqueza congênita (6) e tétano (5).

Alberto Filho em sua pesquisa sobre as condições femininas na cidade de Salvador no período da Belle Époque, ao estudar os dados da Casa dos Expostos do início do século XX, destacou que 78,9% das crianças expostas entre 1900 e 1926 vieram a falecer. Dessa forma, destaca-se que o quadro de saúde com altas taxas de mortalidade das crianças da Roda de Salvador, continua sendo um problema mesmo no período da República. Para Filho, o obituário infantil com as altas taxas de mortalidade, era um reflexo das condições gerais da vida na cidade (FILHO, 1994:171). Lidiane Ribeiro, citando os dados coletados por Joaquim Augusto Tanajura em relação a mortalidade de crianças de 0 a 5 anos na Bahia feito na última década do século XIX, afirma que de acordo com Tanajura, a mortalidade apresentava causas indiretas, destacando para além da alimentação, a criação mercenária, a habitação e as condições climáticas (RIBEIRO, 2011:42).

O Dr. Silva Araújo ao falar em seu relatório referente aos anos de 1878-1879 para a Gazeta Médica da Bahia sobre a Roda de Salvador em relação ao quadro de saúde das crianças, direciona a culpa do crítico estado de saúde, além da questão dos miasmas, também para as mães, dizendo que

Em primeiro lugar é preciso fazer notar que a maioria das crianças, desumanamente enjeitadas por suas mães, é filha da crápula ou da miséria, trazendo, na primeira hipótese, infiltrado quase sempre em sua débil economia o vício sífilítico, e, na segunda, o escrofuloso.

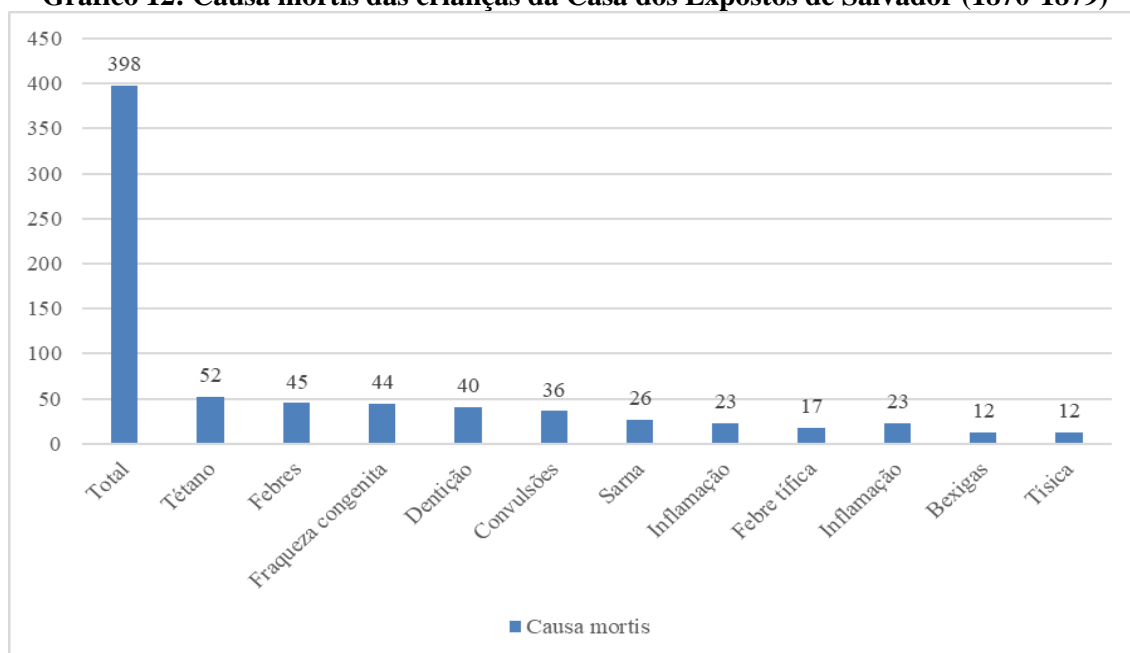
Em segunda lugar, é indispensável frisar bem que há mães que, por aberração dos sentimentos naturais, ou movidas pela desgraça, não querem ou não podem tratar de seus filhos quando doentes, preferindo atirá-los à Roda, sem se importarem do tempo chuvoso ou da umidade da noite, servindo-lhes até mais essas ocasiões, para melhor ocultarem às vistas mundanas a feia ação que vão praticar. Neste estado foram este ano recebidas muitas crianças, e por felizes nos damos, pois que, em outros, até mortas já tem sido postas na Roda algumas (Relatório Médico do Asilo dos Expostos no ano Compromissal de 1878-1879, Gazeta Médica da Bahia, 4º Volume – Terceira Série, 1879, p. 380).

O relato do médico também direciona parte da culpa na alimentação dada pelas amas na criação externa, dizendo que investem em papas de farinha de mandioca de pouca qualidade e água fria que faziam mal ao estômago das crianças (Relatório Médico do Asilo dos Expostos no ano Compromissal de 1878-1879, Gazeta Médica da Bahia, 4º Volume – Terceira Série, 1879, p. 381).

No entanto, algumas coisas merecem destaque nesse relato, primeiro é que o médico afirma que a questão da saúde das crianças é o que resultava em muitas mães a exporem seus filhos às Rodas. Outra questão é a sífilis e a escrófula<sup>13</sup> que destaca como umas das principais doenças que acometiam as crianças no período.

Ao observarmos o quadro geral da causa mortis das crianças no período de 1870-1879, observamos que doenças que afetam a pele, como tétano e sarnas também estão entre as principais causas, só no ano de 1878, 10 crianças chegaram com tétano e 4 com sarnas, geralmente doenças relacionadas à pobreza, higiene e más condições de moradia. Entretanto, causas como fraqueza congênita, febres, convulsões e inflamações, também lideram esse quadro, como podemos ver no gráfico abaixo:

**Gráfico 12: Causa mortis das crianças da Casa dos Expostos de Salvador (1870-1879)**



**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMBA.

<sup>13</sup> De acordo com o primeiro volume do dicionário de Chernoviz, a escrófula é uma “moléstia que afeta toda economia, e cujos principais caracteres são ingurgitamento das glândulas linfáticas e ulcerações da pele de um aspecto particular” (CHERNOVIZ, 1878:982).



Este gráfico (12) foi organizado destacando as principais causas das mortes das crianças do total das 398 que faleceram<sup>14</sup>. Como dito anteriormente, vemos que tétano foi a principal causa da morte das crianças durante o período, junto às febres que é um sintoma que poderia estar relacionado a diversas doenças assim como inflamação. Também podemos destacar a tuberculose, que aparece com diversos nomes nos registros e que também está associada à tísica<sup>15</sup>.

Tânia Pimenta ao falar do quadro de vida de escravizados através de suas doenças no século XIX, finaliza sobre o estudo dizendo que,

As doenças podem servir de fio para identificar essas redes de sociabilidade e possibilita a investigação e análise sobre o quanto suas vidas foram afetadas pelas diferentes conjunturas e o quanto conseguiram contorná-las ou aproveitá-las (PIMENTA, 2022:44).

Desse modo, com os dados aqui apresentados, relacionando a questão de saúde como uma das causas para o abandono e pensando no perfil dessas famílias. As doenças para o caso das crianças sob os cuidados da instituição de Salvador, nos revela que o quadro com altas taxas de mortalidade representa as dificuldades de sobrevivência da infância majoritariamente negra e pobre do período, sendo o quadro de doenças representando as condições de vida na cidade.

---

<sup>14</sup> Outras causas mortis que não entraram no gráfico e que aparecem nos registros das crianças: moléstia interna (10), disenteria (10), anasarco (9), tuberculose (7), úlceras escrofulosas (6), escrófulas (5), vermes intestinais (5), moléstia do peito (5), tuberculos internos (3), beriberi (3), hidrophisia (3), tuberculos (2), angina (2), congestão pulmonar (2), pneumonia (2), moléstia de pele (2), afecção mitral asytolia (1), alcessos internos (1), bronquita capilar (1), cadáver (1), congestão (1), inchação (1), hidrocefalia (1), icterícia (1), isterica (1), luxação (1), meningite aguda (1), moléstia do coração (1), peritonite (1), sarampo (1), scorbut (1), tísica da laringe (1), tosse convulsa (1), tumores (1), volvo (1).

<sup>15</sup> De acordo com o segundo volume do dicionário de Chernoviz, “a tísica consiste no desenvolvimento de tubérculos nos pulmões [...] ocasiona a diminuição lenta das forças, o emagrecimento progressivo” (CHERNOVIZ, 1878:1060).

### **2.3. De recém-nascidos a crianças de seis anos: a mudança de perfil da Casa dos Expostos de Salvador**

A Casa dos Expostos de Salvador, mesmo tendo sido analisados apenas os anos entre 1870-1879, nos possibilita ver uma mudança no perfil das crianças assistidas a partir da entrada de crianças temporárias, as encaminhadas e o aumento da idade dessas crianças. Evidenciando a mudança do perfil do próprio caráter da Roda a partir das demandas do público assistido.

Em relação às motivações do abandono, a questão da pobreza liderava como a principal causa, como já foi dito anteriormente. Entretanto, não exclui que casos de gravidez indesejada não tivessem marcado presença no período, mesmo que em número menor. Russel Wood sobre crianças ilegítimas em Salvador, afirma que poderiam estar relacionadas com famílias brancas abastadas, pois “houve escândalos entre as famílias mais nobres da sociedade baiana” (WOOD, 1981:245). Neste documento alguns casos de gravidez indesejada aparecem, tendo como pano de fundo a descrição de se tratar de famílias ricas e importantes da província, como é o caso deste bilhete que acompanhou a criança Amélia de Mattos em 1872, uma menina branca, recém-nascida, em bom estado de saúde, que diz

Excelentíssimas senhoras irmãs de caridade. Vejo-me obrigada a entregar esta pobre e desgraçada criancinha minha querida filhinha à vossas excelências peço a vossa excelência que me a tratem bem, me desculpem eu pedir isto que não era preciso porém vossas excelências sabem bem avaliar a aflição de uma desgraçada mãe; em dois, três ou quatro anos irei buscar minha pobre filhinha, e então darei nesta ocasião uma grande esmola a esta santa casa. Devo esconder por alguns anos o fruto do meu crime, para evitar grandes desgostos e terríveis consequências a minha família, visto ela ser uma das importantes famílias desta província. Tenha bondade de guardarem esta moeda, que ela leva no pescoço para eu por este sinal a poder requerer, é uma moeda 500 réis de um lado a efígie de S. M. D. Pedro II e de outro a seguinte marca. Nasceu em 30 de janeiro 1872 e ainda não foi batizada, desejo que tome o nome de Amélia. Bahia 31 de janeiro de 1872. A infeliz mãe. 30/01/1872 - A. P. P. (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 615/18-janeiro/1872).

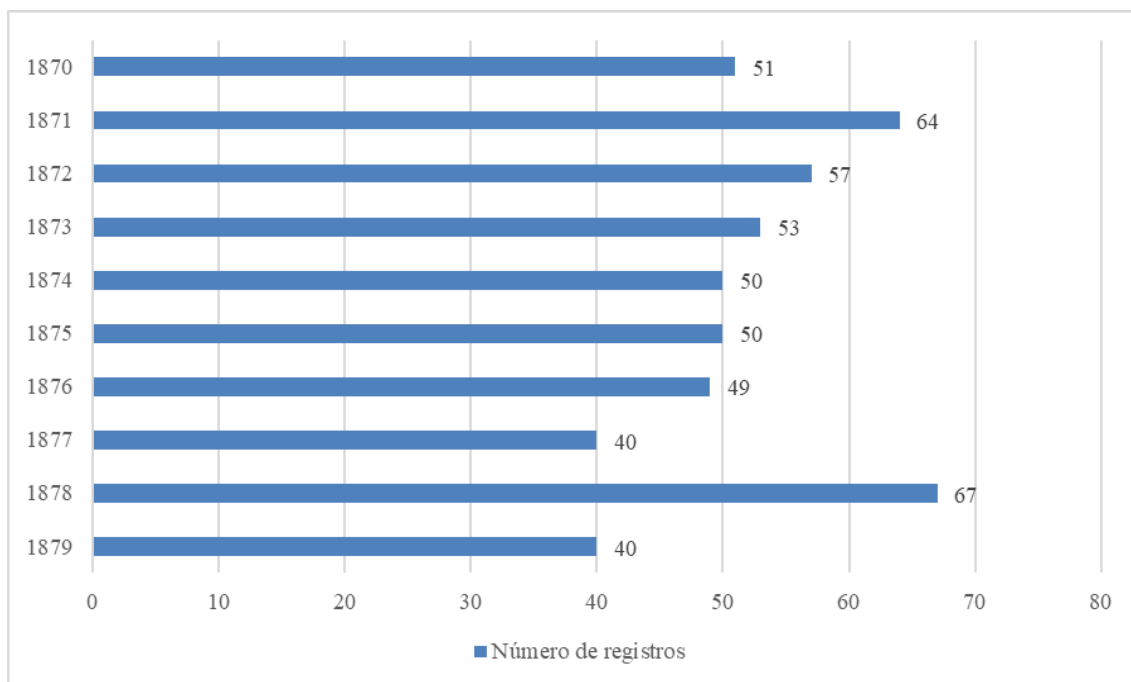
Amélia de Mattos acabou por falecer em maio por "alcessos internos". Mas o que nos chama atenção nesse bilhete, além dos detalhes dados pela mãe da criança, é que por

exemplo o nome da criança foi mantido como pediu o bilhete, mesmo a criança ainda não sendo batizada, o que não era frequente pelos bilhetes já analisados aqui neste capítulo. Uma coisa interessante nos bilhetes como esses é que geralmente o status da família é destacado e a possibilidade de dar uma quantia pelo tratamento da criança, maneiras que as famílias viam de assegurar a criação da criança.

Outro caso parecido com este é o de Fernando Athanasio de Mattos, um recém-nascido que chegou acompanhado do bilhete “Pede-se que seja tratado este menino com todo cuidado e desvelo: pois é filho de família importante e rica. Ele há de ser reclamado por seu pai em tempo competente, e se pagará todas as despesas com generosidade” (livro de registros da casa dos expostos de Salvador, número 834/94, maio/1876), diferente de Amélia, Fernando foi retirado da Casa dos Expostos, mas não identificam se foi o pai da criança que o retirou uma década depois, “saiu por despacho da Ilustre Meza na Casa do Senhor José Antonio Fernandes Silva no dia 19 de fevereiro de 1889” (livro de registros da casa dos expostos de Salvador, número 834/94, maio/1876).

Sobre os números de crianças entradas na instituição no período, vemos que se mantinha uma frequência sem muitas oscilações, mas os anos que mais receberam crianças foram 1871 e 1878 e depois decaiu em 1879, sendo necessário ver os documentos dos próximos anos para analisar se isso se torna uma constante para mensurar o impacto na instituição.

**Gráfico 13: Número de registros da Casa dos Expostos de Salvador (1870-1879)**



**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMBA.

Sendo assim, a mudança de perfil da assistência às crianças de Salvador se dá através de outros fatores nesse momento. Conforme a análise do documento foi sendo feita, percebemos a entrada de crianças classificadas como “em educação”, ao todo 27 crianças, todas maiores de um ano de idade, com frequência maior entre 1873 e 1879. Dessas crianças, exceto as que faleceram, sete ao todo, foram ou para a alocação de serviços ou retirada da instituição, por algum parente ou por alguém que não identificam. Outra coisa que convém destacar é que o nome dessas crianças também é mantido como pedem os bilhetes. Então percebemos que essas crianças fazem parte de uma outra categoria na instituição, que difere das crianças expostas, já que a permanência do nome é um sinal importante para manter o laço familiar visto que a instituição mudava a maior parte dos nomes. Os bilhetes que acompanham essas crianças, alguns também fazem referência à situação da família, sendo pobreza, órfã de pai, entre outros.

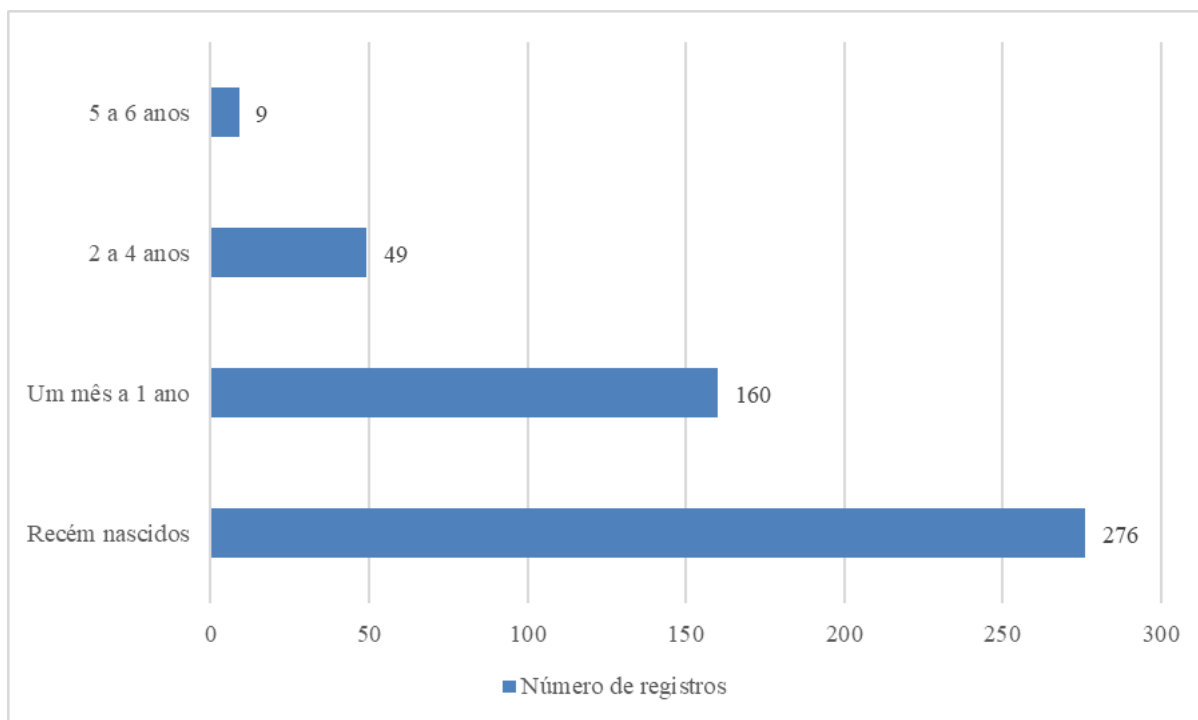
Um caso que não se encaixa na classificação acima, mas que pede que se eduque a criança na instituição e que vale a pena destacar, é referente a criança Anna de Mattos, de dezesseis dias de nascida, parda, chegou em 1871 acompanhada do seguinte bilhete

Eu sou recolhida da Misericórdia, acho-me no estado de casada tendo esta filha de 16 dias de nascida, nasceu no dia 11 de julho de 1871. Peço que quando se batizar se dê o nome de Maria Sabina e que se eduque na S. C. da Misericórdia até o tempo que puder a tomar para o meu poder se Deus quiser (livro de registros da casa dos expostos de Salvador, número, 586/139 - julho/1871).

Nesse caso seu nome é trocado de Maria Sabina para Anna de Mattos, e a mãe se identifica enquanto uma recolhida da instituição e destaca seu estado civil enquanto casada, provavelmente tendo a motivação também ligada a questões de pobreza, mas destaca o desejo de querer que a filha se eduque na instituição. A menina saiu para locação de serviço em agosto de 1892.

A questão de a idade das crianças serem maiores de um ano não era exclusividade apenas das crianças que estavam nesse status de “em educação”. Ao longo da análise percebemos que era uma constante a presença de crianças maiores de um ano a partir de 1871, como observamos no gráfico abaixo,

**Gráfico 14: Faixa etária das crianças entradas na Casa dos Expostos de Salvador (1870-1879)**



**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMBA.

O que nos faz indagar como o anonimato da Roda ainda era mantido a partir do aumento da entrada de crianças maiores de dois anos? Crianças que já falavam e que provavelmente não passavam pelo mecanismo. Evidenciando então que a instituição foi mudando seu caráter a partir das demandas da população pobre do território. Como foi o caso da mãe Joanna de Freitas que colocou na Casa dos Expostos seus três filhos no ano de 1878, todos pardos, em bom estado de saúde e acompanham o seguinte bilhete:

Ilustríssimo senhor provedor da Santa Casa da Misericórdia. Como me acho viúva em grande pobreza sem ter nem o menor como que sustentar os meus filhos, me valho da sua proteção e da Santa Casa da Misericórdia para amparo deles Thomaz Tolentino de Freitas, quatro anos; Demetrio Tolentino de Freitas, três anos; Pedro Tolentino de Freitas, dois anos. Todos são batizados e já tiveram a bexiga, são naturais da Bahia e filhos legítimos do finado Nicolão Tolentino de Freitas e Joanna Cond de Freitas. Bahia, 21 de agosto de 1878 (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 615/18- janeiro/1872).

Como vimos no bilhete, Joanna coloca como motivo do ato o seu status de viuvez e por consequência a pobreza. Nesse caso, portanto, a partir das informações do bilhete

identificando os pais das crianças, faz referência ao caso das crianças temporárias. Não obstante, os três foram retirados da instituição a requerimento da mãe dez anos depois, em 1888.

De acordo com Renato Venâncio, dados de 1860-1870 mostram que dos 238 expostos, 34,4% eram recém-nascidos, 31,9% aparentavam ter um mês de idade, 6,7% tinham mais de um ano e cinco crianças tinham 4 anos (VENÂNCIO, 1999:50). Atualizando esses dados para 1870-1879, nós temos do total de 521 crianças, 12,8% de crianças tinham de um a três anos e temos 8 crianças com quatro anos, 5 com cinco anos e 4 com seis anos. Por mais que o número de registros analisados tenham aumentado comparado com os dados do Venâncio, mas temos uma mudança significativa no perfil dessas crianças que entram na instituição, cada vez mais crianças maiores de um ano de idade.

Outra questão são as crianças encaminhadas, geralmente das delegacias de polícia, infelizmente o documento que utilizei para olhar os registros das crianças não vem acompanhado dos ofícios que eram os documentos oficiais encaminhados com essas crianças. Mas pude perceber a presença de um total de nove crianças encaminhadas com documentação de subdelegados. O caso das crianças encaminhadas do hospital é menor do que encontrado na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, mas também se faz presente, como é o caso de Emília de Mattos que chegou em 1877, cabocla de dois anos em bom estado de saúde e que tem a seguinte anotação: "a menina veio com ofício do excelentíssimo Dr. Francisco Rodrigues da Silva, D. D. Provedor da S. C. da Misericórdia" (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 885/02 - julho/1877).

Outra questão que confere a mudança do público assistido na instituição é que em alguns bilhetes, os próprios pais fazem questão de grifar que a criança não é enjeitada. Como é o caso da menina Maria Elisa de Mattos, quinze dias, branca, em bom estado de saúde, acompanhada do bilhete que diz:

Esta menina nasceu a 24 de novembro de 1872, dia de S. Rafael Arcanjo, tem sua mãe, porém como não a pode criar por estar doente e não tem meios para alugar quem a crie pediu que se botassem aqui para ser amamentada; logo que ela fique melhor virá procurar sua filha visto que não está enjeitada. Bahia, 10 de novembro de 1872 (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 657/60 - novembro/1872).

Neste caso, a menina foi colocada na Casa dos Expostos pelo estado de saúde da mãe e a pobreza de não poder pagar alguém para cuidar e amamentar a filha, e no final destaca que não é enjeitada. A menina morreu no mês seguinte de convulsões.

Em síntese, a Casa dos Expostos de Salvador demonstra uma mudança no caráter do anonimato da Roda, atrelado às necessidades locais da população pobre que acessava a instituição. O próprio médico dos Expostos no relatório para a Gazeta Médica da Bahia, ao falar das crianças da instituição em determinado momento separa entre “expostos da Casa da Roda e Recolhidos do Asilo” (Relatório Médico do Asilo dos Expostos no ano Compromissal de 1878-1879, Gazeta Médica da Bahia, 4º Volume – Terceira Série, 1879, p.379). Assim, vimos que cada vez mais crianças maiores de um ano passam a acessar a instituição, como também as crianças temporárias, as ditas “em educação” e as encaminhadas se fazem presente, atreladas aos motivos de pobreza e saúde, tanto das mães como das crianças, fatores que parecem terem sido decisivos para decidir o destino dos pequenos.



## CAPÍTULO 3

### **A pobreza assistida: o perfil das famílias através dos bilhetes**

*O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enjeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.*

*- Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.*

*Machado de Assis, Pai Contra Mãe, 1906.*

O conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis, proferido no início do século XX, dezoito anos após a abolição da escravidão, expõe em suas linhas as diferentes hierarquias sociais da pobreza urbana ainda no período escravocrata. Os protagonistas da narrativa também são dois personagens que não tem fala alguma, duas crianças, uma ameaçada de ir para a Roda dos Expostos em decorrência da pobreza familiar e outra que ainda no ventre responde pelo estigma da cor.

No entanto, uma das crianças consegue escapar do destino de se tornar exposta e volta para o seio familiar, porém, a outra vem a óbito através de um aborto em consequência das violências vividas por sua mãe.

Machado de Assis termina o conto com a fala de Cândido Neves, pai da criança que teria a Roda como destino, o mesmo pai que capturou a escravizada que havia fugido para assim receber a recompensa do senhor da mesma. Cândido Neves ao narrar a história de como conseguiu o dinheiro, finaliza dizendo, “nem todas as crianças vingam”.

Embalada por essa narrativa, na produção desta pesquisa me questionei diversas vezes sobre quem são essas crianças que “não vingam” e como uma instituição que tem como princípio o anonimato no ato de abandonar lidava com essas hierarquias sociais, compreendendo que crianças cuidadas na instituição eram dadas como livres, mas quais seriam esses limites da liberdade em uma sociedade, no qual o ventre da mulher negra é lugar de diversas disputas? Compreendendo que a classificação da pobreza urbana se dá de maneira complexa para o período do século XIX, especificamente para as cidades do Rio de Janeiro e Salvador, palcos de fluxos constantes de pessoas, sendo assim, quem são essas famílias que recorrem à Casa dos Expostos?

Diversas são as justificativas na historiografia para os supostos motivos do abandono através desta instituição, mas afinal, podemos tratar um motivo como principal ou analisar de maneira interseccional as diferentes situações que levavam a recorrerem a esse mecanismo?

Nos capítulos anteriores conseguimos discutir essas questões e perceber que as duas cidades apresentadas possuem diferenças no perfil da infância assistida, consequentemente, no perfil da pobreza urbana, evidenciando a diversidade dessa camada social em cada território. Como também, vimos que a demanda dessa população foi modificando aos poucos o público assistido da Casa dos Expostos, que passou a receber cada vez menos crianças expostas e mais crianças de outras categorias diminuindo a característica principal das Rodas que era o anonimato.

Neste capítulo, vamos analisar o perfil das famílias através dos bilhetes que acompanhavam as crianças. Destacando a maneira com que se classificavam enquanto merecedores da assistência pela instituição e as suas diferenças e semelhanças entre as cidades do Rio de Janeiro e Salvador que impulsionaram as mudanças do público assistido das Rodas.

Os bilhetes constituem uma documentação que possibilita conhecer parte do universo das famílias que utilizavam a assistência da instituição de ambas as cidades. Funcionando como uma ponte entre as famílias e as crianças, no qual, possíveis justificativas do ato de deixar a criança na Roda eram apresentadas, como também, os pedidos de batismo e a escolha dos nomes estão entre os assuntos que mais aparecem em ambas as cidades, além dos pedidos de apadrinhamento, as datas de nascimento, entre outros que serão tratados mais à frente.

Para o caso das crianças expostas através do mecanismo das Rodas, os bilhetes também tinham a função de ser um “sinal”, que seria apresentado um igual quando os familiares fossem retirar as crianças, ou eles próprios poderiam vir acompanhados de medalhas, pedaços de pano, moedas, como é o caso do exemplo abaixo onde foi encontrado esse selo fiscal de 200 réis do Império do Brasil com a imagem de D. Pedro II junto ao bilhete da menina Luiza de 23 de junho de 1875:

**Imagem 3: Selo fiscal de 200 réis do Império do Brasil.**



**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ, número 36307/157 - junho/1875. Acervo Educandário Romão Duarte.

Luiza tinha aproximadamente dois meses, branca e classificada com bronquite, o bilhete que acompanha a menina diz o seguinte:

A caridade da Santa Casa dos Expostos da Corte do Rio de Janeiro em 23 de junho de 1875 - São João Batista.

A inocente filha de N. e órfão de pai há 15 dias, deve-se chamar Laura não está batizada, sua mãe é pobre e sem recursos, recorre a caridade dos Expostos até que um dia mais feliz a possa retirá-la. Deus abençoará a todos os favores e cuidados para essa pobrezinha que a sua mãe bendirá a todos.

F. A. P. V.

Escrivão a pedido. Deus a acompanhe (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36307/157 - junho/1875).

Os registros do Rio de Janeiro geralmente costumam manter o nome da criança que foi escolhido a partir dos bilhetes, este é um caso atípico que pode ter sido um equívoco na transcrição ou de fato escolheram trocar o nome da menina que seria identificada como Laura, mas foi registrada como Luiza, já que no bilhete acima geralmente encontrado no final do documento, estava identificado o número de registro da menina pela Casa dos Expostos. Assim, a menina Luiza, identificada como Laura no bilhete, é órfã de pai e sua mãe é mencionada mesmo sem ser identificada, apenas com as iniciais, mas a questão da morte do pai da criança é utilizada como um dos motivos do abandono, ficando a mulher sem recursos. A morte do pai da criança seguido do enfeitamento é uma justificativa utilizada em outros bilhetes, evidenciando a questão da falta de uma estrutura familiar para essas mulheres, como já foi falado nos capítulos anteriores, já que sem o pai da criança ela precisava trabalhar ainda mais e sem uma rede de solidariedade, um dos caminhos seria colocar a criança na Roda.

Renato Venâncio, para o período analisado até a primeira metade do XIX no Rio de Janeiro e em Salvador, mesmo evidenciando que esse material simboliza o rastro do imaginário do abandono pelas Rodas, também afirma que os argumentos dos bilhetes “além de serem irrelevantes do ponto de vista estatístico, são por demais genéricos” (VENÂNCIO, 1999:85). Concordo em parte, pois, através do estudo dos bilhetes da segunda metade do século XIX, percebemos que de fato são muitas vezes genéricos os formatos e as justificativas para o abandono, mas isso também simboliza a maneira que determinada sociedade entende que a assistência funciona, se utiliza dela e como se auto classifica a pobreza do período. Assim, ao analisarmos os bilhetes das cidades do Rio de Janeiro e de Salvador, veremos que mesmo de maneira ainda que genérica, os bilhetes possuem particularidades que traduzem as suas respectivas cidades e expressam as pressões da pobreza assistida que fizeram com que a instituição dos Expostos aos poucos passasse a receber também as crianças temporárias, desamparadas e, para o caso de

Salvador, as crianças “em educação”. Além disso, também podemos observar as características dessas famílias através das informações deixadas.

Portanto, a análise dos bilhetes funcionou como um fio condutor nesta pesquisa, trazendo à tona diferenças e similaridades entre as duas cidades e evidenciando como figura de destaque a pobreza feminina<sup>16</sup>, já que parte dos escritos são identificados pelas respectivas mães das crianças e também temos os casos das crianças encaminhadas do Hospital Geral decorrente do adoecimento de suas mães. Fazendo com que a discussão de gênero seja mais um ponto necessário ao falarmos sobre o perfil da pobreza urbana através da Casa dos Expostos.

### **3. 1. O perfil das famílias do Rio de Janeiro através dos bilhetes**

Como podemos observar nos capítulos anteriores, a Casa dos Expostos do Rio de Janeiro manteve um fluxo de crianças constante até 1890 quando esse número diminuiu. Como também, vimos que o número de crianças não-brancas na instituição aumenta entre 1880, mas a partir de 1895 as crianças brancas voltam a ser majoritárias. Assim, a caracterização dessa pobreza a partir da instituição dos expostos, é um pouco mais complexa, já que não tem uma cor definida e os bilhetes demonstram diferentes situações que levava a criança até os cuidados da instituição.

A instituição do Rio de Janeiro, a partir do reflexo da dinâmica da própria cidade, também possui um número de chegada de crianças estrangeiras que são identificadas através dos bilhetes e dos “sinais”. Como é o caso das medalhas que discutimos no capítulo um, que difere da instituição de Salvador para o período aqui analisado.

Dentre os 2165 registros analisados para o Rio de Janeiro, vamos trabalhar com um total de 121 bilhetes e ofícios do período de 1870-1900<sup>17</sup>. Os bilhetes são anexados no final do livro de registro, alguns já deteriorados com o tempo e colado entre as páginas, possuem diferentes tamanhos e alguns uma assinatura comum entre eles que diz “desta

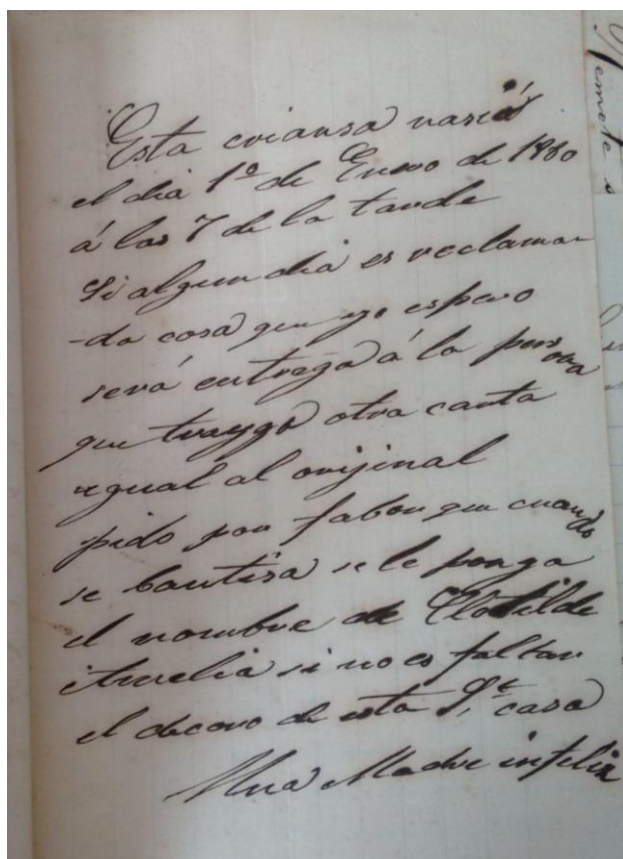
---

<sup>16</sup>Gisele Sanglard após a análise dos livros de crianças desamparadas, aquelas remetidas do Hospital da Santa Casa de Misericórdia para a Casa dos Expostos decorrente do falecimento de sua mãe e as encaminhadas pela polícia, classifica como a *pobreza feminina* o reflexo da falta de estrutura familiar e “sua incapacidade de cuidar de si e de seus filhos pequenos quando adoeciam” (SANGLARD, 2018:130).

<sup>17</sup>Provavelmente o número de bilhetes é um pouco maior para o período, entretanto, como esse material havia sido transcrito durante a graduação, algumas lacunas ficaram de ser preenchidas no mestrado e foram impossibilitadas pelo período da pandemia de covid-19.

sua criada”, mostrando essa padronização que falamos anteriormente, possivelmente escritos por outra pessoa em alguns casos além das mães ou responsáveis, já que parte considerável da sociedade era iletrada no período (TAVERNA, et al., 2022:62257). De acordo com Venâncio, “entre iletrados e os pobres, o recurso ao pároco devia ser essencial na redação dos bilhetes” (VENÂNCIO, 1999:78). Entretanto, de qualquer forma, para o caso das crianças deixadas na Roda não conseguimos comprovar quem ao certo escrevia, também não vamos enfatizar essa questão, além do mais, para o caso do Rio de Janeiro, alguns bilhetes foram escritos em línguas estrangeiras, como é o caso da imagem a seguir, referente ao bilhete da menina Clotilde de 1880 escrito em espanhol.

#### Imagem 4: Bilhete escrito em espanhol de 1880<sup>18</sup>



**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ, número 38796/57 - janeiro/1880 . Acervo Educandário Romão Duarte.

<sup>18</sup>“Esta criança nasceu el día 1º de enero de 1880 á las 7 de la tarde se algum dia es reclamada cosa que ezo espero será entregada á la persona que trayga otra carta a qual al sinal pido por favor que quando se batiza se le ponga el nombre de Clotilde traelia si no es faltou el decano de esta casa. Una madre infeliz.”

Um exemplo desses bilhetes padronizados, é o que acompanha uma menina parda de nome danificado no documento, com dois dias de nascida, com uma “ferida no umbigo e princípio de tétano”, que diz:

Senhora Regente.

Por não poder criar minha filha por falta de meios, peço-lhe que tenha paciência e trate dela como se fosse sua e quando a batizar botar-lhe o nome de Sebastiana que se Deus e Maria Santíssima me ajudar algum dia buscar minha filha, porque não quero abandoná-la só por uma necessidade. Desta sua criada (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 3679/129 - junho/1875).

Neste caso, percebemos que se trata de uma criança deixada na Roda através do anonimato. A mãe da criança expõe a justificativa principal do ato sendo a pobreza em que se encontra, identificada como “por falta de meios”, outra característica comum entre os bilhetes. Além disso, vemos a tentativa da mãe em garantir os cuidados da criança pedindo para a Regente cuidar, outra questão frequente nos bilhetes junto aos pedidos de apadrinhamento. Por fim a assinatura anônima como “desta sua criada”.

Mas diversos foram as características dos bilhetes do Rio de Janeiro, e a partir deles também conseguimos identificar a condição da criança com a instituição, como o caso daquelas que estão no Hospital da SCMRJ, ou aquelas em que as mães são identificadas e prometem retirar a criança em pouco tempo. Além do caso dos ofícios, que são os documentos da delegacia de polícia, do Hospício N. S. da Saúde, entre outros. Evidenciando que nem todas as crianças que estavam sendo criadas na Casa dos Expostos eram expostas. Como podemos observar na imagem a seguir do ofício da Subdelegacia da Freguesia de Sant’Anna de 1875, referente a criança Paula de cinco dias de nascida, parda, que foi encontrada em abandono na Rua do Parto.

**Imagem 5: Ofício da Subdelegacia do 1º dist. Da Freguesia de Sant'Anna. 3 de junho de 1875<sup>19</sup>**

Subdelegacia do 1º Dist. da Freg. de Sant'Anna,  
3 de Junho de 1875

S. S. P.  
Mm. Sr.

A este acompanha uma criança de sexo  
feminino, e de cor parda, que foi hontem  
encontrada em abandono na Rua do Par-  
to, a qual vai ser entregue á piedade e ad-  
ministração da Casa dos Expostos.

Deo. G. A. S.

Mm. da Casa dos Expostos

J. J. Fernandes Custos

**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ, número 36280/130 - junho/1875. Acervo Educandário Romão Duarte.

Dentre os 121 bilhetes analisados, conseguimos identificar que 39 deles fazem menção às mães das crianças, 1 apenas fala do pai e 5 falam dos pais. Sendo assim, corroborando com o que foi dito anteriormente sobre as mulheres terem protagonismo na narrativa das crianças cuidadas pela Casa dos Expostos, pois, parte dessas crianças

---

<sup>19</sup>“Subdelegacia do 1º dist. Da Freguesia de Sant. Anna. 3 de junho de 1875. A este acompanha uma criança de sexo feminino e de cor parda que foi ontem encontrada em abandono na Rua do Parto, a qual a qual vai ser entregue á piedade e administração da casa dos expostos.”



entraram na instituição por intermédio de suas mães, por questões de saúde ou pobreza das mesmas.

No geral, temos como principais características dos bilhetes, os pedidos de batismo e a escolha do nome da criança, seguido das menções aos sinais que as acompanhavam. Maria Luiza Marcílio comenta sobre a importância do batismo na sociedade ao falar sobre os bilhetes do século XIX que acompanhavam as crianças, afirmando que o sacramento “sempre foi uma verdadeira obsessão para os responsáveis pela Roda, assim como para a população em geral” (MARCÍLIO, 1998:267). Após a análise dos bilhetes percebemos que o batismo tem uma importância tanto pelo viés religioso, na questão sobre as crianças não morrerem sem o sacramento, como também, funcionando como um registro da criança e esperava-se que o nome escolhido e apontado no bilhete fosse seguido. Além disso, existem os casos de pedidos de apadrinhamento, ou onde os nomes dos padrinhos são destacados, um outro meio de construir laços de solidariedade na sociedade da época. Temos como exemplo o bilhete que acompanha a menina Rosa, parda, recém-nascida, chegou em dezanove de fevereiro de 1875, que diz:

Eu não podendo por falta de meios criar minha filha, me volto da caridade, e rogo a Senhora Regente de quando a batizar, botar o nome de Rosa, e seja também a Madrinha desta criança nascida hoje á 19 de fevereiro, pelas 7 horas da manhã, e recomendo-lhe de bem á tratar até que Deus me ajude e possa lá ir buscar. Desta sua criada (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36124/360 - fevereiro/1875).

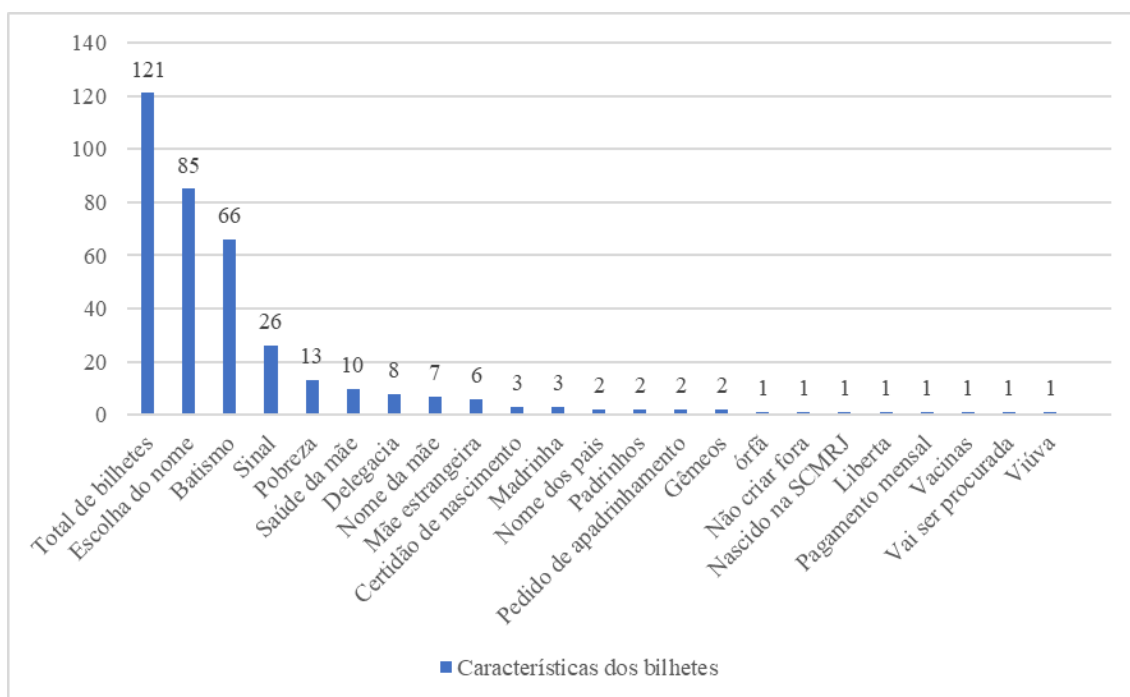
Como dito anteriormente, neste bilhete a própria mãe da criança pede para que a Regente da Casa seja a madrinha de sua filha a fim de cuidar de sua criação. Em outros casos, para as crianças encaminhadas do Hospital da SCMRJ, as próprias enfermeiras poderiam ser as madrinhas das crianças, como é o caso do menino Francisco de Paula, que chegou em 5 de março de 1900, branco, acompanhado de sua certidão de batismo, realizada na capela do Hospital, tendo apenas o nome da madrinha destacado, sendo Eliza Vanones, em seguida temos um bilhete que diz:

Francisco de Paula nasceu no dia 20 de fevereiro e batizou no dia 2 de março na Santa Casa pelo Padre Antonio a Madrinha Dona Eliza enfermeira, pela minha necessidade e que eu boto meu filho eu vou mais tarde buscar. Rosa Borges Rodrigues sua

mãe (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 42581/288 - março/1900).

Francisco de Paula chega na instituição em 1900, período em que o público assistido da instituição está se modificando com mais intensidade, podemos perceber isso em seu bilhete, no qual, sua mãe é identificada assinando com seu nome e promete retirar a criança quando possível. Não se tratando nesse caso de uma criança exposta, já que não passou pela Roda, sendo uma criança temporária.

**Gráfico 15: Características dos bilhetes da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro (1870-1900)**



**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ. Acervo Educandário Romão Duarte.

Com o gráfico (15) acima, percebemos que como o volume pesquisado para a instituição do Rio de Janeiro foi de algumas décadas entre o Império e início da República, conseguimos destacar essa mudança no caráter assistencial da Casa dos Expostos através das características dos bilhetes. Podemos ver então que temos um número de certidões de nascimento e de certidões de batismo proveniente dessas transformações do período entre

a abolição da escravidão e a instauração da República. Além da presença de 6 mães estrangeiras, identificadas através dos bilhetes contendo: 3 cartas em francês, 1 em espanhol, 1 em inglês e uma mãe identificada como suíça, destacando que a chegada de imigrantes no Rio de Janeiro também modificou o perfil da pobreza da cidade no período. De acordo com Marcílio, a imigração europeia no final do século XIX aumentou o número dos expostos (MARCÍLIO, 1998:264). Entretanto, o número de crianças expostas diminuiu, como estamos discutindo neste trabalho para o final do século XIX no Rio de Janeiro, mas podemos afirmar que o número de crianças provenientes de famílias de imigrantes passa a compor também o quadro de crianças assistidas pela instituição, não apenas como expostas.

A saúde da mulher aparece entre os assuntos falados nos bilhetes, a descrição “falta de leite” e “não pode amamentar” nos bilhetes também pode estar relacionada com a saúde desta mãe, comprometendo a sobrevivência de ambas, porque doente a mesma fica impedida de trabalhar e o quadro de pobreza podendo se agravar.

De acordo com Gisele Sanglard, “deve-se ter clareza que pobreza, trabalho, doença e assistência são indissociáveis” (SANGLARD, 2020:33), assim, a doença aparece também como uma das justificativas para que a criança fique sob os cuidados da Casa dos Expostos. Como exemplo temos o bilhete da menina Amélia, que chegou em dezenove de março de 1875, com oito meses, parda, “muito fraca com marasmo”<sup>20</sup>, que diz: “19 de março de 1875. Esta criança já é batizada, chama-se Amélia, e foi batizada liberta, a mãe a bota na misericórdia por não ter leite para amamentá-la, e não poder pagar. Pede à misericórdia que não perca esta carta, pelo amor de Deus” (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36155/396 - março/1875). O bilhete que acompanha Amélia, traz informações interessantes que convém serem destacadas, a criança foi batizada “liberta”, este é o único bilhete do material que foi transcrito para essa pesquisa do Rio de Janeiro que aparece este termo, lembrando que este é um bilhete de 1875, portanto, após Lei do Ventre Livre de 1871, mesmo assim o destaque foi feito. A mãe de Amélia não tem leite para amamentar, possivelmente por estar enferma e não

---

<sup>20</sup>De acordo com o segundo volume do dicionário de Chernoviz, o Marasmo é como se chama “o emagrecimento extremo de todo o corpo: consequência ordinária de grande número de moléstias crônicas. O marasmo apodera-se frequentemente das pessoas profundamente descoroadas, quer por causas morais, quer por enfraquecimento resultante de alguma moléstia grave, quando se persuadem que não lhes é mais possível voltar à saúde; mas se eles mesmos se abandonam, não é um motivo para abandoná-los. A mudança de ar, as viagens, o regimen tônico, o vinho generoso, as águas minerais ferruginosas, triunfão assaz frequentemente do marasmo ocasionado pelo pesar ou pelo abatimento, que sucede aos sofrimentos de um a longa moléstia” (CHERNOVIZ, 1878:354).

tem dinheiro para pagar uma ama, mas cogitou a possibilidade mesmo sendo pobre. Outro exemplo é o do menino Sebastião, que chegou em vinte e quatro de junho de 1880, branco com cinco dias, acompanhado do bilhete que diz: “esta criança nasceu no Rio de Janeiro 1880. Deve-se chamar Sebastião. Vai para aí por sua mãe não ter leite. Por todo tempo se irá procurar. Rio 23 janeiro 1880” (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 38844/113 - janeiro/1880).

Além dos casos da “falta de leite” da mãe, outros bilhetes aparecem a descrição da mãe não poder amamentar, que poderia ser a questão de saúde, mas também uma questão de trabalho que a impedia, dando destaque para diversas demandas que faziam com que essas mulheres recorressem à instituição. Um exemplo é a criança Maria, quatro dias de nascida, parda, com “úlceras umbilical” que chegou em dezanove de março de 1875, com um bilhete que diz:

A inocente que deve ter o nome de Maria e que vai ser recolhida a casa dos expostos, é filha de Maria Crioula, que por não poder amamentá-la, viu-se obrigada a recolhê-la a esta casa pia: a criança nasceu no dia 16 de março do corrente ano de 1875, que em tempo competente deverá ser procurada, de vista de uma igual carta que será apresentada. Rio 17 de março 1875 (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 36153/394 -março/1875).

A mãe de Maria nesse caso é identificada e precisou deixar a criança para ser cuidada na instituição por não poder amamentar, indicando que não seria algo permanente, evidenciando as diferentes demandas dessas mulheres ao colocarem seus filhos na instituição como falamos anteriormente, o que vai se tornando recorrente através da leitura dos bilhetes. Para o caso de Maria, a informação que consta no registro é que foi dada a criar em Maricá no final do mês em que chegou. Outro caso deste mesmo tema, é o da criança Hormerinda que chegou em três de janeiro de 1880, com um mês e dezanove dias, parda, “com o corpo cheio de sarnas”, acompanhada do seguinte bilhete:

Roga-se a esta instituição caritativa de receber a criança, que acompanha este, e tratá-la com todo carinho porque a mãe dela daqui a um ano vai tirá-la. Se uma deste meio costuma enjeitar uma filha, é porque a mãe acha-se de todo impossibilitada de amamentá-la. Pede-se altíssima para que seja batizada a criança com o nome de Hormerinda, e leva uma moeda estrangeira de

prata. Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1880. Ela nasceu em 14 de novembro de 1879 (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 38802/63 - janeiro/1880).

Este bilhete faz indagar o que a pessoa que escreveu quis dizer com “uma deste meio”? Quem escreve supõe que a instituição saiba do que se trata. A criança acompanha uma moeda estrangeira, podendo simbolizar também uma família imigrante, e a promessa de retirada em um ano, que não aconteceu pois Hormerinda veio a falecer no dia dezoito do mesmo mês.

Ao analisarmos o número de crianças que foram retiradas da Roda pelos seus pais, dos 2165 registros analisados, temos um total de apenas 16 crianças, dessas, sendo 10 entregues à suas mães, 4 ao pai e 2 aos pais.

De maneira geral, a partir desses bilhetes do Rio de Janeiro, podemos perceber que a questão da pobreza como justificativa para o abandono na prática era algo bem mais amplo e complexo do que apenas monetário, e que para a instituição do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, a questão do abandono de crianças ilegítimas não esteve presente. Diversos foram os fatores expostos como justificativas, que também buscavam funcionar como estratégias em uma tentativa de garantir o cuidado das crianças e a continuidade dos laços entre as famílias. Além das crianças encaminhadas por ofícios das delegacias e do Hospital da SCMRJ, como falamos no capítulo um e que se tornam predominantes a partir de 1890. De acordo com Venâncio, “os textos dos bilhetes refletem, dessa maneira, as expectativas que as camadas populares mantinham em relação à Casa da Roda” (VENÂNCIO, 1999:79), mas não tão somente as expectativas, refletem os problemas de uma cidade em que as mulheres simbolizam o perfil da pobreza urbana e pressionam as instituições para atenderem às suas demandas.

### **3. 2. O perfil das famílias de Salvador através dos bilhetes**

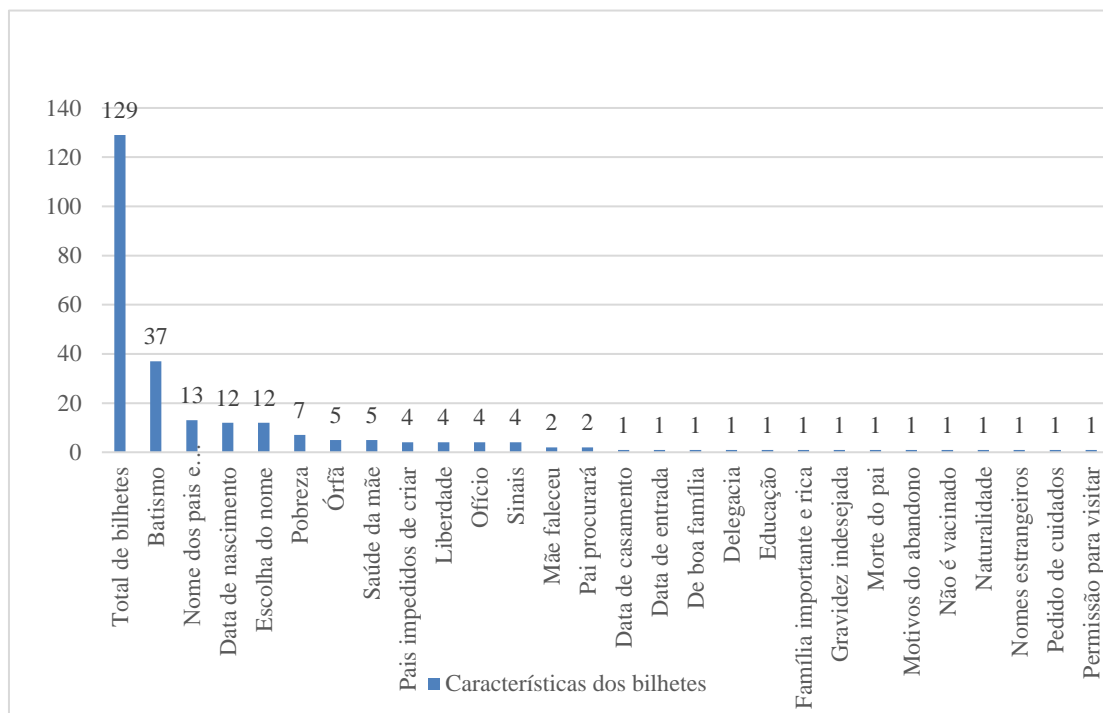
Salvador nos mostrou ter um perfil de crianças assistidas no quesito cor bem consolidado para a década de 1870. Em contrapartida, os assuntos dos bilhetes se mostraram bem diversos, pois transitam na questão da pobreza urbana, saúde da mãe, gravidez indesejada, crianças com cartas de alforria e não possuem uma presença significativa de sinais nem bilhetes de crianças de famílias estrangeiras. Como também,

além das crianças expostas, temporárias e desamparadas, possuem outra categoria, as crianças “em educação”, que aumentam a presença de crianças maiores de um ano na instituição e destaca o papel da Casa dos Expostos também como um asilo, como chama o próprio médico da instituição, o Dr. Silva Araújo, no relatório publicado na Gazeta Médica da Bahia que foi discutido no capítulo dois.

Assim, de um total de 129 bilhetes, convém destacar novamente que o material da instituição de Salvador está mais completo que o material dos livros do Rio de Janeiro no que concerne à vida das crianças dentro da instituição dos expostos. Possivelmente porque o número de crianças entradas era menor e se utilizavam apenas do livro de registros para anotarem os dados da criança que estava sendo cuidada. Diferente do volume do Rio de Janeiro, que o número de crianças era maior e só anotavam no livro de registros os passos da criança dentro do mês de entrada. Marcílio destacou para a Roda de Salvador que o formato do bilhete é diferente e demonstra hipoteticamente ter maior incidência na busca das crianças pelos responsáveis (MARCÍLIO, 1998:259) e essa impressão pode estar relacionada com o fato que acabamos de falar sobre o material ser mais completo, portanto, não conseguimos por ora fazer essa comparação entre as duas instituições.

Mas, de fato, o formato dos bilhetes é diferente mesmo que algumas falas ainda sejam comuns entre as duas cidades, como a questão da saúde da mãe, os pedidos de batismo, a descrição dos sinais, entre outros. Mas ao observarmos as características dos bilhetes, conseguimos perceber essas diferenças. Vejamos no gráfico abaixo:

**Gráfico 16: Características dos bilhetes da Casa dos Expostos de Salvador (1870-1879)**



**Fonte:** Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMBA.

Percebemos que a questão das condições de saúde e de vida da mulher a partir dos bilhetes de Salvador, também é presente algumas vezes como os motivos para deixarem as crianças na Roda. A partir dessa análise, dentre os 129 bilhetes, 22 mães são identificadas, dentre elas, 2 viúvas, uma casada e uma solteira, sendo que 10 fazem menção à saúde da mãe. Como é o caso do menino chamado de Thimoteo de Mattos, branco que chegou em vinte e três de janeiro de 1870, com o seguinte bilhete:

Excelentíssimo Senhor Provedor e Mesários. Remeto-lhe este pequeno por nome João Adelino Maria nascido no dia dez de janeiro do corrente, filho de Maria do Espírito Santo Maio, por causa de sua mãe estar alienada, e não haver parentes na Bahia que possa criar-lo o qual tem de ser procurado logo que sua mãe se restabeleça ou seus parentes tenham ciência do facto. Leva por sinal cor branca, cueiro roxo debruado com fita branca acetinada nº 3, sinto roxo com ramos de flor. Ainda não está baptizado (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 499/52 - janeiro/1870).

A partir do bilhete de Thimoteo, vemos que seu nome foi modificado, como fazia geralmente a instituição de Salvador, sendo o nome utilizado por vezes também como um sinal. A mãe da criança está doente e não possui parentes para cuidar na Bahia, sendo identificada para retirar a criança após se restabelecer, constituindo mais um caso de criança encaminhada para a instituição para ser cuidada e da relação da pobreza como sinônimo da falta de uma rede de solidariedade (ROSSI, 2019:118). Neste caso, o menino faleceu em julho do mesmo ano com “moléstia do peito”<sup>21</sup>.

Além dos casos de mulheres doentes, sem leite e pobres, há casos que hipoteticamente podem estar relacionados com gravidez indesejada, como foram citados no capítulo dois para a cidade de Salvador, em que a menina Amélia de Mattos é acompanhada de um bilhete em que diz ter sido fruto de um crime e estaria sendo enjeitada para evitar “desgostos”, e as menções de crianças serem de “boa família” ou de “família importante e rica”. Mesmo em menor quantidade, é interessante destacar já que para o Rio de Janeiro não encontramos nenhum caso parecido com esses como em Salvador e isso reflete o lugar da instituição para aquela sociedade, mesmo na década de 1870, ainda funcionando como um refúgio para filhos ilegítimos, além do mais reitera o argumento sobre as diferenças entre as duas cidades.

Outra questão que merece destaque e que faz o diferencial nos documentos de Salvador, são as menções ao estado de liberdade das crianças, como por exemplo a entrada de cartas de alforria, que geralmente não mencionam suas mães, ou quando são mencionadas, não descrevem o motivo do abandono, podendo se tratar de mães que ainda fossem escravizadas.

A questão da presença de estrangeiros não se faz presente como já mencionamos, apenas uma criança chega acompanhada de um bilhete com nomes que parecem ser italianos. O menino Cyrillo de Mattos, branco, recém-nascido que chegou em três de abril de 1871 em bom estado de saúde, com o seguinte bilhete:

Bahia, 3 de abril de 1871. Nasceu esta criança, os nomes que trouxe foram estes: Pancrácio Agapes Guionio Ricardo Burgundófora Benedicto Francisco. Foi botado nas caridades às 10 horas da noite em segunda feira e daqui a um mês será

---

<sup>21</sup>De acordo com o primeiro volume do dicionário de Chernoviz, “debaixo do nome de moléstia de peito, designa-se vulgarmente a tísica [...] As outras moléstias do peito estão descritas nos artigos bronchite, pleuriz, escarro de sangue, pneumonia” (CHERNOVIZ, 1878:628).



procurado por algum portador (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 561/114 - abril/1871)

Possivelmente nomes de padrinhos ou parentes da criança. Entretanto, mesmo com a promessa de ser procurado dentro de um mês, a descrição que acompanha o menino feita pela instituição é de que ele “ficou no poder da ama que o estava criando”, uma mulher de cor cabra, que morava na Rua da Poeira, chamada Maria Joaquina que recebeu o menino no dia onze de abril, mas as razões para ficar com a criança não são expostas.

Os casos de pobreza se fazem presente como uma das principais justificativas para o recolhimento na Casa dos Expostos também em Salvador. E as demandas de cuidados temporários em decorrência da pobreza, aparecem em alguns bilhetes, no qual, a mãe ou o pai são identificados, como é o caso do bilhete que acompanha a menina Juliana de Mattos, cabra, de seis meses, em bom estado de saúde, que chegou em vinte e seis de abril de 1871, com um bilhete que diz: “Atesto que o senhor Hypolito Cassiano da Piedade é pobre e que está no caso de receber qualquer socorro da Santa Casa da Misericórdia no favor de sua filha. Bahia, Freguesia do Pilar, 21 de abril de 1871” (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 569/122 - abril/1871). A menina morreu em outubro do mesmo ano de “anasarco”<sup>22</sup>. Percebemos que esse bilhete possui um tom formal como um atestado de pobreza mesmo. Outro caso em que a família é identificada e tem como motivo a pobreza em que se encontrava, é o bilhete de Hortencia de Mattos de trinta maio de 1874, uma menina parda com doze dias, que diz: Roga-se em nome de Deus e da Santa Misericórdia a esmola de batizarem esta infeliz criança, filha de uma desventurada mulher, com o nome de Maria Brazilia, nascida a 17 de maio de 1874 (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 739/142 - maio/1874), que também é parecido com o bilhete que acompanha a menina Amelia de Mattos de dois anos, que chegou em 1871 em bom estado de saúde:

Diz Augusta Rosa de Mattos que se achando em estado de pobreza bota sua filha Amelia Rosa do Lago, no Asilo da S. C. da Misericórdia sendo já batizada, na Freguesia de S. Tiago do Iguapé sendo Padrinho o senhor Dr. Alcibiades José de Azevedo já falecido. Bahia 7 de março de 1871

---

<sup>22</sup>De acordo com o primeiro volume do dicionário de Chernoviz, anasarca é uma “inchação geral ou muito extensa do corpo, produzida pela acumulação de serosidade no tecido celular subcutâneo. Chamam-lhe também hidropisia do tecido celular” (CHERNOVIZ, 1878:169).

(livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 558/111 - março/1871).

Esse bilhete, diferente dos outros dois anteriores, se trata de uma menina classificada como “em educação”, podemos perceber que o primeiro nome indicado pela mãe para a criança não é modificado, e que a menina nesse caso já tem dois anos. Como também, podemos destacar que o bilhete trata a instituição com um “asilo”, reforçando os argumentos já propostos nessa pesquisa sobre a transformação da instituição dos expostos na segunda metade do século XIX.

Além dos casos das mães doentes, há os casos das mães internadas no Hospital, que mesmo em menor quantidade se comparado ao Rio de Janeiro, mas também fazem parte do universo das crianças deixadas para criar na instituição de Salvador. Como é o caso da menina Irena de Mattos, que chegou em julho de 1878, parda, com três meses e em bom estado de saúde, com um bilhete que diz: “esta infeliz menina ainda não foi batizada deve se chamar Felippa. A mãe está no Hospital presta a dar conta a Deus. Bahia, 15 de junho de 1878 às 9 horas da noite” (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 945/62 - julho/1878). A menina foi classificada como “está no asilo”, mesmo que seu nome tenha sido modificado, como também, não foi dada a criar fora da instituição, de acordo com seu registro, apenas “saiu no dia 30 de março de 1906 por locação de serviços em casa do ilustríssimo senhor Rozel Theodoro da Silva Junior, em Canavieiras”. De acordo com Maria Renilda Barreto e David Ricardo sobre as mulheres que se encontravam no Hospital S. Cristóvão da SCMBA que eram de maioria negras entre 1823-1851, afirmam que “os documentos não permitem inferir se essas mulheres possuíam companheiros ou filhos, mas o que a historiografia apresenta é que o hospital do século XIX foi a opção dos que estavam alijados das redes de solidariedade e dos laços familiares” (BARRETO; BARRETO, 2020:77/78).

Os bilhetes de Salvador para a década de 1870, parecem ser mais detalhados no que concerne às informações sobre as famílias das crianças, já que parte deles se encontram os nomes das mães, pais ou padrinhos, mesmo que o motivo para o ato não seja explicitado, como podemos ver no bilhete que acompanha a criança Paulo de Mattos, de julho de 1878, um menino branco de três meses, em bom estado de saúde, que chegou com o seguinte bilhete: “vai este menino ainda sem ser batizado chama-se João está com três meses e três dias. A mãe chama-se Maria Joaquina de Queroz é do Ceará, o pai

chama-se Vitolino Moreira D'andrade” (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 944/61- julho/1878). No bilhete do menino Paulo, além dos nomes dos pais, também temos de onde sua mãe é natural, sendo do Ceará. Sendo, uma característica interessante ao estudar a instituição de Salvador, perceber esse aumento na identificação das famílias. O menino Paulo de Mattos foi entregue aos seus pais um ano depois, no dia vinte e seis de julho de 1879.

Analisando o número de crianças que foram retiradas da Roda, dos 521 registros analisados, sendo entregue a seus pais ou a outras pessoas que poderiam ser respectivos parentes ou padrinhos, temos um total de 22 crianças. Sendo 8 entregues a sua mãe, 6 delas entregue ao seu pai, 7 entregue a pessoas que o grau de parentesco não é especificado e 1 entregue aos pais. Dentre essas pessoas no qual o grau de parentesco não é especificado, tem até a presença de uma Condessa retirando uma menina parda em 1889.

Em suma, os dados aqui apresentados sobre os bilhetes da instituição de Salvador, corroboram com a afirmação de Renato Venâncio em um aspecto, no qual, afirma que os bilhetes cariocas e soteropolitanos são semelhantes, que no geral compartilhavam da ideia que a assistência não era apenas para crianças sem família, mas também aquelas em que os pais estavam impedidos de criar (VENÂNCIO, 1999:79). Entretanto, são diferentes em alguns detalhes, mesmo que o batismo seja o principal assunto dos bilhetes, a presença de sinais cristãos é menor em Salvador, assim como, a presença de crianças filhos de imigrantes é quase nula. Portanto, se trata de uma pobreza local, negra e em partes feminina, já que parte significativa dos bilhetes fazem menção ao estado de saúde e pobreza dessas mulheres. Assim, entendendo que para as duas cidades a pobreza urbana tem um recorte de gênero definido, precisamos compreender quem são essas mulheres e como suas realidades chegam na Casa dos Expostos, em um período que o recorte racial é uma hierarquia social.

### **3.3. O recorte de gênero no perfil das famílias**

O recorte de gênero nesta pesquisa, se fez necessário ao percebermos que um dos fatores que levavam as crianças a serem deixadas sob os cuidados da Casa dos Expostos, era a falta de uma estrutura familiar para as mulheres, que quando adoeciam, faleciam ou quando precisavam trabalhar, o destino das Rodas era a opção para sua prole. Destacando que a pobreza urbana era também feminina e são essas mulheres que durante a segunda

metade do século XIX, apresentam novas demandas para a instituição, fazendo com que o caráter do anonimato se transforme gradativamente nas duas cidades.

Para Maria Luísa Marcílio, a partir do século XX, novos fatores se fazem presentes para o abandono, sendo, o crescimento da urbanização, o êxodo rural, o trabalho das mulheres pobres como operárias e domésticas (MARCÍLIO, 1998:263). Para tal,

Viam-se as jovens migrantes desamparadas nas cidades, desarraigadas e necessitando de trabalho para sua sobrevivência. Nessas circunstâncias, se engravidassem, só lhes restavam três saídas para se livrarem do filho não esperado: o aborto, o infanticídio ou a Roda. As três foram usadas, mas a que menos se chocava com seus valores tradicionais era, sem dúvida, a última (MARCÍLIO, 1998:264).

Portanto, as mulheres participavam ativamente da estrutura da sociedade e tinham demandas próprias. De acordo com Rachel Soihet em seu trabalho sobre mulheres pobres e suas condições de vida (1890-1920), em relação às formas de sobrevivência das mulheres na cidade,

Segundo o censo de 1890, a população total da cidade do Rio de Janeiro alcançava 522.651 habitantes, dos quais 293.657 homens e 228.994 mulheres. Todas essas mulheres trabalhavam e muito nas atividades, tradicionalmente “femininas”, como lavadeiras, costureiras, rendeiras, serviços domésticos, prostituição e, também, no pequeno comércio de bens produzidos em casa. Muitas foram absorvidas na indústria que então se iniciava. Aquelas que viviam nas áreas rurais circunvizinhas dedicavam-se à lavoura (SOIHET, 1989:169).

A partir desta afirmação de Soihet, podemos perceber que as mulheres participavam na movimentação da economia da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. Entretanto, podemos destacar que fatores como o casamento formal não era uma opção para a maioria dessas mulheres que viviam no âmbito público da cidade, e que o concubinato era presente na população (BELMIRO, 2021:19), sendo também, um dos fatores que geravam a falta de estrutura familiar para essas mulheres que precisavam garantir o sustento de si e dos filhos.

Diferentes estratégias foram analisadas neste trabalho em que mulheres buscavam garantir os cuidados de seus filhos na instituição, como os pedidos de apadrinhamento, a garantia de pagamento das despesas, o destaque por ser estrangeira para o Rio de Janeiro, as promessas de retirada da criança por elas ou pelo pai, entre outros. Como também, as formas de garantirem os laços familiares com as crianças, pelos respectivos sinais, medalhas, fitas, bilhetes, enfim, nas duas cidades houve essa movimentação por essas mulheres.

Entretanto, poucas são as crianças que aparecem como entregues para suas famílias e essa questão pode se dar por alguns motivos, incluindo a questão monetárias, mas também a saúde da mãe e da criança, já que índice de mortalidade das crianças era elevado nas duas cidades e parte considerável dessas mulheres também se encontravam em más condições de saúde. Diferente do caso do menino Antonio, pardo claro de seis dias de nascido, exposto no dia quinze de fevereiro de 1870 doente com “oftalmia purulenta” e “foi entregue a sua mãe Januaria Maria da Conceição mora na rua da princesa dos cajueiros em 21 de fevereiro a qual deu de esmola cinco mil que foram remetidas ao Santo Tesoureiro” (livro de registro da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, número 33670/197 - fevereiro/1870).

Algumas mulheres descrevem a questão da falta de leite como um dos motivos para o abandono, que pode estar relacionado à saúde como falamos anteriormente e a falta de uma alimentação adequada que também se enquadra em condições de pobreza, outras, entretanto, descrevem como justificativa o fato de serem “impedidas de amamentar”, que pode estar relacionado à questão de saúde, mas também a uma questão de trabalho. Para o caso de Salvador, algumas crianças chegam com carta de alforria ou com seu status de forra, mas o paradeiro de sua mãe não é especificado, algumas podendo ainda serem escravizadas e servirem como amas, portanto, nesses casos também precisamos fazer um recorte racial sobre o impacto do sistema escravista dentro da instituição dos expostos, mesmo que o número desses casos sejam menores, mas de alguma maneira também fazem parte desse perfil, principalmente para os casos de Salvador, no qual, o abandono de crianças pretas é majoritário.

Trabalhos como o de Renato Venâncio falam da possibilidade de senhores tentarem fraudar a assistência enfeitando crianças filhos de escravizadas para suas mães trabalharem como amas (VENÂNCIO, 1999:45). No entanto, o autor afirma que eram casos raros, já que seus dados predominam crianças brancas.

Para Marília Ariza, os impedimentos à experiência materna foram sempre impostos à mulher escravizada (ARIZA, 2021:21), já que recaiam sobre a mulher negra o princípio do *Partus sequitur ventrem* como estruturante, que era a “doutrina romana [...] que impunha às mulheres escravizadas e seu corpo a dupla condição de trabalhadoras e reprodutoras” não apenas de seus filhos, mas da própria escravidão (ARIZA, 2021:20). Tal questão já havia sido levantada pela antropóloga Lélia Gonzalez, no início da década de 1980, para quem ser “negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão” (GONZALEZ, 1982:97). Assim, compreende o racismo enquanto uma construção ideológica que se concretiza nos processos de discriminação racial. Portanto, entender a entrada de crianças pardas e pretas na instituição, também é pensar no lugar da mulher preta nessa sociedade hierarquizada pelo gênero e pela cor.

A autora Lorena Ferres Teles em seu trabalho sobre mães e amas de leite no Rio de Janeiro (1871-1888), faz um levantamento no Jornal do Commercio de anúncios de mulheres negras alugadas como ama, sendo, para o ano de 1880, de 51 anúncios colocados de mulheres negras para serviços domésticos, oito mulheres escravizadas foram anunciadas como amas e apenas duas destas acompanhavam a sua prole (TELES, 2021:46), o que poderia acarretar a saúde de seus pequenos que precisavam de leite materno.

Dito isto, podemos concluir que a falta de estrutura familiar e a condição dessas mulheres enquanto pobres, é uma das principais causas para o ato do abandono na Casa dos Expostos em ambas as cidades, entretanto, se faz necessário um recorte racial sobre quem são essas mulheres que além de lidarem com a questão da pobreza, também precisam lidar com a questão de uma hierarquia racial.

### **3.4. Mulheres negras e a dupla resistência**

Clara foi conduzida a um quarto onde sobre um leito de ferro, próprio para criança viu uma negrinha recém-nascida, emagrecida e que chorava, Clara lembrou-se de sua filha e sem mais poder conter-se, soluçando, tomou a criança nos braços e

entregou-lhe o seio. A pequena, com sofreguidão que bem denotava fome, agarrou-se-lhe e calou-se. Clara disse consigo. Meu Deus, se minha pobre filhinha pudesse ter também o meu sangue... Quem sabe se não terá morrido. Quem será a mãe d'esta inocente que tem a minha cor?  
(SOLRAC, janeiro 1880, p. 7).

Clara foi alugada como ama de leite após ter sua filha retirada de si e dada como enjeitada, foi trabalhar em uma casa que tinha duas crianças, uma branca e uma negra dada como órfã, para a criança branca Clara precisava amamentar de duas em duas horas e para a criança negra apenas três vezes ao dia. Clara sentia falta de seu bebê recorrentemente e sua senhora prometeu procurar o paradeiro de sua criança, no entanto, descobriram que a criança negra que estava em sua casa era a filha retirada de Clara, nesse momento os senhores da casa vivem um paradigma entre contar para Clara que ela está amamentando sua própria filha ou não contar para que a ama não deixe de dar a atenção para a criança branca.

No desenrolar desta história, dividida em algumas edições no periódico “A Mãe de família” que tinha como redator principal o médico higienista Carlos Costa na segunda metade do século XIX, Clara acaba descobrindo que a pequena órfã na verdade é sua filha legítima, sua boa índole desaparece ao descobrir a verdade e o resultado disso foi que Clara passou a tratar melhor sua filha, obedecendo seu instinto materno (CARULA, 2012:208).

A senhora da casa não gostou das atitudes da ama e mandou retirar a filha de Clara da propriedade, resumidamente a ama se revoltou e buscou saber onde estava sua filha. Clara se suicidou junto com seu bebê após descobrir o paradeiro de sua filha com um feiticeiro - Pai quilombo - que foi culpabilizado pelo ato (CARULA, 2012:208).

Com isso, Carlos Costa buscava em seu periódico incentivar o aleitamento materno entre as mulheres abastadas e alertar sobre os perigos em confiar os cuidados de seus filhos para outras mulheres. Entretanto, o aluguel de amas de leite continuou sendo utilizado com frequência durante o século XIX, de acordo com Lorena Teles, mesmo após as críticas dos médicos sobre os perigos de se alugar uma ama negra, o aluguel continuou até “as portas da abolição”, o que demonstra a dualidade entre as campanhas de médicos em favor do aleitamento materno e a realidade vivida por mulheres negras. (TELES, 2021:45). Karoline Carula em uma pesquisa sobre as amas de leite da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, destaca em relação a criação interna

a partir do livro das amas que, de 280 amas internas analisadas, 259 eram mulheres escravizadas até 1888, sendo que não há referência se essas amas que trabalhavam na casa dos expostos do Rio de Janeiro também levavam seus filhos (CARULA, 2022:100). O que já nos dá pistas de como a instituição funcionava frente aos debates higienistas da época, como também em relação ao mercado de mulheres escravizadas que serviam como amas.

Sendo assim, a narrativa aqui exposta coaduna-se com a afirmação de Emmanuelle Torres Costa ao afirmar que “a perspectiva, demanda e existência da mulher negra diferem da mulher branca e da branca e rica” (COSTA, 2019:32), configurando processos de resistência que podem se encontrar em alguns momentos, mas que são vivenciados de maneiras diferentes (BELMIRO, 2021).

Portanto, ao falarmos de um recorte de gênero na pobreza urbana que recorria à assistência da Casa dos Expostos, também se faz necessário recortar sobre quem são essas mulheres e os diferentes motivos que levaram a enjeitar seus filhos na Roda. Principalmente ao falarmos sobre o quadro do perfil das famílias de Salvador, que como vimos nos dados desta pesquisa, se trata majoritariamente de mulheres negras, não significando que todos os casos se incluam em uma perspectiva de maternidade negada a essas mulheres, até porque como vimos através dos bilhetes, muitas eram as justificativas para o ato e nem todas as crianças eram expostas, mas a partir do momento que crianças negras entram com cartas de alforria entregues por outras pessoas, esses questionamentos se fazem válidos e necessários.

De acordo com os registros da Casa dos Expostos de Salvador do ano de 1870, algumas crianças entram com a carta de alforria na instituição como já falamos no capítulo dois, por exemplo as duas crianças pardas, que entraram no dia treze de janeiro de 1870, Florencia de Mattos e Flaviana de Mattos, respectivamente com 3 meses e 7 dias e 1 mês e 10 dias, ambas acompanhadas da sua carta de liberdade, “assinada pelo Senhor José da Costa Soares Guimarães” (livro de crianças entradas na Roda Registro 496/49 e 197/50 - ano 1870). Outro caso é da criança Carolina de Mattos que chegou no dia vinte e dois de maio de 1870 e veio acompanhada do seguinte bilhete:

Carolina Filha da cabra Maximianna com nove meses de idade pouco mais ou menos, forra por carta de liberdade de passada em nota no cartório do Tabelião Jorge Ferreira em 21 de



fevereiro de 1870 que lhe passou sua Senhora Anna Amelia de Jesus, vem ser exposta n'esta Santa Casa da Misericórdia pelo Major Benjamim Mathias dos Santos, morador a travessa da ladeira das horas freguesia de S. Pedro velho em cujo poder se achava a dita menor. Vai vestida de uma camisola de fustão branco carapuça de lã solferina e branca e sapatinhos de lã da mesma qualidade, já foi batizada, alimenta-se de sopa de pão e leite de vaca. Bahia 22 de maio de 1870 (livro de registro da Casa dos Expostos de Salvador, número 512/65 - maio/1870)

Carolina era uma menina parda de nove meses que chegou doente e faleceu meses depois de “bexiga”, ou varíola. O interessante desses bilhetes é também a identificação de seus senhores e no caso de Carolina, até mesmo a identificação do endereço do local onde ela se encontrava em poder do Major Mathias, mesmo que sua mãe tenha sido identificada, outro fator é que o nome da criança neste caso não foi modificado pela instituição.

Sendo assim, a partir desses registros, outras hipóteses sobre o abandono podem ser pensadas, incluindo casos de mulheres que eram alugadas como amas sendo escravizadas ou as próprias amas chamadas “mercenárias” que alugavam os seus serviços para garantir um sustento. Para Lorena Teles, “um mercado de venda, compra e destacadamente aluguel de mulheres como amas de leite foi documentado em diversas cidades brasileiras, dentre elas Salvador e Recife, alcançando a maior proporção na cidade do Rio de Janeiro” (TELES, 2021:42). Portanto, Teles destaca também sobre o valor elevado que se tinha para amas que atuavam sem seus filhos, no qual, poderiam garantir de acordo com imaginário da época, o suprimento de leite exclusivo aos bebês brancos, o que também demonstra a indiferença com a vida da criança negra (TELES, 2021:47).

Dentre as hipóteses em torno dos motivos do abandono, Russel Wood (1981) ao tratar do assunto elenca que a maioria das mulheres que se viam levadas a deixarem seus filhos na Roda, estariam impulsionadas pela ordem de dois fatores, um econômico e outro social, sendo, mães abandonadas pelo marido com maiores possibilidades de enjeitarem seus filhos em decorrência da condição socioeconômica. Descreve a Bahia como tendo uma população flutuante, pelo vai e vem do porto, afirma que muitos se relacionavam ou fincavam casamentos com mulheres na Bahia, mesmo que não formalizados pela Igreja.

Entretanto, quando Wood fala sobre mulheres abandonadas pelos maridos na Bahia, destaca que frequentemente as esposas ou as amantes desses homens que

participavam do vai e vem dos portos, eram mulheres negras, que para o autor, estas tinham maiores probabilidades de serem abandonadas do que as mulheres brancas (WOOD, 1981:244). A partir disso, Wood narra um processo que atualmente chamamos de *solidão da mulher negra*<sup>23</sup>, uma violência que acomete mulheres negras dentro do processo de racismo estrutural que faz com que elas sejam menos preferíveis ou mais passíveis de serem descartadas ou escondidas perante a sociedade enquanto parceiras, não podemos comparar períodos tão distintos, até porque o concubinato era frequente em toda população pobre, mas em uma escala de longa duração, certamente esses processos influenciam em problemas ainda atuais. Portanto, de acordo com Wood,

Quanto mais escura, mais provável que a mulher fosse abandonada pelo marido ou amante [...] não pode haver dúvida de que na Bahia colonial a aceitação social dependia do grau de alvura da pele. Uma mulata clara podia fazer um bom casamento com um ferreiro, sapateiro ou pedreiro. A leve mancha racial da moça harmonizaria com a baixa condição social do marido branco. Quanto maior o grau de diferenciação racial, maior a tensão no casamento misto. A relação normal seria substituída por uma relação senhor-escrava. A negra seria amante, cozinheira e empregada do homem branco, mas nunca a outra parte da sociedade conjugal. Finalmente, se o homem resolvesse deixar a Bahia, motivos socioeconômicos podia perfeitamente induzi-lo a abandonar a mulher [...] houve vários exemplos de mulheres de cor impelidas pela pobreza a deixar um filho legítimo na Roda porque o marido soldado fora chamado de volta a Portugal. (WOOD, 1981:244).

Em suma, a partir do debate exposto sobre a experiência de mulheres negras no século XIX, podemos concluir que a classificação dessa pobreza urbana, também perpassa as diferentes perspectivas raciais e de gênero. E que esses processos narrados sobre os diferentes motivos que poderiam levar as mulheres a colocarem seus filhos na Casa dos Expostos, também podem ser compreendidos como processos de resistência dentro dessas diferentes existências.

---

<sup>23</sup> Ver mais sobre o assunto em: Grada Kilomba. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019

## CONCLUSÃO

Iniciamos este trabalho afirmando que o perfil das crianças, assim como uma forma de conhecer suas famílias e os motivos para que colocassem seus filhos na Roda. Optamos analisar os dados através de uma perspectiva envolvendo critérios de doença, raça, classe e gênero, e assim foi construído ao longo dos capítulos. Temos a pobreza como a principal causa apontada pelas famílias, mas conseguimos perceber que os motivos para colocarem seus filhos na Casa dos Expostos, fazia parte de um conjunto de situações, fazendo com que a classificação desse grupo fosse um pouco mais complexa, como foi apontado pelas diferenças nas duas cidades.

De um lado temos o Rio de Janeiro, com o perfil da infância assistida que oscila entre as crianças brancas e pardas durante o período do processo de abolição. Destacamos que a cultura material, os chamados “sinais” oscilavam entre medalhas, búzios e contas, sendo as medalhas importantes para o destaque de famílias estrangeiras. Assim como, percebemos que os números de búzios e contas estão em uma linha crescente na instituição, reflexo de uma mudança de perfil da infância assistida.

Os bilhetes que acompanham as crianças do Rio de Janeiro refletem esses dados, mulheres que assinam com a frase “desta sua criada”, em uma posição que reflete uma hierarquia de classe além do respeito com a instituição. Cartas estrangeiras, mulheres que estão doentes no Hospital Geral da SCMRJ, mulheres que precisam deixar a criança por um tempo, mas que prometem pagar as despesas e se identificam, entre outros casos vistos ao longo desta pesquisa e que evidenciam as diferentes demandas dessas mulheres dentro dessa sociedade. Como também, a falta de laços de solidariedade horizontal (COSATI, 2019:59), que faziam com que um caminho possível de amparo fosse a Casa dos Expostos.

Por outro lado, através dos dados de Salvador temos o oposto do verificado na Corte. No quesito perfil da infância assistida e no perfil das famílias, vemos o recorte racial mais claro: as crianças negras são majoritárias na instituição. Além da cor, identificamos essas diferenças também na cultura material, na ausência de símbolos

católicos entre as crianças, refletindo no perfil das famílias e conseqüentemente na pobreza urbana da cidade, marcada por mulheres negras.

Entre os bilhetes de Salvador, observamos que o fato de termos uma pobreza com cor demarcada, refletia nas hierarquias sociais da escravidão, a partir de bilhetes acompanhados com carta de alforria de algumas crianças, e as menções de serem livres ou forras. Mesmo após a Lei de 1871 que previa garantir que toda criança nascida de um ventre escravizado se tornaria livre. Além disso, temos assim como no Rio de Janeiro, os casos de mulheres doentes, que aparecem também nas justificativas na falta de leite e da impossibilidade de amamentar, que além da doença, podem também estar relacionados com uma má alimentação, decorrente da pobreza em que se achava. Por fim para Salvador, temos ainda alguns casos em que a gravidez é descrita como um “um crime” de cunho moral, por serem de família “importante e rica”. Diferente do Rio de Janeiro que não encontramos nenhum caso como esses, reforçando o argumento das diferenças entre as duas cidades.

Além das diferenças em quem acessava a instituição de ambas as cidades, também destacamos as diferenças internas da própria Casa dos Expostos durante a segunda metade do século XIX. A começar pela mudança dos nomes das crianças, prática que parece ter sido comum em Salvador e menos no Rio de Janeiro, que nos faz questionar qual seria o objetivo da prática e porque não é padrão para as duas cidades. Outra questão são as próprias nomenclaturas de cor, Salvador por exemplo não tem nenhuma criança classificada como “preta” na década de 1870, mas sim como “crioula”. Essas diferenças só reafirmam a colocação de Sanglard sobre a Casa dos Expostos ser um microcosmo da sociedade (SANGLARD, 2019:109), neste caso refletindo a pobreza urbana das duas cidades.

Outra mudança significativa dentro da Casa dos Expostos, é sobre a diminuição do número de crianças expostas, aquelas em que o abandono é feito de maneira anônima através da Roda. Algumas crianças chegam acompanhadas de ofícios, documentos que indicam que a criança é encaminhada de alguma instituição, como a Delegacia de Polícia, o Hospital Geral da SCMRJ, o Hospício N. Senhora da Saúde e outras têm seus responsáveis identificados nos próprios bilhetes. Para Salvador, destacamos que o número de crianças maiores de um ano é significativo na instituição, o que nos faz pensar que essas já não entravam a partir da Roda, são as chamadas “em educação”, uma categoria utilizada para essa Casa dos Expostos. Seus pais são identificados e algumas vezes justificam o ato sobre a condição da pobreza em que se acham, essas já não são

encaminhadas para a criação externa e os registros destacam quando saíram para locação de serviços pela instituição, dando a entender que era uma estratégia dessa camada da população que também buscavam garantir um ofício para seus filhos.

Destacamos ao longo dos capítulos essas crianças, além das expostas, enquanto temporárias e desamparadas, categorias que ganham livro próprio de registro apenas no início do século XX (SANGLARD, 2016:347) mas como podemos perceber, já faziam parte do cotidiano da instituição.

Além do perfil racial e de classe dessa infância e dessas famílias, destacamos também através dos bilhetes e ofícios, o perfil de gênero dessa pobreza assistida. A partir deste ponto que a discussão de gênero se fez necessária dentro da interseccionalidade no perfil da pobreza urbana, já que em ambas as cidades a questão de gênero nas crianças não foi uma categoria determinante na questão do abandono, mas ao falarmos das famílias o gênero se destaca. Conseguimos observar as mulheres imigrantes no Rio de Janeiro, refletindo o fluxo da cidade na segunda metade do século XIX, como também, observamos que a questão da saúde da mãe é fundamental para o destino da criança, já que doente diminuiria as chances de sustento de ambas, além de percebermos que a maioria dos bilhetes fazem menção às mães, seja escrito por terceiros ou supostamente por elas.

A partir dessa discussão de gênero, de entendermos que mulheres são o perfil dessa pobreza urbana, também discutimos que mulheres são essas a partir de um recorte racial. Se tratando de um período escravocrata, a discussão racial se faz fundamental para compreender essas diferentes realidades que acessaram a instituição, já que existe essa complexidade na pobreza urbana, a camada racial faz com que essas vivências perpassem processos diferentes que não podem ser ignorados. Principalmente ao falarmos sobre a instituição de Salvador, em que a pobreza tem uma cor demarcada.

Em síntese, as questões aqui levantadas ao longo deste trabalho, buscaram contribuir e avançar no debate sobre o estudo da infância pobre, assistida na instituição da Casa dos Expostos. Evidenciando a pobreza urbana de ambas as cidades, como ativas nos processos de mudanças do perfil da instituição, frente aos problemas enfrentados no cotidiano. Entendendo como o perfil dessa pobreza urbana, da segunda metade do século XIX a partir da Casa dos Expostos das cidades do Rio de Janeiro e Salvador, mulheres, que diferente do estereótipo oitocentista, movimentavam a sociedade em diferentes esferas, neste caso, buscando garantir o sustento de seus filhos.

## ANEXOS

### Anexo 1: Rodas originais da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro no Acervo Educandário Romão Duarte



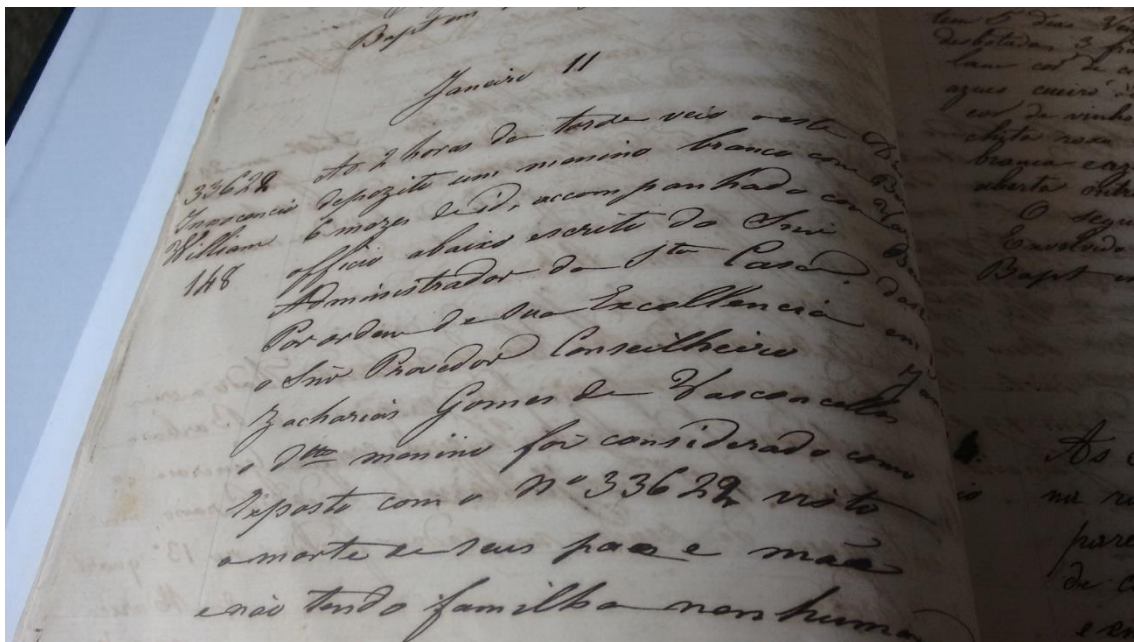
**Fonte:** Imagem da Justiça Federal do Tribunal Regional Federal da 2ª Região, feita em 2018. (<https://www10.trf2.jus.br/portal/justica-federal-vai-ao-cidadao-caijf-visita-educandario-romao-de-mattos-duarte/> acesso em 27/02/2023)

## Anexo 2: O abandono nas Rodas



**Fonte:** Ilustração reproduzida da internet, retirada do site o jornal “Gazeta do Povo” (<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/um-abrigo-para-bebes-abandonados-bz3wyr2ezy5uwepk6fn338d3i/> acesso em 27/02/2023)

### Anexo 3: Registros da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro



Fonte: Livro de crianças entradas na Casa dos Expostos da SCMRJ. Acervo Educandário Romão Duarte.



## **REFERÊNCIAS**

### **Fontes documentais**

#### **Arquivo do Educandário Romão de Mattos Duarte**

- Livro de matrícula dos expostos, 1870, 1875, 1880, 1885, 1890, 1895, 1900. Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

#### **Arquivo da Santa Casa de Misericórdia da Bahia**

- Livro de Matrícula dos expostos, 1870, 1871, 1872, 1873, 1874, 1875, 1876, 1877, 1878, 1879.

#### **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**

- Relatório Médico do Asilo dos Expostos no ano Compromissal de 1878-1879, Gazeta Médica da Bahia, 4º Volume – Terceira Série, 1879, p.368.

#### **Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

- Recenseamento do Brasil em 1872, liv25477\_v1.

#### **Biblioteca Digital de Obras Raras, Especiais e Documentação Histórica da USP**

- Dicionário de medicina popular e das sciencias accessorias para o uso das familias: contendo a descripção das causas, symptoms e tratamento das moléstias; As receitas para cada moléstia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brasil, de Portugal e de outros paizes ; E muitos conhecimentos uteis. V. 1. Chernoviz, Pedro Luiz Napoleão ([S. n.], França, 1878).

- Dicionário de medicina popular e das sciencias accessorias para o uso das familias: contendo a descripção das causas, symptoms e tratamento das moléstias; As receitas para cada moléstia; As plantas medicinaes e as alimenticias ; As aguas mineraes do Brasil, de Portugal e de outros paizes; E muitos conhecimentos uteis. V. 2. Chernoviz, Pedro Luiz Napoleão ([S. n.], França, 1878).

## **Bibliografia**

ABREU, L. Purgatório, Misericórdias e caridade: condições estruturantes da assistência em Portugal (séc. XV - XIX). *DYNAMIS. Acta Hisp. Med. Sci. Hist. Illus.* 2000, 20, 395-415.

ARAÚJO, M. M. L. As misericórdias portuguesas enquanto palcos de sociabilidades no século XVIII. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 45, p. 155-176, 2006. Editora UFPR.

ARIZA, M. B. A. “Ventres, seios, coração: maternidade e infância em disputas simbólicas em torno da lei do ventre livre (1870-1880)” In MACHADO, Maria Helena P. T. [et al] *Ventres livres? Gênero, maternidade e legislação* – São Paulo: Editora Unesp, 2021.

ASSIS, Machado. *Pai contra mãe*. 1906.

BARRETO, M. R. N. *A medicina luso-brasileira: instituições, médicos e populações enfermas em Salvador e Lisboa (1808–1851)* - Rio de Janeiro, 2005. 257 fls. Tese (Doutor em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, 2005.

\_\_\_\_\_; BARRETO, D. R. “Pobreza, gênero e cor em Salvador do século XIX (1823-1851)”. In BATISTA, S. R. [et al], *Quando a história encontra a saúde* – 1. ed. – São Paulo: Hucitec, 2020. 436 p.

BELMIRO, B. V. G. *Branços, pardos, pretos e cabras: a mudança de perfil dos enjeitados da casa dos expostos da cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX*. 71f. Monografia (Graduação em História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/RJ. 2021.

BRAGA, I. M. R. M. D. A Irmandade do Santíssimo Sacramento de Santo Estêvão de Alfama e a assistência à pobreza (1806–1820). *Tempo*. 2014, vol.20.

CABRAL, C. *Da polícia ao museu: a formação da coleção africana do Museu Nacional na última década da escravidão*. 205 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2017.

CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial* — 2a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

COSATI, Letícia Conde Moraes. *Assistência à infância na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro: a transformação da Casa dos Expostos (1888-1912)*. Dissertação

(Mestrado em História das Ciências). Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2019.

COSTA, E. T. *Resistência feminina em habitações coletivas do Rio de Janeiro: século XX e o uso dessa narrativa nas escolas*. Monografia (Graduação em História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2019.

CARULA, K. Perigosas amas de leite: aleitamento materno, ciência e escravidão em A Mãe de Família. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 19, p. 197-214, 2012.

\_\_\_\_\_, K. Nutrindo enjeitados: amas de leite escravizadas na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro, segunda metade do século XIX. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 86-117, 2022.

CUNNINGHAM, A. Identifying disease in the past: cutting the gordian knot. *Asclepio* - Vol. LIV-1-2002.

FARIA, S. C. “A propósito das origens dos enjeitados no período escravista” IN: *Uma história Social do Abandono de Crianças: de Portugal ao Brasil: Séculos XVIII-XX*. Renato Pinto Venâncio (org.). São Paulo: Alameda/Editora Puc Minas, 2010.

FILHO, A. H. F. *Salvador das mulheres: condição feminina e cotidiano popular na Belle Époque imperfeita*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Salvador (BA), p. 223. 1994.

FILHO, W. F. *Mendigos Moleques e Vadios na Bahia do século XIX*. Editora Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). São Paulo. 1995.

FRANCO, R. *Pobreza e caridade leiga – as Santas Casas de Misericórdia na América portuguesa*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 376. 2011.

FRANCO, R. Discriminação e abandono de recém-nascidos mestiços na América Portuguesa: Os exemplos de Mariana, Vila Rica e Recife. *Varia hist.* 2016, vol.32, n.59, pp.437-469.

GANDELMAN, L. M. “A Santa Casa” In *Misericórdia: um bairro na paisagem do Rio de Janeiro*. Organização: Aline Montenegro Magalhães [et al] - Rio de Janeiro. Museu Histórico Nacional, 2017.

GUALBERTO, Tiago. *Fio-de-contas de coral e figas*. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2015.

- GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. A. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. 114p.
- GUEDES, R. Escravidão e cor nos censos de Porto Feliz (São Paulo, Século XIX). *Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria*. v. 10, n.18, jul. - dez. 2007, p. 489-518.
- HOCHMAN, G.; ARMUS, D. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. 567 p.
- IRFFI, A. S. C. Cabras, caboclos, negros e mulatos: escravidão e núcleos familiares no Cariri Cearense (1850-1884). *Afro-Ásia*, Salvador, n. 53, 2016.
- LIMA, I. S. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. 228p.
- MARCÍLIO, M. L. *História Social da criança abandonada*. São Paulo: HUCITEC, 1998.
- MARCÍLIO, M. L. *História Social da Criança Abandonada*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2019, 411 p.
- MACHADO, Maria Helena P. T. [et al] *Ventres livres? Gênero, maternidade e legislação* – São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- MATTOS, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista (Brasil, século XIX) – 3º ed. rev.* - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- ROSSI, D. S. *Assistência à saúde e à pobreza no interior do sul do Brasil (1903-1913)* - Rio de Janeiro: s.n., 2019. 254 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. 2019.
- RIBEIRO, L. M. *Filantropia e assistência à saúde da infância na Bahia: a Liga baiana contra a mortalidade infantil, 1923-1935*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2011.
- REIS, Isabel Cristina Ferreira dos R277f A família negra no tempo da escravidão: Bahia, 1850-1888. Tese (Doutorado em História Social da Cultura). Universidade Estadual de Campinas, SP: [s. n.], 2007.
- RUSSEL-WOOD, A.J. R. *Fidalgos e filantropos – a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755*. Brasília: ed. UNB, 1981.

SÁ, I. dos Guimarães. A família e os indivíduos - as crianças e as idades da vida. In MATTOSO, J. (Dir.). *História da vida privada em Portugal*. Lisboa: Círculo dos Leitores e Temas e Debates, 2011. v. 3: A idade moderna; p. 71-96.

SANGLARD, G. Entre o Hospital Geral e a Casa dos Expostos: assistência à infância e transformação dos espaços da Misericórdia carioca (Rio de Janeiro, 1870-1920). *Revista Portuguesa de História* – t. XLVII (2016) – p. 337-358.

\_\_\_\_\_, G. “História e ciência da saúde: uma parceria com muitos frutos” IN: *História e parceria*/ Márcia Maria Menendes Motta, Mônica de Souza Nunes Martins (organizadores). - 1 ed. - Seropédica, RJ: EDUR, 2018.

\_\_\_\_\_, G. “A mortalidade infantil no Rio de Janeiro e o projeto e assistência à infância de Antônio Fernandes Figueira (1902-1928)” In *Uma história brasileira das doenças*/organizadores Sebastião Pimentel Franco, Dilene Raimundo do Nascimento, Anny Jackeline Torres Silveira. - 1 ed. - Belo horizonte [MG]: Fino Traço, 2019.

\_\_\_\_\_, G. “Assistência e pobreza no Brasil: percurso historiográfico” IN: BATISTA, S. R. [et al], *Quando a história encontra a saúde* – 1. ed. – São Paulo: Hucitec, 2020. 436 p

\_\_\_\_\_, G.; FERREIRA, L. O. Pobreza e Filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 27, p. 71-91, 2014.

SANTOS, Jocélio Teles. “De pardos disfarçados a brancos pouco claros: classificações raciais no Brasil dos séculos XVIII-XIX”. *Afro-Ásia*, 32 (2005), 115-137.

SOIHET, R. *Condição Feminina e Formas de Violência. Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.

SOUZA, L. L. *Os colares sagrados da memória: tradição, axé e identidade no candomblé de matriz africana iorubá*. Tese (Doutorado em Memória, Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2019. Vitória da Conquista, 2019. 235f.

TELES, L. F. “Mães e amas de leite nas malhas dos interesses escravistas: mercado urbano de aluguel, abandono e morte de bebês ingênuos no Rio de Janeiro (1871-1888)” In MACHADO, Maria Helena P. T. [et al] *Ventres livres? Gênero, maternidade e legislação* – São Paulo: Editora Unesp, 2021.

TAVERNA, A. R. [et al]. Processo histórico do analfabetismo no Brasil (1500-1945). *Brazilian Journal of Development, Curitiba*, v.8, n.9, p. 62250-62265, sep., 2022.

VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias Abandonadas. Assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador - séculos XVIII e XIX*. Campinas: Papirus, 1999.

VENÂNCIO, R. P. Infância e pobreza no Rio de Janeiro 1750-1808 *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 36, p. 129-159, 2002. Editora UFPR.

VITÓRIA, M. R. M. *Os filhos da Misericórdia: cotidiano e vivências das crianças expostas na Santa Casa de Misericórdia de Salvador*. 117 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.